

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

F. J. OLIVEIRA VIANNA	Populações meridionaes do Brasil (II)	415
ALCEU AMOROSO LIMA	Souza Bandeira	427
MONTEIRO LOBATO	Cavalleria rusticana	431
LINDOLPHO ESTEVES	Poesias	441
A. DE SAMPAIO DORIA	Methodologia do ensino e literatura didactica	447
MEDEIROS E ALBUQUERQUE <small>da Academia Brasileira</small>	Livros...	486
A. CARNEIRO LEÃO	Oliveira Lima	496
GODOFREDO RANGEL	Vida Ociosa (romance)	506
COLLABORADORES	Resenha do mez	520

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 20 - ANNO II

VOL. V

AGOSTO, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Um poeta — Questões de ensino publico (*Carlos da Silveira*) — **Notas de Sciencia** (A reeducação dos surdos da guerra — A preparação scientifica) *M. P.* — Cotegipe (*Oliveira Lima*) — Os heróes do sertão (*Henrique Silva*) — A autoria de “Arte de Furtar” (*João Ribeiro*) — Gomes Leal (*Mayer Garção*) — Antonio Feijó (*Pinto da Rocha*) — O imposto territorial — A confederação luso-brasileira — A instrucção technica em Portugal — A cooperação agricola na Allemanha — Medicina e medicos — As caricaturas do mez.

As assignaturas começam em qualquer tempo
e terminam em Junho ou Dezembro

A “REVISTA DO BRASIL” só publica tabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA

REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO

ALFREDO PUJOL

SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO	15\$000
SEIS MEZES	8\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000	Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000	RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques s quaes quer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3 % ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.



Companhia Industrial "Martins Barros" Engenheiros Constructores Importadores

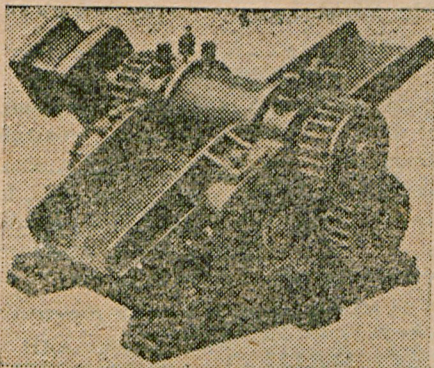
Grandes Officinas Mechanicas, Fundição de Ferro e Bronze, Serraria, Carpintaria, etc.

Escritorio e armazem:
RUA BOA VISTA, n. 46
Telephone 11-80 - Central
— S. PAULO —

Endereço telegraphico
— "PROGREDIOR" —
— Caixa postal 6

— Officinas e deposito
Rua Lopes Oliveira, 10
(Barra Funda) —
— S. PAULO —

Não comprem machinas ou accessorios, motores, correias, lubrificantes, ferragens em geral, — sem primeiramente indagar da qualidade e dos preços dos artigos que lhe poderemos fornecer, para qualquer ramo de installação agricola ou industrial.



ENGENHOS DE CANNA

Uma das grandes especialidades de nossa casa é a fabricação de ENGENHOS DE CANNA, — desde os typos manuaes até ás installações para grande produção. Contractamos a installação de usinas completas. Fabricamos: engenhos verticaes e horizontaes, para força animal, a vapor ou rodas hydraulicas. As características principais dos nossos engenhos são: — resistencia, elegancia e produção inegualavel. A canna passada pelos nossos engenhos — NÃO DEIXAM NENHUMA PORCENTAGEM DE CALDO. Peçam o nosso catalogo com gravuras. Para pedidos, informações orçamentos, etc. dirijam-se á Comp. Industrial Martins Barros — Rua B. Vista, 46: Caixa 6

orçamentos, etc. dirijam-se á Comp. Industrial Martins Barros — Rua B. Vista, 46: Caixa 6

A' ILLUMINADORA

FUNDADA EM 1889

Casa especial em artigos para illuminação

FOGÕES ECONOMICOS A GAZ E A LENHA

GELADEIRAS AMERICANAS

Installações electricas

- DE -

Luz, Força, Campainhas

47 - RUA DA BOA VISTA N. 47

S. PAULO

Casa de Saude

Dr. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proalmo á casa de Saude (*Alto das Peadizes*)

Caixa do Correio, 12

SÃO PAULO

Telephone, 560

CASA DUCHEN Grandes Armazens
de Alimentação

ENORME SORTIMENTO DE VINHOS

em quartolas e por duzias

Grande variedade em
LICORES FINISSIMOS
Nacionaes e estrangeiros

Não deixem de comprar uma
LAMPARINA IDEAL, ultima novidade:
pratica, economica e higienica

RUA DE S. BENTO, 76

Telephone, 429

Joaillerie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 de NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes et Marbres

d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à PARIS - 30, RUE DROUOT, 30

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Traversa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças — Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Traversa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Traversa do Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Traversa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-arquitecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Central) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos:
Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107.—**Rio:** Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa. 881. — **S. Paulo:** Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa. 135. Telegrammas: “**Belli**”, Genova (Italia), Piazza Scuole Pio X — Casella 1.459. End. tel. “**Bellico**”.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO — Emi-

lio Rocco — Novidades em caseira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cauteias de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo — **A CASA MARCELLINO** compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

OS ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

• INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA

Loteria de São Paulo

PARA 14 DE SETEMBRO

100:000\$000

POR 9\$000

Os bilhetes estão á
venda em toda a parte



POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL

(POPULAÇÕES RURAES).

II - PREPONDERANCIA DO TYPO RURAL |

I

Quando se abre o IV seculo, toda aristocracia brasileira do sul, como já se disse no capitulo anterior, vive em pleno campo, nos seus solares fazendeiros, lavrando, com os seus escravos, os cannaviaes e as roças cerealíferas, ou pastoreando rebanhos de gado grosso. Apenas nos cargos civis e militares de governo local a sua influencia se revela incontrastavel: nos regimentos de milicias, o corpo de cuja officialidade fórma, e no senado das camaras, onde a sua preponderancia, sobre ser natural, é absoluta. (1) Fóra dahi é nenhuma a sua interferencia na administração da colonia.

(1) — “Os senados das camaras de todos os ditos logares são compostos de pessoas muito nobres, porque em toda a parte se acham moradores de calidades, que com esplendor e autoridade servem a republica”. — (Domingos Loretto — “Desaggravos do Brasil e Glórias de Pernambuco”, cap. 19, l. 3).



E' verdade que vemos um certo numero dos seus representantes na gestão de algumas magistraturas importantes, de ordem civil ou de ordem militar, ouvidorias, juizados, brigadeirias, ou mesmo no governo de capitancias secundarias (2). Mas, da alta officialidade dos corpos de linha, bem como dos quadros burocraticos do governo geral, e da gestão das capitancias de primeira ordem, é tambem verdade que ella está praticamente afastada. Desta porção mais importante da administração colonial a Corôa portugueza se reserva monopolio exclusivo, e a confia, de preferencia, aos delegados da sua vontade, despachados directamente da metropole.

De modo que, assim afastada dos cargos supremos do governo colonial, rebate-se a nobreza territorial, modestamente, na penumbra rural, e pastoreia o gado, e fabrica o assucar, e minera o ouro, e vai ampliando dest'arte o povoamento e a cultura do interior com a extensão das suas derrubadas e a multiplicação dos seus curraes.

Desta obscuridade bucolica, em que ella se esquece, desse longo silencio, em que se mergulha, vem tiral-a, de subito, um facto puramente accidental: — a transmigração da familia imperial, consequente ás conquistas napoleonicas na peninsula.

Este grande accidente historico marca, com effeito, ao sul, uma epocha decisiva, de consideravel transformação, na vida social e politica da nossa nobreza territorial.

II

Realmente, de Minas, de S. Paulo, dos interiores fluminenses, o nosso luzido patriciado rural inicia, desde essa epocha, o seu movimento de descida para o centro ca-

(2) — "Ainda que em geral regidos pelos portuguezes de nascimento, notavam os povos brasileiros que alguns dos seus naturaes já eram aproveitados para os cargos elevados da administração da Republica". (Pereira da Silva — "Historia da Fundação", v. IV, pag. 141). "Cfr." tambem: Domingos Loretto — "Desaggravos do Brazil" e "Glorias de Pernambuco", e Tacques — "Nobiliarchia paulistana".



rioca, onde está a cabeça do novo imperio. Os seus melhores elementos, as flôres da sua aristocracia, entram a frequentar essa "Versailles tropical", que se localisa em S. Christovam. Alli encontram elles, rumorejando já em torno do rei foragido, nos corredores do paço, — de um lado, uma burguezia recém-nada, formada de commerciantes enriquecidos com a intensificação commercial, derivante da lei da abertura dos portos; de outro, uma multidão aristocratica de fidalgos luzitanos, que viera juntamente com o rei, acompanhando-o, em cauda, na fuga precipitada.

Estas tres classes se defrontam, inconfundiveis e hostis, nas intimidades da côrte, junto do rei. **Os nobres da terra**, opulentados de engenhos e fazendas, com o seu historico desdem pelos peões e mercadores. **Os mercadores**, consciences da sua riqueza e da sua força, susceptibilizados por esse desdem offensivo. **Os lusos transmigrados**, com a propapia das suas linhagens fidalgas e o entono impertinente de civilizados passeiando em terra de barbaros.

Ora, enfrentando estes e aquelles, os nossos ricos potentados territoriaes vencem, simultaneamente, uns e outros. Insinuam-se no paço, acercam-se do rei e depois do Principe regente. De tal maneira agem junto de um e outro, que, antes mesmo de proclamar-se a independencia, já estão inteiramente senhores do poder nacional.

Como explicar este triumpho?

III

Comprehende-se o fascinante prestigio que deveria ter sobre a nossa nobreza fazendeira a installação da côrte bragantina no Rio. Os nossos grãos-duques ruraes não haviam por esse tempo esmorecido ainda no seu respeito á realeza luzitana, na sua cavalheiresca fidelidade á magestade ultra-americana.

Durante a phase das explorações sertanistas, em busca das costas do ouro, esta fidelidade é mesmo utilizada com habilidade pelos reis portuguezes. Que por uma carta El-Rey convide a qualquer desses potentados do Rio, de S. Vicente, de S. Paulo, ou de Taubaté, a arremetter con-



tra o deserto, e para logo elle se põe em acção, levantando tropas, organisando bandeiras, angariando socios e mamelucos, para os riscos da aventura temeraria. Tanto quanto a propria cobiça, uma das causas mais efficientes, que explicam a prodigiosa movimentação das bandeiras no II e no III seculos, está sem duvida nessa ardente enutlação de corresponder a tão alta prova da confiança régia. Installada a côrte portugueza no Rio, é natural que essas podestades do interior, algumas já mais ou menos afidalgadas, e todas com o exercicio historico das magistraturas locais cheias de um alvoraço deslumbrado, ao centro carioca.

Esta nobreza territorial não é, aliás, um conjunto de rusticos e incultos caudilhos, á maneira dos potentados feudaes, da idade média. Ha um certo polimento de maneiras na sua sociabilidade, embora já sem aquelle alto timbre aristocratico dos dois primeiros seculos. Grande numero dos seus representantes chegam mesmo a possuir um lastro de cultura intellectual, devéras notavel para esse tempo. (3) Não é raro que muitos delles, dentre os mais opulentos, mandem os florões da sua descendencia ao reino, na frequencia da velha universidade coimbrã. Por outro lado, o ensino jesuitico nos seminarios, que tão largamente se espalham, durante o periodo colonial, pelos interiores de Minas, do Rio e de S. Paulo, faculta também á nobreza rural a aquisição de uma recommendavel cultura em humanidades. O gosto pelos livros e pelos estudos classicos chega a crear verdadeiros autodidactas (4).

Tudo isto é, por certo, muito relativo — porque, em regra, esses magnatas ruraes, na sua maior parte, descuidam-se da cultura do espirito. Os seus typos de escól summariam, porém, não só o que ha de mais moralmente excellente na colonia, como o que nella ha de mais culto, prestigioso e rico.

Com taes tradições de lealdade cavalheiresca, ainda bem vivas no coração; contando entre seus membros al-

(3) — Oliveira Lima — "D. João VI", pag. 413, 254.

(4) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 253, 257, 276.



guns altamente cultos, outros traquejados no convívio europeu, outros afeitos ao trato com governadores geraes e vice-reys; nada mais natural que essa poderosa aristocracia rural, principalmente de S. Paulo e de Minas, transmigrada a côrte bragantina, descesse até o littoral e viesse concentrar-se em torno do rei, atrahida “pelo brilho da côrte real e pela seducção das honras, titulos e dignidades, de que alli se encontrava o manancial.” (5)

Em concorrência com ella, e em busca tambem de dignidades e nobreza, procura igualmente acercar-se do throno uma outra classe, tão poderosa quanto a nobreza rural pela riqueza, mas evidentemente sem o traço de distincção, e mesmo sem a linhagem, dos nossos rusticos matutos. E' aquella burguezia de ricos commerciantes, que a lei da abertura dos portos creára com os altos lucros do commercio estrangeiro, e que se superpozera, á maneira de uma efflorescencia, á massa numerosa e anonyma dos primitivos peões, casta, como sabemos, de pouca cotação na sociedade colonial.

Esta nova classe, sorte de alta peonagem, de feição estritamente urbana, não é inculta, como a congerie dos mercadores. Ao contrário, possui um notavel polimento literario e está cada vez mais familiarizada com as idéas e as cousas da Europa. (6) Este cabedal de cultura e mais a sua fortuna consideravel são as credenciaes com que ella se justifica das suas pretensões á consideração régia e da sua ambição de honrarias. E' quasi integralmente composta de luzitanos; mas, muitos dos jovens brasileiros, que frequentam Coimbra, ou que aqui se fazem illustres, della descendem (7).

Esta classe, de origem e caracter puramente urbanos, contrasta vivamente, nos salões e corredores do paço, com os orgulhosos e austeros senhores territoriaes, descidos, ha pouco do planalto paulista e das montanhas mineiras, e intangiveis nos seus pundonores de independencia e

(5) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 109.

(6) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 107.

(7) — Cfr. — Sylvio Romero — “America Latina”, pag. 176.



hombridade. De 1808 a 1831 ella se faz umas das grandes forças determinantes da nosso historia geral. Nella é que se vão recrutar os “recolonisadores” mais insolentes e virulentos. No fundo, a lucta entre os partidarios da “recolonisação” e os “liberaes” brasileiros não é senão uma lucta entre “burguezes” e “ruraes”, isto é, entre essa nova nobreza urbana, na essencia, luzitana, e a velha nobreza das fazendas, medullarmente brasileira (8).

Entre essas duas classes, verdadeiramente nacionaes, colloca-se uma outra, perfeitamente adventicia; mas, pela qualidade dos seus elementos, altamente influente e prestigiosa. E’ a classe dos fidalgos e parasitas luzos, formigantes nos recessos do paço, em de redor do rei, e, como elle, foragidos aos soldados de Junot. Esta classe é composta inteiramente de orçamentivoros, de burocratas, de pretendentes a burocratas, de pensionistas do Estado e de pretendentes a pensionistas do Estado. (9)

IV

Essas tres classes, de 1808 a 1822, buscam preponderar no paiz e na côrte. Encaram-se, por isso, no paço, cheias de prevenções reciprocas e animosidades indissimulaveis. Os primeiros conflictos coriúcam, rapidos, naquelle ambiente de hypocrisias e cortezanismos (10). Emigrados, burguezes e fazendeiros, todos disputando renhidamente

(8) — Essa lucta se prolonga mesmo depois do acto da abdição; na verdade, só cessa depois da morte de D. Pedro, em 34, e a consequente extinção do partido recolonizador, representado na famosa “Sociedade Militar”, onde predominam os portuguezes. Na “Sociedade Defensora”, com ramificações por todo o paiz, a mais prestigiosa, e onde estão Evaristo, Feijó, etc. aggregam-se os mais genuinos elementos brasileiros, entre os quaes as grandes influencias territoriaes. Cfr. Felix Pacheco — “O publicista da regencia”, pag. 111 e seg.

(9) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 182.

(10) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 66.



pela conquista de empregos e honrarias, procuram lisongear e atrahir a magnanimidade dadivosa do rei.

Nos primeiros annos, coube aos luzos desplantados, maior quinhão nos favores. Dentre as pessoas que se expatriam com o rei, diz um testemunho da epocha, não ha uma só que não tivesse recebido das suas régias mãos a recompensa desse grande sacrificio (11). Luccok conta entre elles um milhar de empregados publicos e outro milhar de dependentes da côrte. Sendo, na sua maioria, homens de pouca, ou de nenhuma posse, vivem todos elles por isso, á custa do erario publico.

Para com a nobreza rural e a burguezia dos grandes commerciantes já não é a mão do rei assim tão liberal e magnanima. Uma e outra "levam quinhão mais modesto nesta ampla sementeira de dignidades, honras, mercês e officios."

Esta preferencia, tão aberta, em favor dos emigrados luzos desgosta e irrita as outras duas classes. Explodem, então, as rivalidades e as ciuadas, denunciando-se em picardias asperas e criticas azedas, de parte a parte.

Os honrados commerciantes da praça, desde que se vêem agraciados com habitos e commendas, sentem-se na necessidade moral de classificar-se, e deixam o balcão pouco condigno. Fazem-se, então, candidatos a empregos publicos — o que equivale dizer que entram a concorrer, nos bastidores do paço, com o cardume dos luzos adventicios. Estes os recebem, como é de esperar, de pé atraz, hostilmente, e os setteiam com epigrammas e ironias pungentes (12).

Como os postos militares, de capitão para cima, acabam, praticamente, por se fazer monopolio dos emigrados luzitanos, os representantes da nobreza rural, por sua vez, se descontentam tambem. Alguns retiram-se mesmo para as suas fazendas, cheios de despeito, e desilludidos (13).

(11) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 183.

(12) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 60, 65.

(13) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 60, 219.



Os fidalgos luzos estão, assim, nos primeiros dias da transmigração, na plena posse das graças da côrte. Esta preponderancia é, porém, ephemera. Porque os grandes senhores ruraes acabam por predominar e vencer todos os seus concurrentes: os luzos, primeiro, e, depois, a burguezia commercial.

Polidos, cultos, orgulhosos, esta subalternidade, em que os colloca a realeza diante do elemento forasteiro, não podia, com effeito, deixar de os ferir, e fundamente, na sua dignidade e pundonor de brasileiros. Reagem. Já não lhes bastam as simples distincções, as honrarias, os crachás, os titulos; vão além; quefem mais do que estes platonismos vistosos. Querem tambem governar, coparticipar dos negocios publicos, administrar este paiz, que fundaram, e que é seu.

Nesse sentido, a acção que desenvolvem junto do throno, durante a estadia de D. João VI e na regencia do principe D. Pedro, é habil, insinuante, diplomatica e efficaz. Dez annos depois da transmigração, isto é, em 1818, já não são mais os luzos, e sim elles, os que maior quinhão conseguem na distribuição dos favores.

E' expressivo sobre este ponto o testemunho presencial do consul da França nesta época, o coronel Maler (14). "O exercito e este reino — diz elle, em officio ao seu governo — tem sido bem impoliticamente esquecido até agora na distribuição das honras e recompensas; e os portuguezes não saberão, nem poderão vêr, a sangue frio, que elles não são siquer considerados como irmãos cadetes dos brasileiros, ou dos seus irmãos que habitam este hemisferio."

Quatro annos mais, e já o elemento nacional está senhor inteiramente do paço. O elemento portuguez, aquelle nucleo de nobres emigrados, que cercava D. João VI, e que este deixára junto do principe, desaparece, pouco a pouco, da côrte, durante a regencia de D. Pedro. Este vê afastarem-se de si e retomarem, um a um, o caminho de Lis-

(14) — Oliveira Lima — obr. cit., pag. 65.



boa, os velhos amigos e os velhos servidores de seu pae: o marquez de Angeja, a familia Belmonte, D. Francisca Telles, D. Luiza de Noronha, D. Maria Barboza de Menezes e tantos outros... Todos elles sentem que a atmospherá palaciana, crescentemente electricada pela idéas nacionalistas, torna-se cada vez mais irrespiravel aos seus pulmões de luzitanos. Com este ou aquelle pretexto — e o principal é o presentimento da revolução proxima—abandonam discretamente a côrte, e retiram-se do Rio. De tal fórma, que o anno de 1822 ainda está nos seus começos, e já não restam mais na côrte siquer “uma dama de honor ou um gentil-homem da câmara”. Apenas “um mordomo e um estribeiro e dous camaristas da princeza” permanecem. (15).

O ambiente da côrte se transmudára a olhos vistos. Passa rapidamente de luzitano a brasileiro. O poderoso patriciado nacional havia batido, em toda a linha, o elemento forasteiro. D. Pedro está com elle. Dahi á cavalgata victoriosa do Ypiranga ha apenas um passo...

Desapparecido o bando dos emigrados luzos (que tornam acompanhando, pela maior parte, D. João VI, na sua retirada, em 1822 fica, desde então, no campo da lucta), defrontando o rural poderoso, vindo dos latós mineiros e paulistas e dos reconcavos fluminenses, apenas a burguezia commercial.

Esta tem. porém, contra si a eiva do luzitanismo, suspeito ao espirito nacionalista, que fala de emancipação e autonomia. Entretanto, é forte, organizada, unida, ambiciosa, influente. Quando rompe a lucta entre o partido brasileiro e a facção militar, que quer a restauração, é ella que promove toda a campanha recolonizadora, e a sustenta com vigor e tenacidade. Comtudo não resiste ao embate — e, ou rende-se, ou é repellida.

Synthese: derrota do elemento estrangeiro, representado no fidalgo adventicio ou no luzo commerciante; trium-

(15) — Oliveira Lima — “Formação historica da nacionalidade brasileira” (ed. franceza), pag. 163.



pho completo do elemento nacional, representado principalmente na alta nobreza fazendeira.

E este triumpho é, aliás, perfeitamente logico. — Nessa sociedade extremamente simplificada, que é a sociedade brasileira dos começos do IV seculo, o tecido social não adquirira ainda esse gráo de complexidade, indispensavel á formação de uma prestigiosa plutocracia, de character estrictamente urbano e de origem puramente nacional. Nesse meio economico rarefeito e dispersivo ainda não se encontram nem os “grandes banqueiros”, nem os “grandes chefes industriaes”, nem os “grandes proprietarios urbanos”, senhores de grandes fortunas prediaes ou grandes detentores de titulos publicos. De propriamente nacional, de fundamentalmente brasileiro, não existem senão esses grandes prestigios e essas grandes ascendencias, que vemos assentarem-se exclusivamente sobre os vastos latifundios do interior. E' essa massa de grandes proprietarios ruraes que fórma a unica classe realmente superior do paiz, aquella em que se concentra a maior somma de autoridade social. Os proprios elementos intellectuaes existentes, representados nas altas profissões liberaes, vinculam-se estreitamente a ella, ou della provêem directamente.

Emancipado o paiz; expulso o elemento forasteiro; repellida a burguezia commercial; nada mais logico que a essa aristocracia territorial caiba o supremo encargo da organização e da direcção geral da nacionalidade. E as academias superiores, que se fundam successivamente ao norte e ao sul, são como que os aparelhos de selecção, os crivos depuradores, por onde as novas gerações ruraes se filtram, antes da sua ascensão aos cimos do poder.

V

Depois de tres seculos de paciente elaboração, a nossa poderosa nobreza rural attinge, assim, no IV, a sua culminancia: nas suas mãos está agora o governo do paiz. Ella é quem vai daqui por diante dirigil-o.



E' esta a sua ultima funcção em nossa historia. Della parte o movimento pastoril e agrícola do I seculo. Della parte o movimento sertanista do II seculo. Della parte o movimento minerador do III seculo. Nella se apoia o movimento politico da independencia e da fundação do imperio. Centro de polarisação de todas as classes sociaes do paiz, a sua entrada no scenario da alta politica nacional é o maior acontecimento do IV seculo.

Como é no Rio que se localisa a séde do novo imperio são os elementos ruraes de S. Paulo, de Minas e do Rio de Janeiro, os que têm, naturalmente, a maior porção das responsabilidades politicas do governo e da organização nacionaes. Esta situação especialissima, que é o facto da sua contiguidade geographica assegura-lhes uma proeminencia tal sobre todos os outros, que os torna os verdadeiros modeladores politicos da nacionalidade toda. Elles é que dão realmente, durante todo o curso dos dois imperios, o peso especifico ao escól dirigente do paiz.

Dentre todos os typos regionaes brasileiros, desde o gaúcho dos pampas ao sertanejo das caatingas, é por isso, o matuto meridional, o rural de Minas, de S. Paulo e do Rio de Janeiro, o mais importante e principal. Estudando-o nos seus centros historicos de formação: nas terras baixas e na região serrana do Rio de Janeiro, nas mattas e campos de Minas e nos platós agricolas de S. Paulo; é d'elle, da sua "evolução historica", da sua "organização social", da sua "formação politica", e da sua "psychologia collectiva", que irão dizer, com minucia e amplitude, os capitulos que se seguem (16).

F. J. OLIVEIRA VIANNA.

(16) — Este estudo e o outro já aqui publicado formam os dous capitulos da introdução de um ensaio sobre as nossas "Populações Meridionaes". Os outros capitulos estudam successivamente a "evolução historica" do typo social das regiões meridionaes, a sua "organização social", a sua "formação politica", e, por fim, como resultante de tudo isto, a sua "psychologia social e politica". Todo o ensaio se distribue assim:



— **Introdução:** — cap. I: “Formação do typo rural”; cap. II: “Preponderância do typo rural”.

— **Evolução histórica:** — cap. III: “Pequena historia do dominio rural”; cap. IV: “Expansão das bandeiras”; cap. V: “Ethnologia das classes ruraes”.

— **Organização social:** — cap. VI: “Funcção simplificadorã do grande dominio rural”; cap. VII: “Genese dos “clans” e do espirito de “clan”; cap. VIII: “Psychologia social da alta classe rural”.

— **Formação política:** — cap. IX: “Historia da capangagem senhoria”; cap. X: “Os grandes caudilhos ruraes e a anarchia colonial”; cap. XI: “O syncretismo dos “clans”: o mechanismo da centralisação”; cap. XII: “O syncretismo dos “clans”: funcção da Corôa”; cap. XIII: “Desintegração da “gens” rural ao sul”.

— **Psychologia política:** — cap. XIV: “Evolução da idéa do Estado”; cap. XV: “Psychologia politica do matuto meridional; cap. XVI: “Instituições de solidariedade privada”; cap. XVII: “Instituições de solidariedade politica”; cap. XVIII: “Formação dos grandes partidos nacionaes”; cap. XIX: “Funcção politica das academias”; cap. XX: “Organização do suffragio nos campos”; cap. XXI: “O sentimento da liberdade politica e sua genese”; cap. XXII: “Psychologia das revoluções meridionaes”.

Este ensaio sobre o typo das regiões agricolas e um outro, tambem já concluido, sobre o typo gaúcho, isto é, o typo das regiões pastoris do extremo-sul, cuja evolução é singular, principalmente no seu aspecto politico, completam o estudo das nossas populações meridionaes. Observo, entretanto, que não é propriamente o rural como “classe social”, mas o rural como “typo psicologico” — o objectivo destes ensaios. E’ sómente estudando o povo brasileiro na sua porção mais typica e representativa, isto é, nas suas varias populações ruraes, que será possivel traçar, com segurança, e sobre bases objectivas, as linhas fundamentaes da nossa psychologia collectiva.



SOUZA BANDEIRA

On doit pleurer les homes á leur naissance
et non pas á leur mort.

MONTESQUIEU.



Souza Bandeira foi uma alma simples; delle, portanto, se não póde dizer sem recato. Cuido que se houvera podido exprimir a maneira como quizera ser lembrado, depois de morto, preferira um sorriso melancolico ao amargor de uma lagrima. Typos ha, de cuja vida irradiou tanta vida, de cujo coração tanta bondade jorrou, que só podem ser evocados sem travor, antes com doçura e prazer: assim foi Affonso Ari-

nos, assim foi Souza Bandeira. E já que na minha pena, embebida de saudades, o correr do pensamento os approximou, não me furto ao desejo de recordar as analogias, que os irmanavam.

Pouco se viam, é certo, mas qualquer coisa de immaterial os ligava, mais forte do que o tempo, e que a distancia: a mesma sensibilidade, o mesmo espirito de largo descortino, um só amor pelos simples. Quando o acaso os reunia,

no curso da vida aventureira de um e do labutar impenitente do outro, apagavam-se as mesquinhas preocupações, fugiam as azas negras que a ambos attribulavam, e entre elles pairava a doce harmonia dos corações da terra, sobrios e virgens.

A ultima vez que me lembra ter visto esvoaçar, nos labios já descorados de Souza Bandeira, o franco sorriso dos momentos de beatitude, foi graças á magia da palavra de Arinos, poucos mezes antes de sua morte, a ultima vez que veio ao Rio. Impressionado com a lenta decadencia physica do amigo, tentou Arinos fazer recobrar sangue áquella face livida. E aproveitando o aspecto da sala onde conversavam, acanhada e triste como todos os escriptorios, esboçou, naquelle ar viciadò de autos e demandas, o contraste com a vida farta do campo, o sadio despertar matutino nas fazendas, a paz das cidades mortas, veneraveis e ancians. E logo, como caminheiro avisado, traçou um itinerario pela velha Minas, onde juntos iriam retemperar os nervos exgotados.

Não lhes quiz a Sorte conceder o bem dè uma pequena viagem pelo velho sólo brasileiro; reservava-lhes a Adversidade, para breve, uma longa, longa excursão pelo mysterio, onde juntos penetraram a curto intervallo.

Souza Bandeira foi bem uma figura expressiva da nacionalidade, uma folha subtil da sensitiva brasileira. A sensibilidade é o character dominante desse esboço de raça que formamos. E' nossa força e nossa fraqueza, forjada por nós, neste pedaço de America, onde viemos formar uma nova civilisação. Os norte-americanos têm a audacia, os ibero-americanos a arrogancia, os luzo-americanos temos a sensibilidade. Ella nos é, hojê, um grande obstaculo, sendo uma virtude na paz, mas vicio na lucta; e as nações nascem da lucta e não do repouso.

Souza Bandeira, era dos ultimos representantes, em nosso meio, do movimento iniciado no Recife, cerca de 1880, por Tobias Barreto, e a que se póde chamar de scientismo. A fermentação intellectual e politica de 1848 na Europa, e a descoberta da Allemanha no Brasil em 1880, foram as causas principaes da illusão scientista aqui. A



meia-ciencia florio entre nós, produzindo a reacção, que óra se manifesta. Estamos caminhando para uma especialisação das preocupações mentaes, e nosso romance de hoje é uma obra de psychologia e imaginação, como nossa sciencia um esforço de methodo e observação conscienciosa. Laus Deo. As generalisações, apanagio do genio, só pódem surgir normalmente do labor aturado dos especialistas.

Não sei se disse bem, affirmando ter sido Souza Bandeira uma das figuras do movimento scientista. Foi um bovarysta desse movimento. Começou, de facto, a vida intellectual, em pleno scientismo, e seu primeiro livro — “Estudos e Ensaios” — disse nos dá um testemunho. Já, porém, nesses esboços esparsos, reunidos sob aquelle titulo, a verdadeira feição do seu espirito, laivado de ironia e graça, surgia nas paginas dos capitulos “O advogado na litteratura”, “O Padre catholico e a Catechese”, escriptos em 1895 e 1899, quando já se lhe apagava da memoria o “cyclone que abalava a somnolenta Academia do Recife” em 1882.

No Rio, iniciou Souza Bandeira a vida forte, e as necessidades da lucta apuraram a penna do publicista, cujo feitio ainda lhe não era o proprio. Proseguindo no terreno da critica, cujos primeiros ensaios tanto deixavam esperar, trilhou afinal um caminho que lhe era propicio. Se percorrermos os artigos ultimamente vindos á luz com o nome de “Paginas Litterarias”, producções de 1902 a 1913, acompanharemos o desdobrar dessas finas qualidades de ironica perspicacia e de synthese, raras na critica indigena, quasi sempre derramada e mordaz, quando não brutal. Souza Bandeira tinha a unção de um discipulo de Renan, na brandura com que tratava os homens e suas obras. Era de uma tolerancia infinita. Antes ironista que “humourista”, tinha tambem a “patativa que lhe cantava no fundo dalma”, como de si proprio costumava dizer um dos nossos mais finos letrados. Descrendo dos homens, evitava manifestar-lhes o seu scepticismo, por temer feril-os. Não era o critico differente do homem. Escrevia com penna de seda, com o que não criou inimigos.



No livro de viagens "Peregrinações", revela-se-nos seu talento, sob uma nova face, já adivinhada, aliás, em outras paginas, como "Snobismo e Cultura": a perspectiva, que emprestava ás narrações. Todo esse livro, de piedoso cruzeiro pela Europa, é uma longa evocação flagrante de épocas vividas, um suggestivo despertar de fantasmas idos. O dom da perspectiva é a qualidade que consagra um escriptor, e Souza Bandeira o teve, ás vezes brilhante.

Esse dom, elle o ia pôr em relevo, com fulgor, se a morte lhe tem demorado o termo por algum tempo mais. O volume, que lhe estava a sahir das mãos, essas paginas de "Evocações", que eram o livro de sua vida e de sua alma, seriam a applicação daquella graça á historia patria, aos homens e ás coisas nacionaes. Ficou-lhe a obra incompleta, apenas debuxada em alguns capitulos. Seria uma contribuição preciosa para a nossa historia anecdotica, tão deficiente e vulgar.

A obra literaria de Souza Bandeira foi um lento itinerario para o nacionalismo. Iniciada sob a inquietação philosophica, encaminhou-a o interesse literario, vindo afinal a firmar-se na preocupação nacional. O bom torrão pernambucano lentamente o chamou a si.

Melhor do que nos livros, porém, vasou elle sua obra na palestra. Foi um conversador delicioso. Como Affonso Arinos, como Gastão da Cunha, como Afranio Peixoto, como Tobias Monteiro, teve a faculdade alada do encantamento pela palavra. Cultivou a anecdota com carinho, e em tal copia, a completar volumes, se colligidas. Até o momento supremo do largar do mundo não perdeu o velho habito; morreu com a anecdota nos labios. Foi-lhe a morte a confirmação da vida. Conhecendo-a, encarou-a sem temor. Inimigo da ostentação, foi-se de nós a sorrir. E com isso nos ensinou a commemoral-o discretamente.

Que estas breves palavras, de um amigo obscuro, floresçam sobre a sua memoria, como as rozeiras em torno aos tumulos dos que se amaram.

Rio.

ALCEU AMOROSO LIMA.



CAVALLERIA RUSTICANA

— Navio?

— Talvez pharol ...

Dava azo á duvida uma luzita vermelha a piscar no horizonte, unica na escuridão da noite. Escuridão, não direi de breu, que não é o breu de sobejo escuro para referir um negror d'aquelles. De cego de nascença, vá.

Ceu e mar fundia-os um só carvão, sem fresta nem pique além da pinta vermelha, que ás subitas se fez amarella.

— Lá mudou de côr, é pharol.

E como era pharol a conversa cahiu sobre pharoes. Eduardo interpellou-me de chofre sobre a ideia que eu delles fazia.

— A ideia de toda a gente, ora essa!

— Quer dizer uma ideia falsa. "Toda a gente" é um monstro com orelhas d'asno e miolos de macaco, incapaz d'uma ideia sensata sobre o que quer que é. Tens na cabeça, respeito a pharol, uma ideia de rua, moeda corrente recebida do vulgo e nunca recunhada na matriz d'uma impressão pessoal. Erro?

— Confesso-te que eu seria capaz de estarrecer um auditorio de casaca, conferenciando sobre esse thema; não affirmo, entretanto, que o pharol descripto se parecesse com algum.

— Pois affirmo-te eu, sem menospreço do teu engenho, que tal conferencia, ouvida por um pharoleiro, poria o homem de olho parvo a dizer como o outro: se percebo, cebo!

— Acredito. E entenderia elle melhor a tua sécca?

— E' de crer. Já vivi uma temporada inesquecivel no pharol dos Albatrozes, e falaria de cadeira.

— Já viveste em pharol! Homem prodigioso que és!...

— E lá fui comparsa n'uma tragedia nocturna de arripiar cabellos. O escuro desta noite evoca-me o tremendo drama...

Estavamos ambos de bruços na amurada do **Orion**, e a hora propiciava o esbagoar d'um dramalhão inedito. Esporeado na curiosidade, provoqueei-o:



— Vamos ao caso, que estes negrumes clamam aspectos que o povoem. E' calamidade a Shakespeare ou Ibsen?

— Assigna o meu drama um nome maior que o de Shakespeare...

— ?

— ... a Vida, a grande mestra dos Shakespeares maiores e menores.

Eduardo começou pelo principio:

— O pharol é um romance. Um romance iniciado na antiguidade com fogueiras armadas nos promontorios, para norteio das embarcações a remo, e continuado seculos afóra até aos nossos possantes holophotes electricos. Emquanto subsistir no mundo o homem o romance "Pharol" não conhecerá epilogo. Monotonico como as calmarias, embrecham-se nelle, a espaços, capitulos de tragedia e loucura, — gravuras pungentes de G. Doré quebrando a monotonia de um diario de bordo. O caso dos Albatrozes foi uma dellas. Gerebita metteu-se no pharol aos vinte e tres annos. E' raro isso.

— Quem é Gerebita?

— Sabel-o-ás em tempo. E' raro isso porque no geral se mettem nas torres maritimos maduros, quarentões surrados pela vida e descrentes das suas illusões. Deixar a terra na quadra verdolenzza dos vinte annos é apavorante. A terra... Nós mal damos tento da nossa profunda adaptação ao meio terreno. A sua fixidez, o variegado dos aspectos, o bulicio humano, a cidade, os campos, a mulher, as arvores... Sabem os pharoleiros melhor do que ninguém o valor dessas teias.

Enlurados num bioco de pedra, tudo quanto para nós é sensação de todos os instantes nelles é saudade ou desejo. Cessam os ouvidos de ouvir a musica da terra, rumorejo de arvoredos, vozes amigas, barulho de rua, as mil e uma notas d'uma polyphonia que nós sabemos que o é, e encantadora, unicamente quando uma segregação prolongada nos ensina a lhe conhecer o rythmo. Os olhos cessam de rever as imagens que desde a meninice lhes são habituaes. Para os ouvidos ha ali, dia e noite, entra anno, sae anno, o marulho das vagas estrelando chicotadas no enrocamento da torre. Para a vista a eterna massa que onduia, ora torva, ora azul, é em cima o outro eterno azul.

Variante unica trazem-n'a as velas que passam ao largo, donairosas como garças, ou os transatlanticos pennachados de fumo.

Figura-te a vida de um homem desraigado á querencia e assim posto, qual galé, dentro duma torre de pedra grudada a um ilhéu tambem de pedra. Terá poesia de longe; perto é allucinante.

— Mas o Gerebita...

— Uma leitura de Kipling despertou-me a curiosidade de conhecer um pharol por dentro.

— "O perturbador do trafego?"



— Parabens pela argucia. Foi justamente a historia do Dowse o ponto inicial do meu drama. Tal desejo incubou-se-me cá dentro e ficou a espera d'ocasião para grelar.

Certo dia fui espairer pelo cáes, e lá estava, de mãos ás costas, a seguir o vôo dos João-Grandes, e a notar a gamma dos verdes luzentes que a sombra dos barcos atraçados ondeia, na agua represada dos portos, quando abicou um lancha e vi saltar em terra um homem de feições duras e pelle encorreada. Ao passar ao pé d'um magote de catraeiros um delles chasqueou em tom amolecado:

— “Gerebita, como vae a Maria Rita?”

O desembarcadiço rosnou um palavrão de grosso calibre e seguiu caminho de sobreceño carregado. Interessou-me aquelle typo.

— “Quem é? indaguei.

— “Pois quem ha de ser senão o pharoleiro dos Albatrozes? Não vê a lancha?”

De facto, a lancha era do pharol. A velha ideia deu-me uma co-tovelada: é hora! Fui-lhe no encalço.

— “Sr. Gerebita...”

O homem entreparou, como admirado de ouvir-se nomear por bocca desconhecida. Emparelhei-me com elle e enquanto andavamos fui-lhe expondo os meus projectos.

— “Não pôde ser, respondeu, o regulamento prohibe sapos na torre; só com ordem superior.

Ora, eu tenho corrido mundo, sei que marosca é essa de ordens superiores. Metti a mão no bolso e cochichei-lhe o argumento decisivo. O pharoleiro reluctou uns instantes, mas corrompeu-se mais depressa do que eu suppuz, e, guardando o dinheiro, disse:

— “Procure o Dunga, patrão da “Gaivota Branca”, terceiro armazem. Diga-lhe que já falou commigo. De quinta-feira em diante. E bico, hein?”

Prometti-lhe um bico caladissimo e tornei ao cáes em cata do Dunga, ilhéo palavroso a quem expuz o negocio. Que sim, disse, que já fizera isso certa vez a “outro maluco”, e sabia prender a lingua para não atanzar a vida aos amigos.

E como me informasse do pharoleiro:

— “E' Gerebita d'appellido ganho no **Puru's** onde serviu como grumete. Ao depois se metteu na lanterna, p'r'amor d'amores, o alarve, como se faltassem ellas por ahi, e bem catitas.

Mulheres! A mim é que não me empecem, as songuinhas. O demo as tolha, que eu...

E foi pelas mulheres além, a dar rijo, com razões nem melhores nem peiores que as de um Shopenhauer d'alto bordo.

No dia aprazado, antemanhã a “Gaivota” largava com rumo ao pharol. Saltei n'um atraçadouro tosco, de difficil abordagem. Encon-

trei o pharoleiro occupado em pulir os metaes da lanterna. Recebeu-me de boa sombra e largou o esfregão para fazer as honras da casa.

Examinei tudo, dos alicerces ao lanternim, e á hora d'almoço já entendia de pharol mais que uma encyclopedia. Gerebíta deu tre-la á lingua e falou do officio com muita psychologia e melhor do que a que um romancista põe n'um romance maçador. Tambem narrou a sua vida desde menino, a grumetagem no **Puru's**, a sua paixão pelo mar, e por fim a entrada para o pharol aos vinte e tres annos de idade.

— "Porque, assim tão moço?"

— "Caprichos do coração, má sorte, coisas... respondeu com ar triste; e accrescentou, após uma pausa, mudando de tom:

— "Pois a vida cá é isto que vê. Boasinha, hein? Entretanto, boa ou má, temos, os pharoleiros, um orgulho: sem nós essa bicharia de ferro que passeia n'agua fumando seus dois, seus tres charutos..."

— "Lá vem um! interrompeu-se, apontando uma fumaça remota. E indo á janella mirou pela luneta o pennacho.

— "Bandeira allemã, duas chaminés, rumo sul. Deve de ser um **Cap**, o **Trafalgar**, talvez. Seja lá que diabo for que vá com Deus. Mas como ia dizendo, sem os pharoleiros a manobrar a "optica" esses comedores de carvão haviam de rachar atoinha ahí pelos bancos. Basta cair cerração e põe-se elles tontos, a urrar de medo pela bocca das sereias, que é mesmo um cortar a alma á gente. Porque então nem pharol nem caracol. E' a cegueira. Navegam com o perigo no leme. Fora disso salva-os o foguinho lá de cima. Pouco antes da minha entrada para aqui houve desgraça. Um cargueiro do "Bremem" rachou o bico ali no Capellão.

Quem é o **Capellão**? Ah! ah! O **Capellão**! Pois o **Capellão** é o raio da terceira pedra a boreste. São tres deste lado, a **Menina**, que é a primeira, a **Gurutuba** que é a do meio. A criminosa é o **Capellão** que reponta mais ao largo e só mostra a corôa nas grandes vasantés. Cá a bombordo inda ha duas, a **Virgem** e a **Maldita**, onde bateu o **Rotterdam**.

— "E aquella lisinha, acolá?"

— "Essa é uma coitada que nem nome tem. E' mansa, está muito perto da terra, não faz mal a ninguem. Ali mora um anequim, bichanca do tamanho do diabo e que gosta de virar canôas. Mas aqui para nós, moço, isso é embromação. Peixe mora em todo o mar, não tem toca como bicho de terra. E' abusão de pescador. Quando ha mar não se enxerga nada por ali, mas se a agua serena e vem vindo a vacante, vae apparecendo um lombo de pedra lisa com geito de peixe. Passa um pescador atolambado, desconhecedor da zona, vê aquillo de longe. E' anequim! é anequim! e toca a safar com o medão n'alma. Se acontece embrabecer a



agua, e dá temporal, e a canôa vira; qu'é de Fulano? tá, tá, tá, foi o anequim! Toda a gente, péga feito mulher velha: foi o anequim do pharol! Ora ahi está como são as coisas. Elle ha muito anequim e tintureiras por aqui. Onde é mar sem cação? Mas dizer que um tal móra ali, é embroma.

E na sua pinturesca linguagem de marítimo, que ás vezes se tornava prodigiosamente technica, narrou-me toda a vida daquellas paragens e da torre. Falou de como, segundo a tradição, se foram baptisando os recifes, os crimes de cada um, as hecatombes periodicas de aves nocturnas que, cegas pela luz, batem de peito contra os vidros da lanterna, juncando o chão de corpinhos latejantes, as medonhas tormentas nas quaes o pharol estremece como a firitar de pavor. Do que não falou Gerebita, naquelle inesquecível dia?

— E o ajudante? Tem-n'o cá?

O rosto do meu pharoleiro mudou de expressão. Vi de relance que eram inimigos.

— “E’ aquelle estupor que lá pesca, disse-me achegando-se á janella e apontando um vulto immovel, acocorado n’um penedo.

— “Está a apanhar garoupinhas. E’ o Cabrea. Máu companheiro, máu homem...

Entreparou. Percebi que mascava uma confidência difficil. Mas a confidencia denunciou-se apenas. Gerebita sacudiu a cabeça e murmurou como de si para si:

— “Está cá de pouco, e é o unico homem no mundo que não podia estar cá!... Já reclamei, já mostrei o perigo ao capitão do porto, mas qual!

Estranha creatura o homem! Insulados do mundo n’aquella fragua, ambos naufragos da vida, o odio os separava... Não faltavam, entretanto, accommodações no pharol para as familias dos seus guardiães. Porque não as tinham ali? Seria um bocado de mundo a lenir as agruras do emparedamento. Interpellei-o, mas Gerebita me retrucou de modo inviezado.

— “Familia não tenho, isto é, tenho e não tenho. Tenho porque sou casado e não tenho porque... Historias! Estas cousas de familia é bom que fiquem cá com a gente.

Notei de novo que a pique d’uma revelação engulia-a a tempo, por desconfiança ou pudor. Suas feições endureceram, sombras más annuuearam-lhe a physionomia. E mais torvo ainda me pareceu quando se abriu a porta e Cabrea entrou, sobraçando uma cesta de pescado. Typo de má cara, passou, sem nos volver um olhar, em direitura á cosinha. Mal se sumiu o bruto, Gerebita exclamou “Raio do diabo!” pespegando n’um caixote expiatorio um murro de fender pinho. Depois:



— “O mundo é tão grande, ha tanta gente no mundo, e me cae aqui o unico companheiro que eu não podia ter!...

— “Porque?

— “Porque?... Porque... é um louco.

Entre o primeiro e o segundo “porque” notei transição radical. Dubio o primeiro, o segundo affigurou-se-me resolutu, como illuminado pelo clarão de uma ideia brotada no momento.

Desde esse dia nunca mais Gerebita abandonou o thema da loucura do outro. Demonstrava-m'a de mil maneiras.

— “E aqui, onde os sãos perdem a tramontana, argumentava, um já assim rachado de telha aos tres por dois rebenta como bomba em fogueira. Eu jogo como não vara o mez. Não vê que modos?

Metade por suggestão, metade por observação leviana, razoavel me pareceu a phophecia, e como Gerebita sem cessar malhava na mesma tecla acabei por convencer-me que o casmurro era um fadado ao hospicio com pouco tempo de equilibrio nos miolos.

Um dia Gerebita abordou a questão nestes termos:

— “Quero que o senhor me resolva este caso: estão dois homens sós n'uma casa; de repente um enlouquece e se atira como um cação sobre o outro. O outro deve deixar-se matar como um porco ou tem o direito de atolar a faca na garganta do bicho?

Era por demais clara a consulta; respondi como um rabula positivo:

— “Se Cabrea enlouquecesse e te agredisse, não havendo socorro á mão, matal-o seria um direito natural de defesa. Matar para não morrer não é crime, mas isto só em ultimo caso, você comprehende.

— “Comprehendo, respondeu-me distrahidamente, como quem lá segue os volteios duma ideia secreta, e, depois de longa pausa:

— “Seja o que Deus quizer, murmurou de si para consigo Deixei-me ficar á janella a ver cahir a tarde. Nada mais triste do que umas ave-marias no ermo. A treva espessára as aguas e absorvia no céu os derradeiros pallores da luz. No poente um leque aluarado, vermelhao nas varetas, com dedadas sangrentas de nuvens a barral-o de listrões horizontaes. Triste... A ardosia do mar, as primeiras estrellinhas entreluzindo estrouvinhadas, o marulho na pedra, tchá, tchá, compassado, eterno... A alma confrangiu-se-me de angustia. Vi-me naufrago, retido para sempre n'um navio de pedra, grudado como craca desconforme na pedranceira da ilhota. E pela primeira vez na vida senti profundas saudades dessa coisa sordida, a mais reles de quantas inventou a civilisação, o “café”, com o seu tumulto, a sua poeira, o seu bafio a tabaco e a sua freguezia habitual de vagabundissimos “agentes de negocios”...



Correram dias. Minto. No vazio daquelle dissaborido viver no ermo o tempo não corria, arrastava-se com lentidão da lesma por sobre um chão liso e sem fim. Gerebita tornara-se-me enfadonho. Não mais narrava pitorescos incidentes da sua vida de marujo. Aferrado á ideia fixa da loucura do Cabrea só cuidava de me demonstrar os progressos della. Fôra desse thema sinistro a occupação era seguir de olhos os navios que repontavam ao largo até vel-os-sumirem-se na curva das aguas, e formular hypotheses sobre a identidade da silhueta. Velas, poucas alvejavam, tirante barquinhas de pesca. Mas uma que surgia levava-me os olhos e a imaginação. Como casa bem com o mar o barco a vela! E que sortidos baratões craquentos são ao pé delle os navios a vapor!

Escunas, corvetas, pequeninos cutters, fragatas, lugres, brigues, hiates... O que lá vae passado, de leveza e graça! Substituem-n'as, ás graças leves, feios escaravelhos de ferro e pixe; a ellas que viviam de brisas e ventos, negros comedores de carvão, bicharocos que mugem roncões de touro enrouquecido.

Progresso amigo, tu és commodo, és delicioso, mas feio a valer. Que fizeste da coisa linda que é a vela enfunada? do barco á antiga, onde resoavam canções de marujo, e todo se enleava de cordame, e trazia gageiro na gavea, e lendas de serpentes marinhas na bocca dos marinheiros, e a N. Senhora dos Navegantes em todos os corações, e o medo das sereias em todas as imaginações? Desfez-se a poesia do reino encantado de Amphitrita ao ronco dos Lusitanias, hotéis ambulantes com garçons em vez de "lobos do mar", incaracterísticos, cosmopolitas, sem donaire, sem capitão de suissas, pitoresco no falar como seiscentos milhões de caravellas.

O carvão sujou a aquarella maravilhosa que desde Hamon e Ulysses vinha o veleiro pintando na tela oceanica...

— Se pára o caso dos loucos e te mettes com intermezzos re-ticenciados para uso de meninas olheirudas, vou dormir. Volta ao pharol, romântico de má morte.

— Devia castigar-te sonegando-te o epilogo do meu drama, filho do Café e do carvão.

— Conta, conta.

— Certa tarde Gerebita chamou a minha attenção para o agravamento da loucura de Cabrea. Adduzia varias provas, concluindo:

— "Queira Deus não seja hoje!..."

— "Tens medo?"

— "Medo? Eu? de Cabrea?"

Quería que tu lhe viesses que estranha expressão de ferocia estampou-se-lhe no rosto... A conversa parou ahí. Gerebita chupava cachimbadas nervosas, fechado de sobreceño como quem ru-



mina uma ideia fixa. Deixou-me e logo em seguida subiu. Como anoitecesse recolhi-me pouco depois e deitei-me. Dormi e sonhei. Sonhei um sonho, agitadissimo, guignolesco, com luctas, facadas, o diabo. Lembro-me que aggreddido por um facinora desfechei sobre elle cinco tiros de revolver; as balas, porém, grudaram-se á parede e deram de resoar e barulhar d'um modo tal que accordei. Mas accordado continuei a ouvir o mesmo rumor, vindo de cima, da lanterna. Presento a catastrophe esperada. Salto da cama e aguço o ouvido: barulho de lucta. Corro á escada, galgo-a aos tres degrãos, mas no topo esbarro com a porta fechada. Tento abril-a; não cede. Eeuto: era de facto lucta. Rolavam corpos no chão, fazendo retinir os vidros da lanterna, e ouvia-se um refolgar precipitado junto com rugidos surdos e embates contra os moveis. Completa a escuridão. Nenhuma restea de luz coava para a escada. Minha situação era esquerda. Ficar ali, inutil, quando portas a dentro dois homens se entrematavam? Estava nisso quando um choque violento escancarou a porta. Um clarão de sol chofrou-me os olhos. Senti nas pernas um tranco e rodei escada abaixo de cambalhada com dois corpos engalfinhados. Ergui-me tonto, em baixo, e vi rebolarem no chão os dois pharoleiros atracados. Gerebita procurava manietar o louco, mas não vingava dominal-o apesar de mais cor-pulento.

Atirei-me á lucta no intento de auxiliar o amigo.

— “Dois contra um! gemeu Cabrea suffocado, é cobardia!

Pela primeira vez lhe ouvi a voz, e hoje noto que nada nella denunciava loucura. No momento pensei diversamente, se é que pensei alguma coisa. Gerebita, com grande assombro meu, tam-bem me repelliu.

— “ Não, não! Eu só!

Nisto um pégão de nortada varreu a torre, e trancou a porta do lanternim com estrondo. Envolveu-nos de novo a escuridão. Começa aqui o horror. Os rugidos que ouvi, os arrancos e sacões formidaveis da lucta nas trevas, a minha anciedade... Estão ahi uns minutos de vida que não desejo ver reproduzidos. Perdi a noção do tempo. Durou muito aquillo? Não sei dizer, só sei que de repente ouvi, escapo ao peito de Gerebita um urro de dôr, e logo em seguida uma imprecação, “desgraçado”, cujas derradeiras syllabas morreram n'um trincar de dentes atassalhando carnes. Cabrea grugulejou uns roncões que se casavam com o arquejar do peito de Gerebita. A lucta cessou. Eu, sem palavras na bocca, cego pela escuridão, só ouvia, fóra, os uivos da nortada, e ali aquelle arquejo do vencedor exausto cahido ao lado do morto. Com os olhos da imaginação eu via isso, que com os da cara enxergava tanto como se estivesse a cabeça envolta em velludo negro.



Não te conto os pormenores do epílogo. Cavei luz e o que vi não te conto. Não te descrevo o hediondo aspecto de Cabrea com a carotida entrecalhada a dentes, cahido n'um lago de sangue. Nem te digo o estado de Gerebita, com a cara e o peito vermelhos, a mão sangrenta com um dedo decepado, e estatelado no chão sem sentidos. Nem te conto os meus transeis diante daquelles corpos martyrisados, áquella hora da noite, daquella horrível noite, negra como esta e sacudida por um vento do inferno.

Na manhã seguinte Gerebita pousou a mão no meu hombro, e disse:

— “O mar não leva daqui os corpos á praia. O mundo não precisa saber de que morreu Cabrea. Cahiu n'agua, morte de marinheiro. E o moço é testemunha de que matei para não morrer. Foi defesa. Agora vae jurar-me que isto ficará para sempre entre nós.

Jurei-o lealmente, apertando-lhe de leve a mão mutilada. E elle, n'um accesso de infinito desalento, quedou-se immovel, a olhar para o chão, murmurando insistentemente:

— “Eu bem avisei. Não me acreditaram. Agora, está ahi, está ahi, está ahi...

Nesse mesmo dia voltou a buscar-me o Dunga, conforme o combinado. Logo que a “Gaivota” largou, narrei-lhe a morte do pharoleiro, romanceando-a: Cabrea, louco, a despenhar-se pela torre abaixo e a sumir-se para sempre no seio das aguas.

O Dunga, assombrado, susteve no ar os remos.

— “Pois morreu? e louco?”

— “Está claro!”

— “Claro lhe parece, que a mim...”

— “Conhecia-o?”

— “Não conhecia outra coisa. Des'que furtou a Maria Rita...”

— “Que Maria Rita?”

— “Pois a Maria Rita, mulher de Gerebita, então não sabe? que elle seduziu, hom'essa.

Abri a minha maior bocca e arregalei o que pude os olhos.

— “Como sabe disso?”

— “E' boa. Sei porque sei, como sei que aquella gaivota que ali vae é uma, e que este mar é mar. A Maria Rita era uma morena de truz perigosa como o demo.

O tolo do Gerebita derreou-se d'amores pela bisca, e casou. E vae ella, a songuinha, mal o homem sahia no **Puru's** mettia em casa ao Cabrea. E nesse jogo viveram até que um dia se foram juntos para outra terra. O pobre do Gerebita se não acabou de paixão é que é teso. Mas entrou para o pharol, que é tambem um modo



de morrer p'ro mundo. Pois bem. A bola vira, o tempo corre, e vae senão quando quem mette o Governo no pharol em lugar do defunto Gabriel? Ao Cabrea! Ao Cabrea que tambem andava descrente da vida porque a Rita correra a terceiro. Coisas do mundo! Agora diz-me V. S. que o homem enlouqueceu e rodou do penedo e lá o rói o peixe. Está bem, antes assim, que do contrario era em ponta de faca que aquillo acabava.

Calei-me. Ha situações na vida em que as ideias se baralham de tal arte que é de bom conselho deixal-as irem-se assentando de per si, como liquidos turvos.

Eis como...

— ... o grande Ernesto foi empulhado por um assassino vulgar!

— Perdão. O facto de se não manejarem floretes não tira aquelle pugilato o character de duello.

— "Cavalleria rusticana" então?

— E porque não?

MONTEIRO LOBATO.



POESIA

O MAR

*A ter de dia o sol em chammass sobre o peito
com que o ceu lhe tortura a carne e sem um grito
de rebellião, o mar semelha-se a um precito
que, á custa de soffrer, se torna á dôr affeito.*

*Mas quando a noite cae, deitado no alveo estreito
e sem pôder sonhar no horror da treva afflito,
o mar se atira contra as rochas de granito
procurando alargar a angustia do seu leito.*

*E ao ver por cima o ceu tão rutilo e tão claro,
de indigencia mendiga um só punhado de ouro,
como o escravo estendido aos pés do seu tyranno*

*Então para o calar, de tedio o ceu que é avaro,
deixa apenas cahir, abarcando um thesouro,
uns farrapos de luz sobre a nudez do oceano...*



O CARACOL

*Desde o romper do dia, o lento caracol
tenta subir um tronco ou galgar um penhasco,
emquanto deixa atraz, a sahir-lhe do casco,
o muco pegajoso argenteando-se ao sol.*

*E neste esforço vão, que emfim o esgota, em prol
da conquista do azul, semeando apenas o asco,
fracassa como o oceano ensaiando num chasco
de espumas attingir a altura de um pharol.*

*Alguns homens assim, querem, a andar de rojo
na existencia, enfrentar as luctas e vencel-as
embora outros ao lado engulhem-se de nojo.*

*O desejo em que estão, de fulgir entre os astros,
impede-lhes o ver e o enfender que as estrellas
somente quando caem do ceu andam de rastros...*

A SOMBRA

*Quando caminho, ao sol, ella caminha,
pára si paro, emfim, no mesmo instante;
A's vezes vem atraz, outras adiante,
descrevendo commigo a mesma linha...*

*E vendo-a nesta imitação mesquinha
de um mourejar tão duro e tão constante,
chego pensar ser ella o caminhante
e eu a sombra que delle se avizinha.*

*As horas, que me prostram na tristeza,
leves lhe correm, como silenciosas
pennas de ave rolando numa alfombra.*

*Antes mudara a minha natureza
na sua de impalpaveis nebulosas,
fosse ella a realidade, eu fosse a sombra...*



DUALISMO

*Escuto a palpitar, dentro do peito,
um outro coração do meu diverso,
moldado pelo musculo perverso
de algum tigre que ruge insatisfeito.*

*Vencido, á mesma dôr eu me sujeito
como todos os seres do universo,
e elle procede sempre por inverso
a blasphemar de tudo que é perfeito.*

*E' o coração talvez de um eu selvagem,
teñaz, que passo a passo me acompanha,
e do qual não me posso libertar.*

*O' que dura e feroz camaradagem!
Si me rio elle geme em dor extranha,
gargalha si me ponho a soluçar...*

O JAGUAR

(Leconte de Lisle).

Ao dr. José Gonçalves.

*Sob o longinquo veu das esarpas sombrias
em ondas esmorece a luz que no ceu arde,
e os pampas absorvendo as sombras erradias
palpitam vagamente á frescura da tarde.*

*Dos brejaes, onde uma herva alta e silvestre abunda,
das dunas, dos capões e das rochas despidas,
sobem para cahir da solidão profunda
sinistras vibrações do sol desconhecidas.*

*A fria e branca lua, atravez dos vapores
e dos ramos passando os seus raios tranquillos,
fere a vaza de um rio em surdos estertores
fazendo reluzir o dorso aos crocodilos.*



*Maxillas a estalar de fome como incudes,
na beira arrastam uns as retorcidas coxas;
outros no humido chão, troncos velhos e rudes,
jazem escancarando á briza as guellas roxas.*

*Num bifido Acaju', qual serpe num ardil,
de focinho para o ar e de olho somnolento,
o mosqueado Jaguar sorve em faro subtil
o odor de carne viva esparso pelo vento.*

*Dentes e unhas apreita ao duello que antegoza,
o corpo a repouzar descachido sobre a anca,
pelas cerdas perpassa a lingua cor de rosa
e ao tronco, remordendo, o tegumento arranca.*

*Torcendo enrola a cauda indolente e travessa
no tronco do Acaju' numa rapida espira;
descança em paz na pata, alongando a cabeça
e fingindo dormir docemente respira.*

*De subito se acolhe ao mattagal hirsuto
como petrificando o corpo fulvo em massa,
dos pampas surge ao largo um touro bicornuto,
de focinho pendente em jactos de fumaça.*

*O touro mal ensaia um passo e alquebra o esforço
ao ver dois olhos perto, e sem que a mais se affoite,
sente-os a resvalar pelo arrepiado dorso
de ouro e sangue a chispar na escuridão da noite.*

*Curvado para o chão nas pernas vacillando,
esvazia a mugir o peito de um arranco,
mas o Jaguar, o corpo em arco retezando,
da forquilha se atira e se lhe agarra ao flanco.*

*Cedendo o touro ao pezo imprevisto se dobra
e a terra a cambalear com os rijos cornos fura;
depois, louco, a correr, nas forças que recobra
arrasta o cavalleiro, ao léo, pela planura.*



*Sobre a movel areia, em vagas como um mar,
cheia de lameirões e de hervaes resequidos
passam, á luz argentea e triste do luar,
cegos de sangue e de ira os dois vultos fundidos.*

*E mergulham além nos immoveis negroses
que afastam para longe os terminos do mundo;
morrem, de instante a instante, os seus surdos rumores,
volvendo a noite e a morte ao silencio profundo.*

SACRA FAMES

(Leconte de Lisle)

*Dormita o mar immenso; erguem-lhe o dorso apenas
as ondas em que a luz põe rutillantes chagas;
as estrellas da noite espalham-se serenas
no silencioso horror das somêbras e das vagas.*

*Fundem-se o céu e o mar num abysmo sem termo,
de tristeza, de paz e de fulgurações
tumba e sanctuario têm esplendores de um ermo
onde olhos a vigiar entreabrem-se aos milhões.*

*O mirifico azul e as aguas veneraveis,
embebidos na luz, resonam lado a lado;
dir-se-ia que o clamor dos seres miseraveis
jâmais lhes perturbasse o sonho illimitado.*

*Pela fome acossado, envolto em pelle rude
o Tubarão, de ronda aos esteppes do mar,
vae, volta farejando ao longe a quietitude,
as maxillas abrindo, em tedio, a bocejar.*

*Pouco lhe importam, certo, o immenso azul distante,
o Triangulo, os Tres Reis, o alongado Escorpião
torcendo no infinito a cauda flammejante
ou a Ursa que constella o claro Septentrião.*



*Afora a carne, emfim, nada ha que elle conheça,
queima-lhe o ventre a sede atavica de sangue;
lentamente prescruta a agua sombria e espessa
com o exorbitado olhar amortecido e langue.*

*Tudo é vasio e mudo. Em cima, á flôr das aguas,
nenhum ente a fluctuar, que a sanha lhe desperte;
então, qual um piloto affastado das fragoas,
recolhe-se a dormir, boiando cego e inerte.*

*Monstro! Como a nós, maus instinctos te consomem
e nem por isso és vil, ou mais desesperado;
Consola-te; si em breve has de matar um homem,
pelo homem, amanhã, tu serás devorado.*

*Do assassinio feroz a fome não recua,
desde os antros da sombra aos ceus resplandescentes;
o homem e o tubarão, victima e algoz, á tua
fria presença, ó Morte, ambos são innocentes.*

Abril, 1917.

LINDOLPHO ESTEVES



METHODOLOGIA DO ENSINO E LITERATURA DIDACTICA

O attributo especifico da literatura didactica é a intuição analytica.

A efficacia do ensino é, em substancia, uma questão de methodo. Não que se desmereça no valor dos programas. Elles são projectos humanos de uma obra divina. Mas ficarão letra morta, si não forem executados, como devem. Na execução, o methodo é o arbitro oracular da maneira intelligente de agir. O professor que explica ou expõe, nas aulas ou nos livros, si não se saturar do methodo, fará obra de máo quilate, sinão, ás mais vezes, semeará desgraças e ruinas. A literatura didactica, sob o aspecto oral ou escripto, se deve aprimorar das mesmas qualidades da literatura commum. O que a extrema desta, é a influencia dominante do methodo, na escolha dos seus assumptos, e na maneira de os encadeiar e expôr.

I

Que é, então, methodo?

Diz quasi tudo a etymologia da palavra: meta, para, fim; hodo, caminho. Methodo é caminho para um fim.

Mas caminho intelligente.

A intelligencia do caminho é a sua propriedade e efficacia para o alcance dos fins. E' caminho capaz de os attingir, com o minimo esforço e menor prazo. Dado que, para um mesmo fim, haja dois caminhos, um seguro e longo, outro breve e perigoso, é de bom senso que o da segurança



prevaleça. Para ir de uma sala á rua, ninguém vae pular janellas, a pretexto de ser, por ahi, o caminho mais curto: não é, evidentemente, o mais seguro. A brevidade vem depois da segurança. A intelligencia ou idoneidade do caminho é, em summa, a segurança mais breve, com que se evita o inutil, na consagração do mais proprio.

Sendo esta a noção generica do methodo, qual é o methodo preciso da educação?

Cada cousa tem o seu methodo. Os methodos da guerra, os da administração publica, os do commercio, não hão de ser os do ensino. Os meios estão em função dos fins. Variando os fins, hão de os meios variar. Na guerra, os fins são a destruição do poder militar do inimigo, e os meios, seguros e breves, para lograr estes fins, são a estrategia e a tactica dos combates.

Em educação, preciso é lembrar os fins e os meios, para fixar a idoneidade destes. Os fins supremos da educação são dois: a formação do espirito, e a formação profissional. A formação do espirito é a correcção e o enfortalecimento da intelligencia e da vontade, com os cuidados subentendidos da saude, força e vigor fisicos. A formação profissional é a criação de habilidades praticas, no genero de actividade, para qual se sinta talhado de nascença o espirito.

Em segundo logar, os meios são as actividades do educando e as do educador. A cada um toca uma actividade certa em qualidade e quantidade.

Professores ha que a chamam toda a si, ensinando demais, reduzindo os seus alumnos a ouvintes passivos. Ainda que os anime a intenção bondosa de proporcionar aos alumnos a maxima facilidade, o caminho é máo, porque não vae ter aos fins visados. Sem esforço proprio, o estudante não aprende, não fórma o seu espirito, não se habilita para a vida, — o que anularia de todo a generosidade do professor.

Por outro lado, cae-se no extremo opposto, deixando ao estudante o trabalho de, por si só, redescobrir, para melhor aprender. Teria elle de observar, como faz o sabio.



orientado apenas pelos canones logicos da inferencia, eliminando, ou variando antecedentes, para, na ausencia, ou variação de consequentes, apanhar a relação de causalidade entre os elementos do fenomeno, que estuda. Adoptada esta doutrina, bem pouco veria o estudante a conhecer. Excluido o concurso do mestre, que abrevia e dirige, o estudante precisaria condensar, em si, os genios de todos os inventores, dilatar por seculos e seculos a sua vida, e ter a boa estrella dos acasos felizes, para, então, ficar senhor da sciencia de seu tempo.

A actividade educadora ha de ser uma cooperação do professor e do estudante. Nem só o esforço do educando nem só o esforço do educador. O essencial é que os dois se coordenem e se ajustem, na realização dos mesmos fins.

Vejamos, primeiro, a justa medida do esforço que cabe ao educador.

E' uma tarefa dupla. Antes de tudo, lhe cumpre fixar e graduar o objecto da actividade educativa para si e para o alumno. Já na criação das escolas, na organização dos programmas, na feitura de livros didaticos, na regencia escolar, o educador, legislando, administrando e ensinando, determina a materia e o gráo de estudos, a que os educandos têm de submeter-se. E' uma determinação inspirada na evolução psychica, e no preparo dos escolares. Em segundo logar, estando a escola em via de função, releva ao professor dirigir o esforço do educando, que se fórma, se habilita e aprende. Nesta sua direcção, não substitue o esforço do educando, tal como as mães que, para ensinar a andar os seus filhos, não andam por elles, mas os fazem andar, encaminhando-os e amparando-os. O educador encaminha os educandos na sua formação mental, moral e profissional, evitando-lhes esforços inuteis, e apontando-lhes o oriente que devem seguir.

Vejamos, agora, a justa medida da actividade que cabe ao educando.

E' uma tarefa de obediencia e de iniciativa. Não da obediencia do fonografo, que tudo regista e tudo reproduz. Mas, apenas na faze da sua inexperiencia, uma subordina-



ção providencial á actividade, que o educador lhe indicar, por melhor, para a sua formação.

E' uma obediencia preparatoria da sua autonomia futura no pensamento e na acção. Com a maioridade que ella prepara, já póde o educando dispensar a orientação obri-gatoria do mestre. Por isto mesmo, é que, dentro da orien-tação traçada pela escola, o educando não deve ser um au-ditor sem voz, mas um principio de energia, que se orienta, para avultar e dominar-se. E' o caso da criança que apren-de a andar. Da mesma fórma, um professor de dança não valsa pelo alumno, mas o faz valsar, ensinando. Um pro-fessor de dactilographia não ha de reduzir os seus alun-os a meros assistentes da sua maestria no officio: sem a actividade propria do educando, escrevendo, elle mesmo, a machina, sob a direcção do seu professor, jámais veria elle a ser dactilographo. O mesmo para todas as discipli-nas. O principio da actividade propria do educando é o uni-co apto a criar e aperfeiçoar a capacidade de acertar, e o habito successivo de agir com acerto.

Lembre-nos que a razão suprema da educação da in-fancia e da mocidade é a sua adaptação ás necessidades de subsistir e prosperar. A eficiencia desta adaptação depen-de da mais viva capacidade de acerto prompto e seguro, e de acção viril e perseverante. Logo, não crear e não des-envolver esta capacidade, mais hade a escola parecer um pacto diabolico, no intuito secreto de forjar vilões e ser-vis, com que as demagogias deverão contar para tudo. Nun-ca será formar homens dignos da liberdade, como é de ri-gor nas democracias, homens criadores do seu destino, bemfeitores de si e dos seus, da patria e da humanidade. Só pela actividade propria, pela livre iniciativa, pelo ha-bito de observar, interpretar e verificar as leis da nature-za, pode o educando adquirir a confiança em si na lucta, que o espera, fóra da escola, por todo o decorrer, suave ou aspero, de sua vida.

Accentuemos, entretanto, ser esta actividade criadora necessariamente orientada pela proficiencia do educador. E' este quem determina ao educando o genero das activi-dades formadoras. Estas serão o que fôr a orientação do



mestre. Logo, o que a tudo prima, nos meios educativos, é a cooperação do educador. Si ella prestar, prestará a actividade obediente do alumno: si ella nada valer, por manca ou errada, nada valerá a actividade obediente do escolar. E todo o prestimo da cooperação educadora está na sua idoneidade para alcançar os fins da educação.

Passemos, então, a ver quais devem ser os moldes idoneos desta cooperação.

O phenomeno, em que ella intervem, é a formação intellectual, moral e profissional, dos educandos. Ora, não se pode favorecer o desenvolvimento de nenhum phenomeno, sinão obedecendo ás leis que o regem. E' o luminoso principio beiconiano, com que se abrem as portas ao exito, em todos os emprehendimentos. Logo, a cooperação educadora se hade pautar pelas leis que regulam a evolução formadora das crianças e dos moços.

Mas a cooperação do educador consta de duas secções: uma preparatoria, e outra realizadora. A preparatoria é a organização das escolas, dos prógrammas, da hygiene, da ordem interna, disciplina, recreios, férias. E' tudo isto a estrutura e o ambiente propicio á actividade dos alumnos e dos mestres. A alma da escola, o que se espera de toda esta organização, é o ensino, é a suggestão magistral de actividades ao educandô que as effectua. O dever supremo do professor é suggerir actividades, com cujo exercicio o educando se fórma, se habilita e aprende. Ora se a efficacia das intervenções humanas, em phenomenos naturaes, depende da conformação dellas com as leis que os regem, o professor só será entendido, com inteireza, no intuito de se educarem os alumnos, se a sua cooperação obedecer ás leis da capacidade humana de aprender.

Mas a capacidade de conhecer ou é percepção ou é raciocinio. Ou conhecemos provando, cheirando, vendo, ouvindo, movendo, apalpando, introspectandô, ou conhecemos por meios de raciocinio. Sei, por exemplo, que o ceu é azul, percebendo. Sei que sou mortal, raciocinando.

Summariemos, então, o mecanismo da percepção e a marcha adquirente de noções claras.



Apresentam-me, agora, um homem que nunca vi, e de que nunca ouvi fallar. Cinco minutos depois nos separamos. Que idéa fiquei fazendo do recém conhecido? Sem duvida, uma idéa vaga e geral: alguma cousa do seu porte, do seu olhar, do seu vestuario, da sua falla. E' uma impressão incompleta e obscura. Dias depois, porém, me acontece revel-o, e, durante uma hora, conversamos sobre assumptos geraes. Deixou-me elle a descoberto uma face da sua intelligencia, não percebida no primeiro encontro. Succedem-se as occasiões de convivencia, durante as quaes tenho ensejo de lhe observar as crenças, o preparo, os preconceitos, os principios, a sensibilidade, e, sobre tudo, os actos. No fim de certo tempo, a minha idéa sobre elle é bem mais completa que a primeira.

A marcha para este resultado é, em todos os casos, a mesma.

Que noção tinhamos nós, quando infantes, da personalidade humana? Uma noção muito geral e obscura. Fomos conhecendo as partes constitutivas do organismo, com as suas differenças individuaes. Na idade escolar, aprendemos, por grosso modo, a anatomia, a circulação do sangue, a digestão, a respiração pulmonar, as secreções, o metabolismo cellullar, a convergencia de todas estas funcções, interdependentes, para o fim unico de manter a vida. Mais tarde, nos revelam certas leis de hereditariedade, que nos solidarizam com as gerações passadas. Então, nos inteiram da influencia decisiva que, sobre a nossa formação, exercem os factores da alimentação, do clima, das instituições politicas, dos usos e costumes sociaes, na inevitavel e eterna evolução das cousas. Depois, nos iniciam no emaranhado mecanismo dos phenomenos psychicos, em suas relações com a actividade cerebral. E sempre noções novas sobre renovados aspectos, corrigindo e ampliando as impressões anteriores, ou nos revelando o absolutamente novo. Então, a idéa que faziamos da nossa propria individualidade, se foi substituindo por idéas cada vez mais claras e mais exactas sobre a mesma realidade em estudo.

E' o que succederia, em um vasto recinto, com numerosas lampadas espalhadas por todos os cantos. Estava ac-



cesa, a principio, só uma, e, por isto, a claridade era mortifica. Accende-se, logo, uma segunda, e o clarão primeiro se intensifica. Accende-se, depois, uma terceira, e o clarão augmenta. Continua-se. Cada lampada nova, que se accende, acclara mais o clarão precedente. Andou-se, aqui, da penumbra inicial do começo, para a claridade viva do fim.

Esta marcha deixa ver bem o que se passa no espirito. E', de entrada, uma noção geral e vaga, a que se dá o nome de "sincretica". São, em seguida, noções novas sobre os varios aspectos, elementos, e relações do mesmo objecto, occurrencia ou phenomeno. E, com cada destas observações parciaes, as idéas anteriores se vão substituindo por idéas melhores em clareza, integridade e exação.

Costuma-se chamar "sintetica" a idéa final desta marcha, como si ella fosse a sintese das noções anteriores com as innovações das analyses. Preferivel será, entretanto, dispensar o termo, porque estas idéas melhoradas, resultantes, não são, como parece ao associacionismo, fusão das idéas anteriores mais as adquiridas pela analyse do mesmo objecto. Em verdade, e verdade, as idéas anteriores e as analyses preparam o cerebro para uma actividade conjugada, de que resulta a idéa nova, melhorada.

A noção primeira, de entrada, note-se bem, a impressão sincretica, recae sobre toda uma realidade complexa. Ninguem começa o conhecimento de uma cousa por uma abstracção, uma generalidade. A' escola, muitas vezes, nos impinge esta inversão, mas é quasi sempre em pura perda. Partindo da noção, imprecisa e geral, do primeiro momento, sobre a realidade total, reparae neste outro ponto: a marcha aquisitiva de conhecimentos aperfeiçoados se compõe de analyses. A chamada percepção sintetica, não é senão o termo de cada analyse, o resultado mesmo das analyses. Por se compor sómente de analyses o trabalho da intelligencia que aprende, se tem dado o nome de "methodo analitico" ao curso aquisitivo de percepções nitidas, exatas e fieis das cousas.

Vale a pena, por isto, lembrar, aqui, as leis de analyse, já para a aquisição de abstracções, já sobre o seu mecanis-



mo mental, quando abstrae em face de um objecto isolado.

Uma criança, até a idade de oito meses, só se alimentára com leite adoçado. Um certo dia, por discuido, lhe dão a beber leite sem assucar. Com a mais natural das energias, ella recusa semelhante leite. O que determina a recusa, dada a igualdade das demais condições, é a impressão da ausencia do assucar. Não lhe sendo innatã a consciencia de doçura, nem a tendo sentido senão só de mistura com o leite, a noção distinta de doçura só agora lhe surge, mas que imprecisa, no dominio da consciencia. Com repetições de fenomenos semelhantes, a consciencia da doçura se aclara. A mesma abstração poderia, tambem, a criança tel-a obtido, si, não tendo sentido a doçura sinão só no leite, um dia lhe dessem a comer qualquer cousa doce. Neste caso, como no primeiro, a consciencia isolada da doçura começa a ter existencia propria no espirito em formação da criança. No decorrer de suas experiencias, estas abstrações, como as demais, esboçadas e obscuras, se accentuam e se aclaram.

Já no primeiro caso, se entrevê a lei: **tudo o que varia em cousas semelhantes, tende a ser objecto de uma consciencia distinta.** E' a lei das variações na unidade, ou na semelhança. Tambem, no segundo caso, já se vislumbra, do mesmo modo, a lei: **tudo o que se repete em cousas variadas, tende a ser objecto de uma consciencia distinta.** E' a lei da unidade nas variações.

E' por esta forma que vamos adquirindo as nossas idéas sobre cousas abstractas. Depois de as termos armazenadas na memoria, com facilidade as podemos reviver, em face de um só objecto, ou fenomeno, capaz de as produzir. Esta operação se submete a uma lei conhecida: **analisam-se, na observação de um objecto, tantas abstrações, quantas relações e aspectos deste objecto já se tenham percebido.** E' a lei do mecanismo das analyses. Costuma-se enunciar esta mesma verdade, dizendo-se que a percepção é uma reapercepção, ou uma prepercepção.

Considerae, nesta altura, um facto permanente, a condição substancial na marcha aquisitiva das percepções:



é o contacto da intelligencia percebente com as realidades a perceber. Podem-se adquirir noções sem este contacto, mas não se digerem: será uma violencia á natureza.

Mas extractemos o mecanismo da percepção. Já não se trata, aqui, do curso aquisitivo de noções valiosas, mas de summariar o jogo mental da percepção.

Conhecemos, de longa convivencia, um certo individuo. Certo dia, avistamos, ao longe, um homem que passa. Mais não percebemos, agora, de caracteristico do que o seu geito de andar. Nem mais é preciso, para nos certificarmos que se trata do tal conhecido. Tantas e tantas vezes o vimos a andar por aquelle geito, tão seu, tão differente do andar de todos, que bastou a impressão do seu andar, para lhe termos a imagem inconfundivel. Podemos jurar tel-o visto naquelle dia.

Eis uma percepção, igual, em substancia, a todas. Qual foi o seu mecanismo?

Primeiro, uma abstracção, a visão de um attributo, o geito do andar. Segundo, a communicacção da actividade cerebral deste attributo com as actividades dos demais attributos, conhecidos, da mesma pessoa. Esta communicacção é possivel, porque os varios attributos, constitutivos do referido ser, se nos associaram mentalmente, por contiguidade, na marcha descrita, com que lhe adquirimos a percepção. Então, mercê desta reactividade cerebral, iniciada pelo attributo de agora, se tem a consciencia de ser fulano, conhecido nosso, aquelle vulto que passa ao longe, e de que, agora, notamos claramente o andar.

De sorte que o mecanismo da percepção se compõe de tres partes: uma abstracção actual, a actividade cerebral das imagens evocadas, e a consciencia de que o objecto da abstracção e o objecto das imagens evocadas são uma só e a mesma realidade.

Variae o caso á vontade. O mecanismo da percepção será, sempre, o mesmo. Ouço, agora, um ruido caracteristico, e affirmo que um bonde passa a pouca distancia de onde estou. O ruido foi uma abstracção, e nada mais. Estava, porém, elle associado, em minhas experiencias anterio-



res, com as outras impressões do mesmo objecto. Foi a reactividade cerebral destas impressões evocadas pela impressão do ruído, que me deu a consciencia de se tratar de um bonde que passa.

O numero e o valor das imagens, evocadas pela impressão actual, varia com os individuos, a idade e a cultura. Uma criança, aos quatro annos, não póde ter num olhar rapido sobre uma arvore, senão uma percepção falha e obscura. Aos quinze annos, porém, tendo já feito estudos especiaes de botanica, a sua percepção, mesmo numa visão ligeira, inicial, já será bem mais completa. A um botânico profissional, então, com a simples impressão geral da côr e da fórma, que seu olhar apanha de relance, a percepção da mesma arvore é sufficientemente completa e nitida.

O que, neste momento, mais convem accentuar, é a mingua e superficialidade das massas aperceptivas da criança, ou imagens do mesmo objecto, evocaveis pela impressão actual. São poucas e não mui seguras as actividades cerebraes associadas á da impressão inicial, e de cujo concurso resultam as percepções.

— Summariemos, nesta altura, a marcha acquisitiva e o mecanismo do raciocinio.

Assisto á morte rapida de um homem, victima de um tiro no coração. Mesmo que nunca me houvessem falado da gravidade de tal ferimento, de agora em diante a idea de tiro no coração me suggere a idea da morte. São duas cousas que me impressionaram em contiguidade, e que, por isto, se associaram mentalmente, de modo que a idea de uma dellas, que, primeiro, se reproduza, tende a despertar a idea da outra.

Admittamos, em seguida, ter notado o acerto de um homem em suas previsões. O que elle dizia ir acontecer, acontecia de facto. Então o objecto do **homem** e o objecto **infallibilidade** se associaram mentalmente, de sorte que a idea de um delles, que se reproduza, tende a despertar a idea do outro. Como a infallibilidade, as ideas de bondade e de maldade, de sabedoria e de atrazo, de religiosidade e de



atheismo, de combatividade e de sociabilidade, e sem numero de outras, se acham associadas, por contiguidade, com a idea de homem.

Mas a relação entre o objecto dellas e o objecto homem ora é contingente, possível ou provável, ora é necessaria, certa, inevitável. Sabe-se que o attributo humanidade coexiste sempre com o attributo mortalidade, ao passo que o attributo atheismo ou infallibilidade ora coexiste ora não coexiste com o objecto homem.

Como havemos de adquirir a consciencia da contingencia ou da necessidade desta coexistencia?

Observando uma e muitas vezes, accumulando experiencias. Vi que fulano morreu de um tiro no coração; era ainda moço. Vi, tambem, que sicrano acertou nas suas previsões. Formulo as duas hypotheses: **tiro no coração mata, o homem é infallivel**. Eis o primeiro passo.

Continuo, porém, a observar. Percebo que outros tiros no coração mataram outras pessoas, fossem velhos ou moços, ricos ou pobres, varões ou mulheres, brancos, amarelos e pretos: todos morreram rapidamente por terem sido feridos a bala ou a faca no coração.

Em meio desta variedade de pacientes, uma cousa me fica em evidencia, constante e a mesma: é que onde houver ferimentos de bala ou faca no coração a morte estará. E' uma idea generica, a idea de uma cousa abstracta, que me resulta suavemente da observação, segundo a lei de que a constancia na variedade tende a ser objecto de uma consciencia nova.

Agora, a segunda hypothese: o homem é infallivel, formulada tão legitimamente como a primeira, pois que nasceram ambas da observação de coexistencia dos dois factos. Continuando, como no primeiro caso, a observar, noto ter aquelle mesmo homem que acertou muitas vezes, errado uma vez. Além d'elle, outros muitos individuos erraram em suas opiniões, falharam em suas crenças, se desmentiram em suas previsões. Do confronto da hypothese inicial com as outras observações, não se verifica a constancia na relação entre o objecto **homem** e o objecto **infallibilidade**. Pelo contrario, os homens ora acertam, ora



erram. A coexistencia da humanidade com a infallibilidade não é, pois, necessaria, mas sim contingente.

Em qualquer hypothese, a marcha adquirente da generalidade é, primeiro, uma hypothese, depois comparações do facto da hypothese com factos semelhantes, ou da mesma especie, e, como resultado desta comparação, a consciencia da necessidade, ou contingencia, na relação dos dois factos, a consciencia da co-existencia, fatal ou fortuita, dos dois factos em uma só e mesma realidade. E' a inferencia.

Assim se adquirem as idéas geraes, os principios, os axiomas.

— Passemos, em seguida, a examinar o mecanismo do raciocinio.

Um medico, chamado a vêr um doente em artigo de morte, logo ao primeiro exame, desengana os interessados — **Não amanhece**, declara, sem rodeios. Este prognostico não é evidentemente uma percepção pura e simples, pois se trata de um facto futuro. E' o resultado de um raciocinio, é uma conclusão, uma previsão.

Qual devia ter sido este raciocinio?

O que o medico percebeu, agora, foi certo symptoma. E' uma abstracção, a consciencia de alguma coisa na realidade presente, que observa. Mas, graças aos seus estudos, e, sobretudo, á sua pratica profissional, o symptoma percebido desperta a idéa da morte inevitavel, dentro de horas. Não foi só uma, senão muitas vezes, que observou, na fórma da marcha exposta, a sequencia da morte rapida ao symptoma que nota. E' a consciencia de que onde houver o tal symptoma estará inevitavelmente a morte rapida, o que lhe dá ensejo ao prognostico desconsolado.

O mecanismo deste raciocinio, como o de todos, se compõe de uma percepção inicial: o symptoma no doente. E' o que, em logica, se chama premissa menor. Vem, em seguida, a evocação de uma idéa pelo attributo, que se analysa, do objecto em observação. Esta evocação e o attributo, que a evoca, constituem a premissa maior. E' uma generalidade, que se logra por analyse de factos variados, é uma inferencia obtida na observação das coisas sobre que dis-



põe, quando não é conclusão de um raciocínio anterior. Por fim, tendo-se a consciencia de que o objecto da imagem evocada coexiste, necessariamente, com o objecto da idéa evocadora, se substitue^a na premissa menor a imagem suggeridora pela suggerida. E' a integração, ou conclusão.

Notemos, agora, este facto culminante para as applicações do ensino. A premissa menor, que abre o raciocínio, é um apanhado dos sentidos, suppõe o contacto da intelligencia, que raciocina, com as realidades, sobre que conclue. A premissa maior, que o predicado da menor suggerre, é uma generalidade analytica de factos em contacto com a intelligencia, que infere. E, por ultimo, a conclusão é um desdobrametno, ou corollario explicito do que, implicitamente, a premissa maior contem, e, por isto, se origina, como ella, no contacto da intelligencia com as realidades.

Todo o raciocínio, pois, tira os seus dados da observação das coisas.

Comparando, então, a percepção com o raciocínio, chegamos á evidencia desta verdade corriqueira, trivialissima: **a origem primaria de ambos, isto é, de toda a capacidade de conhecer é o contacto da intelligencia cognoscente com as coisas a conhecer.** Tudo o que se conheça, sem este contacto, é conhecimento de segunda mão, o qual havia de ter origem, ainda que remota, na observação da natureza.

Ao contacto da intelligencia com as realidades se dá o nome de intuição. Não é toda a observação, mas tão sómente a observação directa, pessoal, do sujeito cognoscente. Este contacto se realisa, a principio, com os sentidos, e, depois, sem os sentidos. O que constitue essencialmente a intuição, é o contacto da intelligencia percebente com as coisas cognoscendas. O que a elimina de todo, é a interferencia, a interposição de uma intelligencia extranha entre o sujeito, que conhece, e as realidades, que vae conhecer. Para saber o que se passa no theatro da guerra, ha dois meios: presenciar os factos, é intuição; ouvir ou lêr narrações de quem os tenha presenciado, já não é intuição. Da mesma fórmula, para saber a lei das evocações psychicas, ha, como para a aquisição de todos os conhecimentos, dois



meios: observar os factos, para, do confronto, se inferir a lei nos termos intuitivos e analíticos já descriptos, é intuição; escutar, lêr e decorar a lei, já formulada por outros, não é intuição. Será um conhecimento de segunda mão, raramente assimilavel com utilidade pratica, e, de nenhuma fórma, efficaz, para a formação das faculdades.

A intuição é, em summa, a fonte de toda a sabedoria: percebe-se por intuição, e raciocina-se com os dados, que a intuição fornece. O que se aprende sem intuição, havia de ter sido obtido por alguém intuitivamente, para, só depois, se transmittir pelo boato, pelo testemunho, de bocca em bocca, por tradição oral ou escripta.

E sempre se compõe de analyses a marcha acquisitiva de conhecimentos.

*
* *

A verdade sobre o methodo de ensino, então, se impõe. A cooperação do professor, na realisação dos fins educativos, é suggerir actividades, com que os educandos se formem, se habilitem e aprendam. Ora a capacidade humana de conhecer se exerce no contacto da intelligencia, que percebe, com as coisas que vae conhecer, isto é, na intuição constante em analyses. Logo é pela intuição-analytica que se ha de modelar a cooperação educadora do mestre.

A intuição-analytica é o methodo supremo e unico do ensino. Tudo mais são confusões e aberrações.

Insistamos.

Tenhamos a paciencia heroica de assistir a algumas aulas de uma grande escola. Esta é de botanica. O professor discorre longamente sobre as plantas. Ninguem lhe póde negar, com justiça, a enorme erudição; mas, no seu ensino, não mostra nunca, quando lhe seria tão facil, os objectos sobre que disserta.

Nesta aula de chimica, o desastre ainda é maior. Na lousa, o professor algebrisa as reacções chimicas, depois de ter feito decorar, durantê alguns dias, as nomenclaturas fastidiosas. Nenhuma experiencia que analyse ou synthetise os corpos. Nem por sombra se realisa o contacto da intelligencia do estudante com os phenomenos ensinandos.

Aqui, a aula é de physica. Discursa o professor sobre installações domiciliaries da electricidade. Mas acontece, ninguem sabe como, que, sendo noite, a luz se apaga, e ninguem sabe fazel-a voltar. Chamado um mecanico, a diffi-culdade se resolveu com a substituição de um fusivel, que se queimara. Ninguem na aula conhecia realmente a funcão do fusivel.

Nesta outra sala, ensina-se grammatica. A licção é da pagina tanto a pagina tanto. Pobres crianças!... Já sabem definir a grammatica, conhecem phonemas e ditongos, metaplasmos e affixos, regras e excepções de genero, numero e grau dos substantivos, adjectivos, regras e excepções de concordancia do sujeito com o verbo, collocação de pronomes, uso dos infinitos pessoaes e impessoaes, definições de adverbios, preposições, conjuncções, figuras de syntaxe, e ainda nada sabem da proposição, que é, no caso, a factó de todos os dias, a unidade psychica!

Só mais uma aula. E' de methodologia. O que logo notaes, é o tom pedagogo da voz do professor, e a sua sabedoria privilegiada de iniciado em mysterios cabalisticos. Os methods, doutora elle, são quatro para fulano, seis para sierano, onze para beltrano. Fala em synthetico, com os olhos postos na synthese chimica. Fala em analytico sem saberem os alumnos as leis de analyse. Fala em indutivo, sem desvendar o mecanismo da inducção. Fala em deductivo, sem explicar a estructura psychica do raciocinio. Não se preoccupa com os factos, sobre que versam os methods: a acção do professor que dirige, a do alumno que se educa, as condições, sobre que se exerce a cooperação directora do mestre. Parece que, de proposito, todos estes factos, constitutivos da materia do methodo, são affastados da intelligencia do auditorio, para maior gloria da sua immensa sabedoria.

Será que estas aberrações são privilegio da escola primaria e secundaria?

Não. Nas escolas superiores, os estudos de pedagogia ainda se não acclimaram. Salva uma ou outra excepção, o methodo ahí é uma algaravia de phrases, ás vezes sonoras, vasias quasi sempre. Repassam-se opiniões, ensinam-se pontos de vista, não se argumenta com razões, não se mos-



tram factos. A preocupação das definições iniciaes é da pragmatica. O ensino rola de abstracção em abstracção, entre nevoeiros de metaphysica, num eterno bate-bocca doutrinario, entre rebeldias de grammatica e innocencias de estylo. O espirito, atordoado e cançado, do estudante são daquelle recinto augusto, ignorando as realidades que fôra conhecer. Já é proverbial dizer-se que, só com a pratica ulterior, se aprende, de quasi nada valendo o curso academico. Mas a pratica do methodo pelos cathedromaticos conseguiria a realidade do ensino academico, como o exige o bom senso e a dignidade profissional.

O segredo está na pratica do methodo intuitivo.

A aula é de botanica? Trata-se, por exemplo, da influencia da luz sobre o crescimento das plantas. Porque não ha de o professor plantar, á vista dos alumnos, um certo legume de rapido crescimento, deixando um delles exposto ao sol, e o outro á sombra? De dias em dias, notem os alumnos as differenças no crescimento, na côr, na vida e belleza de ambos. O phenomeno será, por esta fôrma, aprendido com agrado e para sempre, e, o que é mais, terá concorrido para que os alumnos se habituem a observar a natureza, adquirindo o geito e a segurança de lhes explorar os segredos.

A aula é de chimica? Tende piedade dos estudantes, e não lhe cresteis em flôr a disposição nativa por conhecer a natureza dos corpos. Em logar de lhes engurgitar a memoria de mythos phraseologicos, fazei experiencias poucas, mas fazei algumas. O ideal é que cada alumno faça a experiencia, para aprender devéras. Fazer o professor uma só, para todos, serve como recurso de brevidade na falta de laboratorios. Supponde que a explicação versa sobre o que seja mistura em physica, combinação chimica, sobre o que seja analyse e synthese. Reuni um pouco de enxofre em pó e limalhas de ferro: é uma mistura. Por mais que a revolveis, cada ingrediente conservará a sua existencia autonoma: basta que deiteis a mistura em um pouco dagua, para que sobrenade o enxofre, e o ferro repouse no fundo. Para a idéa de combinação, aquecei parte desta mistura, em cadinho, até a fusão tranquilla: o enxofre e o ferro perdem a existencia propria, fundindo-se, combinando-se em



um corpo novo, sulfureto de ferro. E' uma synthese. Para evidenciar intuitivamente a analyse, aquecei, com um maçarico, em um tubo de vidro, um pouco de pyrita de ferro, bisulphureto de ferro, encontradiço em toda parte; logo o enxofre se desprende do ferro, adherindo ás paredes superiores do tubo de vidro fechado. Por esta fórma, os alumnos jámais se esquecerão destas noções, comprehendidas integralmente. O que, de todo, não se tolera, é este ensino abstracto de chimica, reduzido a decorar nomenclaturas, algebrizando, na lousa, analyses e syntheses, sem uma palpitação de vida e realidade.

E' de physica a aula? Vêde esta lição aos mestres: — “Apresente o professor, diz Ruy Barbosa, aos seus discipulos um magnete natural ou artificial; dê-lho a examinar, ponha-o em contacto com fragmentos de ferro, aço, um pouco de limalha, umas agulhas; approxime successivamente dos polos estas substancias; afaste-as, trazendo-as pouco a pouco até á parte média; mostre-lhes varias hastes imanizadas, suspensas livremente; faça-os distinguir a orientação em que todas se fixam depois de oscillarem algum tempo; encaminhe com discripção as perguntas; e, no correr destes exercicios, os meninos attentos, satisfeitos, avidos, terão descoberto — elles mesmos — a propriedade attractiva do iman, a sua polaridade, a sua tendencia fatal para o norte. Adquiridos assim, estes conhecimentos serão indeleveis no espirito do menino, e contribuirão com a mais prodigiosa efficácia para a evolução educativa das suas faculdades.”

E' do ensino do idioma nacional a aula? Em vez de decorar a grammatica, proporcione o professor a observação directa dos factos da lingua, para, com esta base, inferir a regra. E', por exemplo, numa classe secundaria, o encantado problema da topologia pronominal. Já se havendo os alumnos iniciado na leitura dos classicos da lingua, no manuseio dos seus melhores escriptores, chame o professor a sua attenção para a posição dos pronomes átonos em relação aos verbos, de que elles são complementos. Ha uniformidade nesta posição? E' a regra. Não a encontraes, por se contradizerem os factos classicos a respeito? Aproveite o professor a oportunidade, para lhe ensinar a evolução



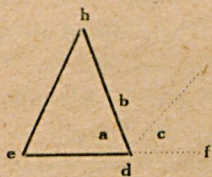
da lingua: a sua marcha vagarosa e eterna para a clareza, que é a sua condição de ser, e para a belleza que é o seu primor de arte. Mostre, então, como o progresso do idioma no caso em estudo, dado o caos da tradição classica, é a selecção daquellas formas, que mais se aproximarem da clareza e da belleza. A selecção feita é a regra. Nesse teôr, se chega á lei, ao preceito, á generalidade, pela observação dos factos individuaes. E', porém, uma classe primaria? As crianças, mercê da convivencia com os maiores, já falam com relativo acerto, na concordancia, na construcção de frases, torneios, inflexões, e conhecem o sentido de numerosos vocabulos. Pois aproveite o professor este cabedal de noções da lingua, adquirido intuitivamente, na convivencia com os grandes. Examine, com elles, as sentenças que usam desde os primeiros alvares da sua intelligencia. Será facil fazel-os distinguir, nas sentenças, as palavras que dão nome ás cousas, ás qualidades, e ás acções: são os substantivos, qualificativos e verbos. As especies de substantivos, e suas regras de numero e genero, as classificações subtis dos verbos, as demais fórmias do adjectivo, a noção do pronome, das relações expressas em preposições, conjucções, os adverbios, virão. progressivamente, com o tempo e o desenvolvimento mental. O que se não comprehende, é esta pratica generalizada de se começar o estudo da expressão verbal do pensamento pela analyse grammatical, por abstracções, como são as palavras, desarticuladas, sem sentido completo. O abandono da sentença, como ponto de partida, tem gerado o mais entranhado horror aos estudos de linguagem.

Chegou a vez da aula de psychologia. O methodo não póde variar: tem o professor de pôr o objecto do seu ensino em contacto com a intelligencia de seus alumnos, para que estes descubram, por assim dizer, a lei, a verdade sobre elle. Trata-se, por exemplo, da lei de que a repetição atenciosa favorece a conservação das idéas. Já ha de ter acontecido que, depois de explicada certa materia, não tenham os alumnos dado boas licções. O professor naturalmente ha de ter reexplicado a mesma materia, e, então, os



alumnos já dão mostra de melhor conhecer. Numa terceira chamada, todos elles enunciam admiravelmente o que ouviram. São factos comesinhos, de todos os dias. Pois, chamando a attenção para elles, os alumnos se embebem na evidencia da realidade, cuja lei, só então, deve ser enunciada.

Nem mesmo a mathematica, que, de proposito, só agora apparece, escapa á necessidade da intuição. Toda demonstração de mathematica é um encadeiamento systematico de raciocinios. A premissa maior de cada raciocinio é a conclusão de raciocinio anterior, a premissa maior do qual é conclusão de outros raciocinios, ou é axioma. Mas os axiomas são, afinal, verdadeiras inferencias, são productos racionaes de observações anteriores. De modo que, pelo lado da **premissa maior**, a fonte originaria dos estudos de mathematica é a communicação da intelligencia com as realidades. Pelo lado da premissa menor, em qualquer raciocinio, a intuição é immediata. Seja a demonstração de que a somma dos tres angulos internos de um triangulo vale 180° : Tome-se qualquer raciocinio, entre os encadeiados na demonstração:



Vêde que os angulos a, b, c, sommados, são todos os angulos possiveis em torno do ponto d sobre a recta ef. E' a premissa menor de um dos raciocinios, é o facto que evoca a idéa de que os angulos formados em torno de um ponto sobre uma recta, valem 180 grãos. E' a premissa maior, resultado de raciocinios anteriores. Então, concluimos que os angulos a, b, c, valem dois rectos. O resto da demonstração se compõe de raciocinios como estes. E qualquer que seja a demonstração de mathematica, é toda ella baseada em percepções actuaes, que fazem de premissas menores,

e de evocações, que são, ou se reduzem a inferências intuitivas. Logo, no ensino da matematica, o contacto da intelligencia, que aprende, com as realidades ensinadas, é a condição de exito e normalidade. Si por maior facilidade se substituem as cousas concretas, sobre que versam os teoremas, por solidos, ou figuras, que as representam, nem por isto a intelligencia se deixa de contagiar com a realidade.

*

* *

Chegam afinal estas exemplificações, todas tendentes a mostrar as vantagens do methodo intuitivo, não só para fazer conhecer, como, principalmente, para desenvolver a capacidade de conhecer pelo fecundo contacto com a natureza.

Passemos, agora, a ver as fórmulas de apresentação das realidades ao espirito do estudante, e a successão natural destas fórmulas na pratica das escolas.

As realidades se podem apresentar de dois modos: aos sentidos, ou á imaginação.

Aos sentidos, primeiramente. Nos seus inicios, a educação não supporta outra fórmula de apresentação das realidades. A linguagem pura sobre cousas ausentes não tem quasi sentido ao entendimento infantil, e, principalmente, não lhes attrae a attenção, não lhes interessa a curiosidade. A presença, porém, das cousas aos sentidos mantem os meninos sob a encantada magia de um espectáculo sempre renovado. Espontanea e permanente é a sua attenção pelas cousas animadas que a circundam.

Acontece, entretanto, que nem sempre se podem ter a mão as realidades em si. Por contingencia inevitavel, a presença dellas, em si mesmas, é de todo impossivel, como a dos factos historicos. Outras vezes, ainda que possivel, a presença material dellas ao espirito do educando acontece ser de tal maneira difficil, que tornaria impraticavel a intuição, si a intuição não podesse existir sem ella. E' o caso dos estudos de geographia de paizes longinquos, ou da zoologia de animaes de outras terras e outros climas.

Note-se que a impossibilidade pratica da presença ma-



terial de taes realidades não deriva da natureza dellas, mas de um concurso de circumstancias inevitaveis. Neste caso, o primeiro recurso é a sua figuração em estampas, gravuras, desenhos, ou, ainda melhor, em projecções luminosas, que as tragam animadas aos sentidos.

Em geographia, por exemplo, se lança mão de cartas muraes, mappas, planisferios, cinematographia. Em historia, porque se não ha de recorrer ás estampas, que representem certos usos e costumes, artes industriaes e guerreiras, habitações, navios e vias de rodagem? Em geometria ha os solidos, tão em uso nas classes intelligentes, os traçados, os desenhos, figurações, em summa, das realidades ausentes, a respeito das quaes se determinam, pelo raciocinio, verdades imperceptiveis pelos sentidos.

Mas, para que as illustrações possam supprir, com interesse, facilidade e proveito, a presença material das realidades, preciso é que os educandos se habilitem a interpretal-as. Para isto, ainda na fase escolar das realidades em si, presentes aos sentidos, cumpre se adextrem na plastica, no desenho, na cartographia geographica, em que as realidades se figuram com dimensões reduzidas, e posições relativas, umas ás outras. A aprendizagem destas cousas é condição para o bom andamento do methodo intuitivo: ella facilita ver, com nitidez e exacção, em representações graphicas, as realidades ausentes, em si, aos sentidos.

Por melhores, comtudo, que possam vir a ser as figurações das realidades, nunca se deve dispensar a presença material dellas, desde que haja possibilidade. No ensino da anatomia humana, por exemplo, ha illustrações admiraveis em nitidez, relevo e fidelidade. Mas não serão jamais capazes de dar ao estudante a consciencia animada e palpitante, que recebem, observando os corpos reaes em necroterios, hospitaes e laboratorios.

Agora, em segundo logar, á imaginação. Ha realidades imperceptiveis aos sentidos, com a da philosophia e sciencia juridica. E', digamos, um lente de direito internacional, que vae explicar a doutrina de que, com o apparecimento dos submarinos, como arma de combate, as leis de morali-



dade e de humanidade, vigentes na guerra, não se derrogam, pois não deixam de ter as mesmas razões de existência. Como ha de evidenciar esta doutrina, apresentando as realidades em si, na sua materialidade viva, ou, mesmo, por illustrações?

E' claro que não póde ser. Mas, note-se bem, nem por isto deixa de ser possível o **contacto da intelligencia que aprende, com as realidades a conhecer.** As realidades se podem apresentar á imaginação, evocando vestigios do que os sentidos apanharam, vestigios capazes de pôr em evidencia o facto que se expõe, se explica e se prega.

Por esta fórma admiravel, sê presencearia á intelligencia a realidade juridica alludida: "Desde que ha, entre os homens, diz Ruy Barbosa, a noção do **meu** e do **teu** se considerou como acto reprovado o de um individuo que se apodera do alheio. Por isto, as gavetas do proximo são sagradas. Isto não é de hoje... Um bello dia, porém, inventa-se a gazua, e o inventor da gazua... nos vem dizer: — Realmente, até hontem era vedado meŕter a mão nas gavetas do proximo; mas ainda não se tinha inventado a gazua que é incompativel com esta lei — Inventada a gazua, o que se segue, não é que a policia deva acabar com a gazua, mas que a gazua deva acabar com as leis que protegem as gavetas".

A lição de direito internacional teria ficado obscura? O methodo, ali usado, de apresentar a realidade ao espirito do auditorio, não logra apenas transmittir uma noção, mas incute uma convicção. A verdade se banha no sol da evidencia para dominar os espiritos.

Mesmo cousas materiaes, na impossibilidade da sua presença actual, aos sentidos, podem e devem ser apresentadas á imaginação pelo mesmo methodo, com que se apresentam as cousas abstractas. O verbo humano é o maravilhoso instrumento deste recurso. E', por exemplo, a fórma da retina, que o professor não tem a mão, nem dispõe, no momento, de illustrações apropriadas. Basta, em tal caso, evocar, por exemplo, a imagem de um guarda chuva aberto, cousa tão conhecida do estudante. Resalvadas as proporções, e retocada, aqui e alli, a idéa da fórma concava-



convexa do guarda chuva aberto mostra claramente a forma da retina. Victor Hugo, querendo explicar, em carta, á sua mulher, uma salina, que acabava de visitar, se exprime mais ou menos assim: "Imaginae, deitado á beira mar, um caixiho quadriculado de janella, em proporções immensas, e vidros embaçados: é uma salina". — Quem deixa de ver, com a imaginação, em todo o seu relevo, só com aquella imagem, uma salina distante?

A explicação deste poder suggestivo da palavra talvez se possa encontrar no mecanismo da percepção: uma excitação actual, a actividade cerebral das massas aperceptivas, e a consciencia resultante de toda esta actividade conjuncta. Ora, a actividade cerebral das evocações é, em grande parte, commum a numero quasi infinito de percepções, pois que são identicos os attributos de numerosos objectos. E' o caso da forma geral do caixiho quadriculado da janella, e da forma de uma salina: a actividade cerebral, de que depende a consciencia da mesma forma em um e outro objecto, não póde deixar de ser a mesma, pois que identicas são as causas externas, e identicas as condições intermediarias. Por isto, evocando-se a imagem do caixiho, se produz uma actividade cerebral, que, como mais que se disser, gera a consciencia da idéa nova.

O segredo da clareza está neste mecanismo cerebral. Elle tem sido explorado, em todos os tempos, por todos os escriptores, nas suas hyperboles, nas suas imagens, nos seus symbolismos, nos seus tropos, nas suas comparações, na trama constante da sua linguagem. Mas, no ensino o uso deste methodo se submette a uma restricção: é a obrigatoriedade de serem as imagens, com que se pretendem mostrar cousas novas, imagens de cousas sabidas e resabidas por aquelles, a quem ellas se dirigem. O contrario seria amontoar difficuldade sobre difficuldade.

A presença das cousas aos sentidos, ou á imaginação, é todo o espirito da intuição. Aos sentidos, só as cousas materiaes, em si mesmas, ou por illustrações: é a intuição sensorial. A' imaginação, porém, se podem tornar presentes todas as realidades, assim as materiaes, como as immateriaes, as concretas como as abstractas, desde que se



tenha o bom tino de usar imagens apropriadas: é a intuição supersensorial

O que define a existencia da intuição, é, tão sómente, o contacto da intelligencia, que aprende, com as cousas a conhecer. Seja este contacto por meio dos sentidos, ou por meio de imagens, sempre contacto é, e, pois, a intuição subsiste. Se, todavia, se quer fazer questão de palavras, reduzindo a intuição ao só percebimento pelos sentidos, como se costuma, chame-se discursiva a phase de apresentação das realidades por meio de imagens. Não terá, porém, isto a menor importancia, porque o essencial é o contacto da intelligencia, que aprende, com as realidades que vae aprender, ao que fica bem o nome de intuição, si se não quer inventar outro melhor.

*

* *

Assentada a actividade pessoal do educando, sem a qual a educação é uma burla; assentada a cooperação do educador, dirigindo a actividade do educando; e, mais, assentado que, sem a presença das realidades aos sentidos, ou á imaginação, a educação jamais atingirá aos seus propositos, passemos a examinar os estadios, os transmittes a marcha normal do methodo.

E' a marcha mental, com que se adquirem as idéas claras sobre as cousas: a passagem, ou a substituição de idéas, com vantagens da verdade, da clareza, da inteireza. Ha, de começo, um ponto de partida, que é a noção geral sobre o todo, ou objecto, que se observa. Ha, em seguida, considerações successivas sobre as partes do mesmo objecto inicial. A' medida que ultimam estas considerações, as noções anteriores se substituem por noções melhores em clareza e acerto, ficando as anteriores de todo esquecidas, ou meros fósseis do que já não é.

Ha, pois, na marcha, com que, por intuição, se adquirem idéas accertadas e vivas, dois objectos dignos de estudo: são estes **todos**, que iniciam os conhecimentos, e estas **analyses**, que os aperfeçoam.

O ponto de partida nunca póde ser, legitimamente, um



aspecto, uma qualidade, uma relação, mas sim o objecto, a cousa, a realidade, que os contem. E' grave erro começar o ensino da leitura pelo alphabeto, em nome de um falso methodo synthetico, por inspiração de uma falsa doutrina associacionista, como tem sido de uso quasi universal; ou começar o estudo da geographia por generalidades, como parallellas, meridianos, movimentos da terra, segundo é de uso na quasi unanimidade dos compendios. Já é uma velharia, que se apregoa, e não se cumpre, de ver o ensino ir do concreto ao abstracto.

Por onde começamos a adquirir a idéa, que hoje fazemos, da arvore? Já, antes da escola, muitas e muitas vezes tivemos o ensejo de vê-las, comparal-as, de lhes notar differenças, de lhes discernir muitas de suas partes, de dar nomes a todas. Na travessia da escola, nos ensinaram botanica, sem, por hypóthese, nos alhearem da natureza. Depois da escola, ainda podemos continuar o nosso estudo sobre o mesmo objecto, cujas differenças, funções e relações, se perdem no infinito. Mas sempre o começo de todos os nossos estudos a respeito foi a primeira visão, em criança, de uma arvore.

E' o todo inicial.

O que seja, exactamente, o **todo** inicial dos conhecimentos não tem sido isento de incertezas e duvidas. A mór culpa é da equivocidade do termo.

O **todo** póde significar duas cousas. O conjuncto dos homens, dos gatos, dos elephantes, e congeneres, é um todo, chamado animal. Neste caso, o **todo** significa o total de muitas cousas, diversas entre si, mas ligadas por caracteres communs. E' evidentemente, uma generalidade, faz parte de uma classificação doutrinaria, implica um trabalho ulterior do espirito. O globo terraqueo é um todo, nesta acceção, pois compreende numerosas cousas genericamente consideradas.

Cada homem, cada gato, cada elephante, cada objecto da geographia, como um rio, ou a orientação do sol, é, por sua vez, um **todo**. Um homem é um todo de muitos organs, capacidade, qualidades e relações sem fim. Neste caso, o **todo** é a totalidade de uma cousa. Não se trata de uma ge-



neralidade scientifica, mas de uma individualidade como se nos depara a natureza.

Em metodologia, o **todo** inicial é a individualidade, e o que tem existencia real e propria na natureza, é por onde começam os nossos conhecimentos antes da escola e de pois da escola. O erro commum da escola é ser uma: solução de continuidade na marcha acquisitiva das idéas. Os todos, como generalidades, não são realidades encontraveis na natureza, mas criações uteis do espirito, que divide os objectos cognociveis do universo em objectos de varias sciencias, e, ainda, para maior clareza, os subclassifica dentro das sciencias. As generalidades são, em verdade, abstracções, a que se deve, e se póde chegar.

Afastada qualquer duvida sobre a significação de **todo** na marcha acquisitiva dos conhecimentos, consideremos o segundo objecto capital da intuição, a sua marcha.

São as analyses. Toda ella se compõe de analyses, na marcha da percepção e na do raciocinio. Quem quer que intente aprender uma sciencia, ou conhecer um objecto complexo, terá de proceder a estudos successivos sobre as partes, ou componentes della, ou d'elle. Cada these, cada problema, cada aspecto de uma sciencia, ou de uma individualidade, é objecto de analyses, de estudos propios.

Na aprendizagem da leitura, é a sentença o todo inicial, o factó de todos os dias, a realidade psychica, a individualidade capaz de analyses. A marcha analitica décompõe a sentença, não ao accaso, mas com observancia restricta ás leis de analyse. A criança ignora a sillaba e a letra, a que não corresponde nenhuma realidade na vida objectiva. A letra e a sillaba são abstracções, que ella vai adquirir, como adquire qualquer abstracção no curso de sua existencia. Aprende, digamos, em dado momento, a dizer **casa**, ao desenho calligraphico, ou palavra, que o professor escreve na lousa. E' claro que não lê propriamente aquella palavra, só com nomeal-a: limita-se a dar nome aos signaes, que fita, da mesma fórmula que chamaria casa, ou arvore, ao desenho destes objectos. Depois, a mesma criança aprende a dizer **cadeira** á palavra, que o professor escreve na pedra. Então, do confronto mental das duas pa



lavras, casa e cadeira, a syllaba inicial **ca** se destaca mentalmente, segundo a lei de que **tudo o que se repete em cousas variadas tende a ser objecto de uma consciencia distincta**. Por combinações intelligentes, com que o mestre prepara, ou enseja a que os seus discipulos analyse, chegam elles a conhecer todas as letras, ao mesmo tempo que apprendem a ler tudo, sem esforço esterilicante, e sem jamais se divorciarem da significação, não commettendo o grave erro de ler, sem a imagem mental dos objectos lidos. psytacicamente, como acontece a todos os que aprenderam a ler pelo detestavel methodo sintetico, violante das leis naturaes.

Na aprendizagem de qualquer lei scientifica, intuitivamente, acompanhando a inferencia, ou a marcha mental de que ella resulta, os passos são sempre de analyses. Seja por exemplo, a noção de egualdade entre o dividendo e o producto do divisor pelo quociente: é uma lei de mathematica. Ao invés de decorar este principio, assim enunciado, póde o professor fazer que os seus alumnos o adquiram por intuição. Tendo, digamos, o professor trazido á aula dez objectos quaesquer, divida-os igualmente por dois alumnos; cada um recebe cinco. Como já sabem multiplicar, faça-os sommarem os dois grupos iguaes de objectos, ou multiplica umr delles por dois. O resultado é o total de objectos do começo. Varie, em seguida, a experiencia, augmentando o numero de objectos, que se repartem igualmente, augmentando o numero de pessoas, com quem os reparte. Em todos os casos, a multiplicação do numero, que cabe a cada um, pelo numero de alumnos, com quem se dividem os objectos, é sempre igual ao numero total de objectos totaes. Deante destes factos, que o professor póde tornar bem variados, uma cousa é sempre a mesma: **O numero total das cousas, que se dividem, é igual ao producto do que toca igualmente a cada um pelo numero daquelles, com quem se dividem**. A generalisação se produz suavemente e necessariamente, segundo a lei da unidade nas variações.

A intuição-analytica foi o espirito deste ensino, a mar-



cha seguida foi inspirada na marcha adquirente das premissas maiores, a qual é regida por uma lei de analyse. O estudante, com semelhante exercicio, fará, por si mesmo, a generalisação, terá, por si mesmo, **descoberto** a lei.

Trata-se, pois, de obter uma simples percepção, cada vez mais clara, mais exacta e mais completa, ou se trate de obter uma generalidade, uma regra, uma inferencia, a marcha da intuição é sempre regida por leis de analyses, se compõe de considerações sobre as partes, os elementos do objecto, occorrença, ou phenomeno, que se estuda.

Afinal, ainda e só duas palavras sobre qual deva ser a ordem de successão dos **todos**, iniciadores de conhecimentos. Sendo, no dominio de cada sciencia, sem conta o numero de realidades, capazes de serem o ponto de partida dos conhecimentos, por qual delles se ha de começar e que successão hão de ellas seguir?

Supponha-se, na historia da humanidade, os seus infinitos factos, pelos quaes se póde começar o ensino, tanto pela antiguidade, como pelos tempos modernos, tanto pela civilisação de povos extranhos, como pela história da patria. Será pela genese da humanidade, ou pela historia da vida do proprio estudante, o melhor ponto de partida, para semelhantes estudos? Assim, em direito, se ha de começar o seu estudo por philosophia juridica, e por direito romano, ou por noções do direito positivo, actual, em nossa terra?

A solução scientifica destes problemas está no espirito mesmo do methodo intuitivo. O essencial é a apresentação das realidades á intelligencia do estudante, a principio, tanto quanto possivel, mediante as cousas em si, ou suas illustrações, e, só depois, com os residuos mnemonicos desta primeira phase, mediante imagens. Por isto, entre o longe é o perto no espaço e no tempo, é claro que se ha de preferir o perto, por mais capaz de relevo, vibração e calor, por mais susceptivel de intuição. Com o que se haja aprendido mais de perto, será facil atinar com o distante.



Em geographia, por exemplo, o **todo**, por que se ha de começar, é qualquer factio geographico do logar onde se ache o aprendiz: a orientação pelo nascimento do sol, a sala de aulas, o pateo, as ruas, a cidade, as colinas, os correios, tudo o que fôr susceptivel de uma observação directa e autonoma. Não será difficil cartographar estas cousas vistas e reproduzil-as, na medida do possivel, em alto relevo, modelagem, ou plastica. A estensão destes estudos, relacionados com estas noções primeiras, depende das necessidades e capacidades do estudante.

Em historia, o **todo** inicial não póde ser a génese bíblica, ou evolucionista, do genero humano, com que se costuma preambular a historia, para, logo depois, divagar sobre um amontoado de nomes, datas, factos, numerosas dynastias, narrações de perfidias, proezas gigantescas. triumphos occasionaes do crime, sem nenhum sentimento da naturalidade dos seus personagens, nenhum sentimento da realidade historica, nenhuma observação da alma humana, nenhuma visão da vida pratica. O **todo** inicial dos estudos da historia é a historia do proprio individuo, a da escola que frequenta, a da cidade que habita, consultando, o estudante mesmo, documentos, certidões de baptismo, monumentos historicos, inscrições, confrontando testemunhos e tradições. Depois, num encadeiamento intelligente, se passa ao estudo da historia patria, na evolução dos seus principios politicos, nos factos dominantes da sua formação, desenvolvimento, aspirações e glorias.

Em direito, o **todo** inicial não póde, legitimamente, ser direito romano, nem tão pouco philosophia do direito, como se faz entre nós. E' um começar pelo passado longinquo, e pelas generalidades de factos, ainda por conhecer. A philosophia juridica, no começo do curso, é exactamente, como a grammatica no começo dos estudos da lingua: é um começar pelo fim. Antes, numa cadeira introductoria de encyclopedia juridica, se aproveitasse a observação, tão de todos, das relações entre os membros de uma casa: a situação dos paes é uma, a dos filhos é outra, e ainda outra é a dos criados. A cada qual toca uma determinada es-



phera de acção, ha regras, ainda que não reduzidas a escripto, sobre o que compete a cada qual fazer, ou deixar de fazer, para que seja possivel a vida harmonica e prospera de todos. A noção, doutrinaria e verdadeira, do direito se póde derivar suavemente desta simples observação intuitiva.

Em resumo, pois, quer se trate do ensino primario, quer do superior, o methodo é sempre a intuição-analytica.

II

Insistamos, agora, na literatura didactica.

A linguagem do professor, que fala ou escreve, se confundiria com a literatura commum, si não fôra a sua preocupação intuitiva, na escolha dos assumptos, e na maneira de os concatenar e expôr. Quem quer que se aventure a escrever para a infancia, não logrará uma linha do seu intento, si não pautar toda a sua linguagem pelas indicações da intuição analytica no seu espirito, no seu curso, e nos seus fins.

a)

NO SEU ESPIRITO

O espirito do methodo intuitivo é o contacto da intelligencia cognoscente com as realidades a conhecer. A negação completa do espirito intuitivo é a interposição de uma intelligencia extranha entre as realidades e o sujeito que as vae conhecer. A intelligencia do educador não deve interferir por este modo, mas fazer que a intelligencia do estudante se contagie com as realidades, guiando-a e arrumando-a.

A realização deste contacto admitté duas fórmas capitaes: a presença das realidades em si, ou por illustrações aos sentidos externos ou interno, e a presença, imaginada, das realidades ao pensamento. A primeira fórma é a unica que vae bem com a infancia, a cujos ouvidos passam geladas e ôcas, como sopro, as palavras cujo sentido elle ainda não aprendeu intuitivamente. A fórma supersensorial da intuição é a continuidade normal e necessaria da primeira, que a facilita e a prepara. A sua existencia é de ab-

solta necessidade para o ensino. Não é o detestado verbalismo, que esteriliza, mas o verbo animado e vibrante, que, com os vestígios sensoriaes, organiza, na imaginação, realidades novas, suggerindo imagens semelhantes ás que se logram no contacto material com a natureza.

O livro, que não apresentar as realidades novas ao espirito do leitor, por illustração ou por imagens, se acha vazio do espirito intuitivo. Do que o leitor já conhece, por intuição, póde o livro limitar-se a lembrar, mas do que o leitor ainda não conhece, daquillo para cujo ensino, afinal, o livro appareceu, não póde fallar sinão por imagens, vestígios mentaes da observação, ou auxiliado de preferéncia por illustrações.

Como o numero de noções intuitivas vae crescendo com a idade, o livro didactico póde ir diminuindo, com o preparo do leitor, a que se destina, no emprego das illustrações e das imagens, pois mais ensejo tem elle de apenas relembrar. Quanto menor fôr, porém, o preparo do leitor, tanto menos póde o livro didactico fallar sem imagens, ou illustrações

Não se conclua que seria improprio o uso das imagens e das illustrações na madureza e na velhice. **Sempre que se tiver de fallar de cousas ineditas ao leitor, a imagem é o espirito da clareza.** Além disto, agrada mais a linguagem constellada de imagens mesmo sobre cousas já sabidas.

Não obstante, a razão suprema das imagens é a necessidade da clareza. Vêde como nenhum escriptor de merito as dispensa. Ao accaso, lêde esta comparação, usada por Coelho Netto, para dar a impressão do homem que, tendô claudicado uma vez, roubando para jogar, roubando depois, para recuperar o perdido e salvar-se, se perde de uma vez: — "montanha escarpada: a gloria e pureza, estão no cimo, no sopé alastra-se o tremedal dos crimes cheios de seduções, de miragens, de enganos. Quem se inclina sente a vertigem e soffre a attração. Si desce um passo, resvala, rola, precipita-se, aprofunda-se. Raros são os que conseguem agarrar-se ás raizes do arrependimento,



às arestas energicas da vontade, salvando-se da perda fatal”.

Não é menos clara e encantadora esta imagem da eloquencia ruybarboseana: “A natureza, amiga de anthiteses, debuxa na rampa das nossas praias, estre o lamarão e a area, a vida rasteira do carangueijo, que nos distrae a ociosidade nas horas de vasante: as suas tontas correrias de lura em lura, a exophthalmia estrabica dos seus pedicuculos oculares, o esconso de sua marcha, o disforme dos seus appendices maxillares, o hostile dessas pinças, promptas na aggressão e innocuas na mordedura, toda uma existencia pequenina, rojante, enlameada, á orla do immaculado anil, da immensidade marinha, omnipotencia incompreensivel, entre cujos braços se estreitam os continentes. Emquanto o sopro de uma grande causa agita em vastas ondulações a opinião nacional, e a grande reivindicção popular, em vagas e vagas, açoitas os diques da rotina, o campo inteiro da politica se vae lurando, como a ribeira descoberta pela baixa-mar, e dos esconderijos esparsos esfervilha á superficie a ralé amphibia, predatoria, carniceira, voraz, fugindo sobre dez pernas á onda que se acerca, e ameaçando com as tenazes dentadas o elemento irresistivel, que daqui a pouco, na enchente, a submergirá”.

Não se póde exprimir com mais clareza, nem mais belleza, tão complicado facto social, nem estygmatizar, com mais acerto e indelebilidade, o caracter dos intrigan tes de baixa extracção social, os adventicios de fachada austera e consciencia a premio.

Não é pois, privilegio da literatura didactica o uso das imagens. O que, neste particular, a differença da commum, é a quantidade e a qualidade das suas imagens: são mais numerosas e mais simples, mais triviaes, mais correntias, mais ao alcance da intelligencia do estudante a quem se falla.

A apresentação das realidades desconhecidas, ou mal entrevistadas, por meio de imagens de cousas conhecidas, ou mais faceis de entender, é o ségreo supremo da clareza, o seu mecanismo mental na linguagem humana. Si quizerdes explicar o que é methodo, e o que é processo, por-



que não haveis de usar de meios faceis, como este: "para ir de um ponto a outro, o caminho mais curto é a rua tal: mas podeis ir a pé, a cavallo, de bonde, de carro, de automevel, sosinho, acompanhado, silencioso, falando. O caminho é o methodo, e os modos de o trilhar são os processos". Ou si quizerdes explicar como um processo admite subprocessos, e, neste caso, se poderia chamar ao primeiro methodo, e aos segundos processos, porque não explicar de modo semelhante a este: "animal é genero de que são especies o homem, o macaco, o boi, o gato e as aves; mas a ave é, por sua vez, um genero de que são especies o canario, a araponga e o tico-tico. Assim, ha processos, que são methods para novos processos". Ou, ainda, si quizerdes dar a idéa de que, nas classificações scientificas, nem sempre ha fronteiras definidas entre os grupos classificados, mas uma região fronteira, onde a distincção é impossivel, fallae por este modo: "no correr do tempo, ha dia, ha tarde, ha noite; mas qual o momento exacto, em que deixa de ser dia, tarde ou noite? experimentae marcar, com precisão, este momento indeciso. Assim, em geral, as classificações scientificas: objectos ha que se vacilla em classificar num grupo, ou no seu visinho, como, em grammatica, verbos transitivos, relativos e intransitivos".

O livro, que se abster de usar esta linguagem em tudo o que pretenda explicar, pecca por obscuro, e não dá nenhuma idéa de que o seu autor pratique a didacticidade. Não se supponha didactico o livro, que é claro para o seu autor: a clareza é para o leitor a quem se destina o livro. Dahi, a necessidade de apresentar as realidades, sobre que disserta, por imagens, ou vestigios de que antes o leitor, provavelmente, tenha sabido. E' a marcha do conhecido para o desconhecido, do facil para o difficil, do velho para o novo.

O bom tino está em saber utilizar-se do que provavelmente se acha na experiencia do leitor. A observação mostrará o preparo, em média, para cada phase da infancia. O livro, então, usará de imagens, que reproduzam alguma cousa deste preparo. Por isto, póde um livro ser didactico,



para os dezesseis annos, e não o ser, para os dez. A clareza didactica requer a adaptação das imagens, de que se vale, ao preparo do leitor, a quem elle se destina.

De par com as imagens, que apresentam as cousas ineditas, os livros da infancia se devem aprimorar de illustrações tanto e onde couberem. Será, de um lado, mais um meio de continuar a intuição sensorial, que prepara a imaginosa. E, por outro lado, um meio de augmentar a agrado aos livros: ellas são o prato appetecido de todos os dias

b)

NO CURSO

Passemos a ver a marcha do methodo: a passagem de impressões indiscriminadas e obscuras para noções melho- res, por meio de successivas analyses.

O objecto inicial dos conhecimentos são os **todos**, na accepção indicada, como realidades complexas individuaes. A iniciação de estudos novos por abstracções é um absurdo, porque viola a ordem mental de aquisições de conhecimentos. Neste particular, o dever dos livros didacticos está em começarem o seu ensino por **todos**, e não por attributo, elemento ou relações.

O mais difficil aqui, é saber quaes são esses todos, por que ha de a literatura iniciar o seu officio. Sendo elles innumeraveis, dentro de cada sciencia, por qual ha de começar, e que sequencia hão de seguir?

Só a psychologia pôde resolver estes problemas. Ha realidades que, numa idade, interessam com energia, e, não obstante, aborrecem solemnemente em outra idade. Romances de aventuras, capa e espada, comedias fanfarronas, e zombeteiras, fantoches, palhaçadas e polichinellos, que eram a nossa delicia até quasi os vinte annos, já não são de molde a nos agradar aos trinta. Parece que declinamos pela colina do occaso, emquanto aquellas cousas ficam eternamente em sol nascente, aos olhos encantados da mocidade em perpetua renovação. Mesmo em dada phase da vida, ora nos agrada, ora nos enfara o mesmo assumpto, segundo a disposição do momento.



Mercê destas razões, a literatura didactica tem, primeiro, de seleccionar, entre os assumptos possiveis, aquelles que mais se adaptem á idade do leitor, a que se destina. Além disto, força lhe é tratá-los de modo a manter, contra as indisposições do momento, o agrado e o prazer da leitura.

E' preciso que o assumpto do livro satisfaça as inclinações psychicas dominantes na idade. Si se fallar de sciencia da administração a uma criança de nove annos, ella não poderá comprehendel-a, nem escutará, com agrado dois minutos a fio, emquanto, mais tarde, poderá ser o assumpto da sua maior predilecção. Por emquanto, ella prefere ouvir contos de fadas, historias illustradas sobre a natureza viva, que a rodeia. E' o que está adequado á sua comprehensão, e se harmoniza com as suas preferencias em transitio.

A observação psychica assenta a ordem natural de successão destas preferencias. E' uma sequencia constante e natural de instinctos que amadurecem para a vida. Só lograrão proveito as actividades que os puderem satisfazer. A principio, o que mais interessa, attrae e fascina, são as impressões dos sentidos, como quem andasse a fazer uma larga provisão de idéas, para a incerta e longa caminhada da existencia que começa. Vem, depois, com os vestigios da observação, as criações da imaginação ardente, em busca de sahida para as realidades, na amizade e no amor, nas viagens e nas aventuras, nos jogos e nos perigos. Chega um dia a idade da razão fria, dos calculos prosaicos, do pensamento logico, dirigindo a pratica ramerona da vida commum. São os tres cimos dominantes na evolução das tendencias humanas: as sensoriaes, as imaginativas, e as racionaes. Depois disso, só o declinio, temperado pela saudade do que foi.

A literatura da infancia deve esmerar-se em satisfazer as necessidades psychicas do estudante acariciando-lhes os sentidos, e insinuando-lhes esperanças, mediante o que tenha intimas affinidades com a sua vida.

Na preocupação de accomodar o assumpto com a idade, releva, entretanto, evitar os exaggeros das triviali-



dades, que enfadam. E' um peccado commum na literatura que entedia a infancia, esterilizando-lhe o futuro. As crianças são sequiosas da novidade: estão na phase acquisitiva e constructiva por excellencia, e não toleram que as estacionem nas mesmas cousas. Por isto, as futilidades, os logares communs, já lhes não aguçam os appetites, rão lhes despertam interesse.

Mas, mesmo depois de accommodado o assumpto a idade, muitas vezes o prazer da leitura se amortece, seja por indisposição de momento, seja por secura de linguagem. Para a manutenção firme do interesse e do prazer, é preciso que se anime e vibre a linguagem. Um discurso, feito com monotonia e frieza, dorme o auditorio mais gentil. O mesmo assumpto, porém, tratado e recitado á Bilac, inflamma e exalta, entre applausos, o auditorio mais commedido. O assumpto se transfigura aos toques da arte; o entusiasmo e a eloquencia lhe insinua, nas veias, palpitações de vida. Adequada a eloquencia á infancia, na maneira de conduzir os assumptos e no modo de os expor, ella mantém e cresce o interesse, enthusiasma e fecunda o trabalho. Por influencia dynamogenica, a emoção agradável da leitura eloquente tonifica o organismo, e concorre prodigiosamente para a saude e o futuro.

c)

NOS FINS PROPOSTOS

Attendendo, agora, aos fins da educação, a literatura didactica se ha de aprimorar em moralidade, verdade e belleza.

Ninguem ousaria, para a formação moral das gerações novas, inocular, no seu espirito, teorias subversivas e damnosas. Em que pese ás divergencias sobre a noção legitima do bem, num ponto se harmonizam as opiniões: é no dever da conformidade com a natureza individual e social do homem, e, correlatamente, no horror ao que a possa amesquinhar, violar ou destruir. A literatura didactica rão póde allegar a desculpa de que a arte não tem olhos pos-



tos na moral, mas na belleza e na graça. Ella é, por destino, moralizadora, e, como se dirige á infancia, o seu rigor, neste particular, tem de ir além do da literatura commum. Cousas ha que não se podem taxar do menor deslize moral, si forem bem consideradas na estructura intima de suas causas e effeitos. Todavia, ellas mesmas, tomadas por partes, sem o nexo logico que as crystaliza em uma só criação, podem semear no espirito incauto, as suggestões mais seductoras e mais damninhas aos bons costumes. A moralidade de uma these, em didactica, varia com o gráo de desenvolvimento do leitor. Assim, para exemplificar, a leitura do "Primo Basilio" de Eça, ainda que se não possa arguir de immoral para uma senhora intelligente, é de todo pernicioso para uma criatura de quinze primaveras, romantica e sonhadora. Ella se apegaria, talvez, aos episodios, aos incidentes, sem os relacionar com as suas consequencias inevitaveis, determinadoras do character moral. Da mesma fórma, é damnosa á infancia esta literatura negativista da correccão moral, num endeusamento supremo da força, da energia e do trabalho. Cousas são estas que se hão de recommendar, mas sob a pureza das intenções moraes, sob o imperio do respeito e da justiça. Mais do que quealquer outro genero de literatura, a didactica deve insinuar, suavemente, no espirito infantil, como o ar que se respira e tonifica, a pureza e a moralidade da vida.

A segunda qualidade, que se deve accentuar na literatura didactica, é a sua constante preocupação da verdade. A mentira, o absurdo, o monstrengo, terminam por enfiar e viciar o espirito por toda a vida. As crianças preferem as realidades reaes. Encher-lhes o espirito de abusões, deturpações e mentiras, é arruinar-lhes todo o futuro, engaiolando-o na rotina que atraza, no preconceito que inferioriza, nas superstições que geram a intolerancia. No ensino, só se deve dizer a verdade, e, si hypotheses são inevitaveis, passem por hypotheses — o que é sempre dizer a verdade. Não se allegue que a verdade é um mytho, no teor de uma philosophia, que se compraz em pregar a impossibilidade humana de alcançal-a. E' uma das mais ridiculas hipocrisias, que jamais apedrejou o sol. A verdade



se obtem, a cada momento, sobre quasi tudo, e por toda parte. A literatura didactica, por isto mesmo que é didactica, ha de ser uma escola de horror a mentira, ainda que provisoria. O que lhe cumpre, é o culto fervoroso da verdade pura e limpida. Porque idéas falsas, que se embebem na infancia, se consolidam na madureza, para enfrear no erro e na maldade toda uma existencia falha.

A terceira qualidade essencial da literatura do ensino é a belleza. A formação do espirito do educando envolve, evidentemente, a sua formação estetica. Mas o culto da arte na expressão verbal do pensamento, não chegará jamais a criar raizes, si não fôr começado desde cedo, na linguagem com que se falla á infancia. Porque ha de esta linguagem ser manca, arida e feia? A simplicidade e naturalidade, em que, por ser didactica, se extrema, não lhe tolhe o bom gosto e a pureza e a vernaculidade. Preciso é ir habituando a criança ao attaccismo da falla simples e elegante. O que se deve evitar, é a contaminação do rebuscado, da frouxidão e das asperezas. Para isto, bastará que se insinue, na linguagem diaria, a transparencia e a graça do verbo criador.

*
* *

Resumamos:

Methodo é a idoneidade dos meios para o alcance dos fins.

Os meios, com que se alcançam os fins educativos, são a cooperação do educador com a actividade do educando. Esta cooperação se effectua praticamente, ensinando, e suggerido actividades, que os discipulos realizam.

Mas, a idoneidade desta cooperação educadora, a sua capacidade para attingir aos fins, depende da sua conformidade com a capacidade humana de conhecer. Ora esta capacidade se exerce, de natureza, no contacto da intelligencia, que aprende, com as cousas a conhecer, isto é, mediante a intuição. Logo, a idoneidade dos meios educativos, ou methodo de ensino, é, na sua essencia, a intuição.

O contacto da intelligencia com a realidade se effectua pela presença material, ou illustrada, das cousas, ou por



meio de imagens, que reproduzam impressões sensoriaes. Porque, nas crianças predomina a acção dos sentidos, a intuição, que lhe cabe, é a da apresentação material, ou illustrada, das realidades, e, á medida que, com a experiencias, a actividade interna fôr crescendo, as realidades se podem apresentar por meio de imagens, que a palavra suggere. De modo que, a intuição é, de começo, sensorial, e, depois, supersensorial.

Porque os objectos dos conhecimentos, que começam, são, naturalmente, as realidades, taes como se encontram na natureza, e, só depois, é que se ellas decompõem, mentalmente, em tantas partes, quantas se puder, ou convier, e se confrontam, para obter generalidades, regras ou leis, a intuição tem de começar por **todos**, ou realidades encontraveis na natureza, e proceder em seguida a analyses, segundo a lei do seu mecanismo, ou accumular factos, de que se analysa, segundo leis determinadas, a generalidade, a regra, a lei.

Visto serem passcs de analyses todo o andar da intuição, bem se poderia chamar intuição-analytica o methodo didactico no seu espirito e na sua marcha.

Por isto, a literatura didactica, ou linguagem do professor, tem de ser intuitiva-analytica no seu espirito, na sua marcha e nos seus fins. Intuitiva, no seu espirito, para dar nascimento á clareza; analytica, na sua marcha, para criar e manter o interesse; educativa, nos seus fins, para melhor formação moral, amor á verdade e affeiçoamento á belleza e a graça.

(Capitulo da "Educação").

A. DE SAMPAIO DORIA.



LIVROS...

ALBERTO RANGEL — D. Pedro I
e a Marqueza de Santos.

Livro extranho, o do Sr. Alberto Rangel. Por um lado, ele representa um trabalho formidavel: é difficil imaginar maior esforço para a elucidacão de um problema historico. O autor precisou fazer uma batida sistemática a arquivos e bibliotecas do Brazil, de Portugal e de outras nações. Por outro lado, entretanto, o problema a rezolver nos aparece, em ultima análise, mesquinho.

Esse problema se rezume em poucas palavras: que influencia teve a Marqueza de Santos sobre o Imperador D. Pedro I, de quem ela foi amante?

A mais ligeira leitura das cartas trocadas entre os dois respondia imediatamente que essa influencia não podia ter sido grande, porque, si a Marqueza se preocupasse com os negocios publicos do paiz, na sua correspondencia alguma couza teria transparecido. Ora, nas numerosas cartas que ha, tanto dela ao Imperador, como do Imperador a ela, as raras aluzões a acontecimentos politicos são de uma insignificancia perfeita. Vê-se bem que junto da amante, Pedro I era tambem apenas amante.

Os proprios documentos reunidos pelo sr. Alberto Rangel nos mostram que não se precisava todo o trabalho que ele fez para chegar a essa conclusão. Em todo o caso, depois do seu livro parece que o processo não admite mais revizão. Fica sendo pizitivamente "res judicata". A Marqueza de Santos, que achou um primeiro marido ciumento



e brutal, um amante imperador, um segundo marido homem de grande valor, acabou por encontrar um cavaleiro andante, vingador de agravos, para destruir as acuações que lhe faziam Feliz mulher!

O tipo de D. Pedro I que resalta das pajinas de Alberto Rangel é o de um principe, que estava bem no periodo de tranzição entre as ideias absolutistas de outr'ora e as ideias liberaes que, no seu tempo, começavam a espalhar-se. Ele dezejava e julgava mesmo ser um imperador constitucio-nal; mas o seu temperamento o impedia de realizar esse tipo.

Alberto Rangel cita, aliaz com incompreensivel sim-patia, alguns dos rasgos do genio do Imperador. Certa vez, por exemplo, ele deu na Alfandega uma chibatada num funcionario criminozo; ao Mordomo da Fazenda disse em publico uma série de injurias; vizitando uma exposiçáo de Belas-Artes, achou tão máu um retrato seu que rezolveu fura-lo com um pontapé; recebendo um papel oficial de um ministro, rasgou o documento diante dele desfeiteando-o.

Estes e outros rompantes se podem tolerar e mesmo até, ás vezes admirar como sinais de independencia nos que estão em graus inferiores de hierarquia social, porque, por cauza deles, podem sofrer. Quando, porém, quem os pratica é um imperador, são vilanias cobardes, porque os atinjidos por elas não têm o direito de réplica.

Assim, qualquer admiração por esses atos é incompre-ensivel. Quando muito, é licito achar-lhes atenuantes em certas condições morbidas de quem os pratica. D. Pedro I era, de fato, um epilético e, de mais a mais, confessava ter sido muito mal educado. Tanto era facil de irritar-se, como de chorar copiosamente, a proposito de tudo.

Da sua má educação não faltam documentos. A sua correspondencia é escrita de um modo lamentavel. Além disso, está cheia de verdadeiras puerilidades. Assim, por exemplo, ele queria muito que a amante o chamasse "Meu filho", tratando-a tambem ele por "Minha filha".

E' verdade, que em materia de amor, convém ser sempre de uma induljencia infinita para todas as puerilidades;



mas mesmo nesse particular se póde ter uma certa coerencia e graça. E ninguem dirá que seja este o cazo quando um amante escreve á mulher amada: "Filha, não estejas mal com teu filho."

Anthero do Quental, dirijindo-se tambem a uma mulher amada, dizia-lhe como, ás vezes, pensava com prazer numa hipótese extranha:

"si tu fosses, querida, minha mãe".

D. Pedro I aparece, portanto, como um tipo de bons sentimentos, generoso, cheio de vida; mas ignorante e em uma faze de tranzição: mal dezadaptado do absolutismo, mal adaptado ás novas ideias liberaes.

Os seus bons sentimentos foram, entretanto, negados, por cauza exatamente da sua ligação com a Marqueza de Santos. Antonio Carlos escreveu contra ele este iracundo terceto:

Vil escuma do trono, despe o manto,
mau filho, mau amigo, mau consorte,
serás do mundo inteiro horror e espanto.

Ha, porém, nisso notorio exajêro. E, pois que o livro de Alberto Rangel trata especialmente dos amores de D. Pedro I com a Marqueza de Santos, vale a pena vêr como se formulava esse cazo psicologico.

Alberto Rangel escreve:

"Convirá lembrar sempre, para entender certas incongruencias do casal e devidamente as apreciar, que a Imperatriz era uma louraça feiarrona. Não uzava collete, trazendo sempre roupas frouxas e trajava quási diariamente as de montaria, saia ou casaco de ganga ou lilla, com a bota, camisa e gravata de homem... Tinha seus pontos de contacto com a Cristina da Suecia: descazo de toucados, prazer de montar, amiga de dissipações, licenças de linguagem e letras abundantes. Estatura mean, grosso pescoço das viennenses, um quê de corcunda, beiços polposos dos Habsburgos no rosto vultuoso e, como o da irmã Maria Luiza, carregado na pigmentação vermelha, de modo

a parecer sujeito a um exanthema, o nariz desgraçadíssimo, cabellos espichados, olhos azues com a expressão de assustados, a organização robusta e inelegante”.

Esse retrato é simplesmente o que resulta dos depoimentos de quantos conheceram a Imperatriz. Os diplomatas, que a cercaram, enviaram para a Europa descrições que nada a abonam.

“Jacques Arago, que tanto admirava a Imperatriz e lhe era reconhecido, fez-lhe o desenho com o buril de um Callot: “Sans exagération aucune, elle était vêtue comme une vraie gitana, aux pantoufles près: une sorte de camisole froncée retenait des jupes tombantes d’un côté à l’aide de quatre ou cinq grosses épingles, et ses cheveux en désordre attestaient l’absence du coiffeur et de la camériste depuis huit jours au moins. Point de collier, point de pierres aux oreilles, pas une bague aux doigts; la camisole attestait un long usage, la jupe était fripée et blessée en plusieurs endroits”.

Outro mencionava tê-la até encontrado sem meias.

E apesar disso tratava-se de uma mulher ilustrada, que tinha mesmo conhecimentos poucos banais de astronomia. Mas não é propriamente de astronomia que os amantes costumam fazer grande cabedal...

Diante dessa Imperatriz, que desconhecia as vantagens da faceirice e mesmo até ao simples asseio, levantou-se uma rival, de quem os que menos bem disseram, — disseram que tinha “un extérieur agréable”. Outros falaram na “nobre regularidade dos seus traços”. Alguns foram mais lonje ainda.

E’ uma banalidade lembrar que a beleza é couza relativa. As mulheres, de que a historia nos conta que inspiraram grandes paixões, a beleza, em geral, não era prodigiosa.

Quando, portanto, todos os que cercaram duas mulheres, são unanimes em dar a preferencia a uma delas, essa preferencia se deve ter por justificada.

No cazo de D. Pedro I, não ha, mesmo nos que prezavam a Imperatriz e detestavam a Marqueza de Santos, um



só testemunho que defenda a superioridade das graças ou encantos da primeira. Os maiores inimigos da Marquiza se extaziam diante das virtudes e dos conhecimentos astronomicos da Imperatriz; mas não vão mais lonje. Por cumulo, ha até um testemunho insuspeitissimo.

Quando D. Pedro enviuvou, o sôgro poz-se em campo para achar-lhe uma segunda mulher. Escrevendo ao Marquez de Barbacena, ele dizia enumerando os requizitos da futura Imperatriz: "O ponto principal é que seja linda e espirituoza para fazer meu genro feliz, e não tímida e negligente, como era minha filha".

A confissão é precioza e deciziva.

No julgamento dos reis, falta sempre a seernidade da Historia. Luiz XV, por exemplo, passou á posteridade como um tipo conquistador, procurando fora do lar as felicidades que nele devia legalmente achar.

Mas não ha legalidade que rezista a uma mulher que só sabia estar, mezes a fio, em uma cama atulhada de cobertores, na qual fazia um calor insuportavel. Friorenta, a rainha vivia sepultada debaixo deles. Duas vezes, saindo precipitadamente desse incomodo leito conjugal, Luiz XV. chegou a cair, ferindo-se!

E os que censuram o primeiro divorcio de Henrique VIII da Inglaterra, o celebre rei Barba-Azul, esquecem que a mulher, mais velha do que ele oito anos, era insuportavel de fealdade, de máu genio, de orgulho e de ignorancia.

D. Pedro I, quando não fosse levado ás infidelidades conjugais pelo temperamento, sê-lo-ia pela propria mulher, de quem não ha nenhuma biografia que a favoreça. Quando, depois de ter lido as aluzões dos que a viram sem meias, de roupas sujas e desgrenhada, a gente acha a confissão do pai, chamando-a "neglijente", sente-se que esse eufemismo delicado esconde muita falta de asseio. E desde logo tem-se a vontade de perdoar o procedimento de D. Pedro.

O perdão ainda parece mais facil, quando se reconstitui o meio em que ele vivia. Alberto Rangel, descrevendo o que se passava na época do Imperador, escreve:



“Que a moralidade ambiente no Rio de Janeiro se apresentava bem precária, testemunham-no Cook, Martius e quantos observaram o nosso meio. Caldeleugh proclama que a esse respeito “the inhabitants of Brazil are not the most correct”. Luiz de Freycinet nos traços salientes do carioca encontrou o sensual, e entre os vícios dominantes a libertinagem; refere-se ao “pays où il n’est pas rare de voir régner tous les genres d’excès...” O conde Aymar de Gestas declara-o “un pays où on est peu scrupuleux sur l’article des moeurs”. Saint Hilaire observa que “o esquecimento da moral se tornou universal” e attribue a ruins exemplos, dados pela Côrte de Portugal no Brasil, a peora dos maus costumes publicos, da união illegitima á venalidade da justiça e á simonia do clero. E o amigo de nossa terra, escarmentado, escreve: “On est devenu indifférent sur les devoirs les plus essentiels; les fautes contre les moeurs sont á peine aujourd’hui des fautes”. Jacques Arago cita o Rio de Janeiro: “ville royale où les vices de l’Europe débordent de toutes parts”.

“A prostituição fazia-se sem reboço e o adulterio era corrente. Os mercados de carne humana sustentavam a agricultura e os harems. O sangue do africano, escorrendo dos cepos de suplicio, no ar em que repicava muito sino e nas ruas empatadas de procissões, estrumava a terra dos sitios e engenhos...” “tingia de pardo a pelle da população. O Vallongo satisfazia ao mesmo tempo á lubricidade e á industria, fornecendo o collo para o amor e o braço para a enxada. D’ahi as noções mais puras se confundirem com as mais abjectas, mascarando o direito essas torpezas, á custa de alguns cruzados. Nos livros de baptismo da época, as declarações — paes incognitos — succedem-se appostas aos nomes dos recém-nascidos, em proporção pouco edificativa. Os filhos naturaes surdiam nas brechas do edificio social desmantelado. Graves homens publicos, burguezões barregueiros, não raro esqueciam os compromissos matrimoniaes aos mimos de brancas, crioulas, cafusas e mulatas de sua propriedade ou preferencia. Nada, porém, das leviandades elegantes de seduzimento, dos vícios de epiderme e arripios mais intellectivos que sensuaes

de certos meios de grande civilização, onde a Arte tempera e escoima os sentidos ao influxo de seu culto superno. Quevedo cita a "melosidad" e "derretimiento" dos portuguezes e mofa da femieirice lusa. Aos ardores do clima americano, ás precocidades e violencias do indio e do negro na colonia, os salazes peninsulares não escolheram nem apuraram: deram toda aza ao vento, no rescaldo fecundo da terra, ainda hoje, de prodigos e de lascivos".

Seria possivel lembrar que esse estado de couzas vinha de lonje. Todos os primitivos povoadores do Brazil mencionaram a lubricidade do nosso gentio. Uma velha anedota conta do ditador argentino, Rosas, que ele só consentia em Buenos-Ayres as reuniões de Brasileiros, quando todas as outras eram proibidas, por achar que os Brasileiros certamente estariam discreteando sobre cazos picarescos. Assim, D. Pedro nada fez de muito extranho: foi bem, no capitulo dos amores, o Imperador do seu povo.

Alberto Rangel acha até que é injusto considera-lo como um "homme á femmes", porque ele só teve, no fim de contas, trez aventuras conhecidas e documentadas e a da Marqueza proveu que, si a mulher o houvesse sabido prender, como o prendeu a amante, talvez fosse um ótimo marido.

Que influencia teve sobre ele a amante?

O Dr. Francisco de Assis Bueno pensa que a decisão do Ypiranga não deixou de sofrer a influencia dessa formosa mulher. O amor do principe estava exatadamente na sua faze inicial, a que é, em geral, a mais ardente. Nada impede de supôr que ele quizesse aumentar o seu valor junto da mulher amada, galgando o gráu supremo do poder. De mais, a familia da Marqueza e quantos a cercavam eram já na época patriotas, a quem a Independencia do Brazil não podia deixar de ser muito grata.

Mas a hipóteze não tem por si documento algum. Embora lojica, não chega, portanto, a ser uma verdade histórica.

Si se elimina esse epizodio, que daria á amante imperial um prestijio excepcional, o que se encontra de mais



grave é a acuação de Jozé Bonifacio, dizendo que ninguem mais do que a Marqueza concorrêra para a sue queda.

Alberto Rangel discute e afasta essa acuação.

Por muito que se estime a personalidade do Patriarca da Independencia, é forçozo convir que ele não era de trato facil e ameno e, si gostava de pregar ideias da liberdade, era exatamente como Pedro I: entendia que todas as liberdades se deviam perdoar e encorajar, menos as que trouxessem prejuizo ou restricções ao seu dominio. No poder foi sempre arbitrario e violento.

Conhecendo-se o seu feitio psicologico e o de D. Pedro, logo se via que aos dois se tinha de aplicar o velho rífão portuguez: "duro com duro, não faz bom muro". Assim, com ou sem a intervenção da Marqueza, intervenção de que não ha prova alguma, Jozé Bonifacio não podia viver em bôa harmonia com o Imperador.

A' parte esses dois cazos de interesse publico, ha ainda o de Ratcliff. Aí, segundo se conta, a Marqueza quiz obter o perdão do condenado. Não o conseguiu. D. Pedro, quando lhe mostraram a sentença que mandava Ratcliff ao patibulo, enojou-se com a bajulação que nela havia e exclamou asperamente que podiam condenar o réu, sem injuria-lo. Refere-se, porém, que no dia da execução trancou-se em um quarto, a cuja porta em vão bateu a Marqueza para fazê-lo assinar o perdão. Só d'af safu, finjindo até então ter estado dormindo, quando Ratcliff já fôra enforcado.

Os adversarios da Marqueza acuzavam-n-a de obter muitos favores do Imperador para seus parentes e protegidos. Diziam mesmo que com eles negociava. De muitas dessas acuações provou-se a falsidade. Sabendo-se aliáz que foi sempre isso o que se disse de todos os favoritos de todos os governos e lembrando que, entre nós, as acuações de dezonestidade perderam pela vulgaridade toda importancia, é bem de crêr que a Marqueza tenha apenas sido uma grande caluniada.

A sua foi a historia corrente da maioria dos amores. "On s'enlace; puis, on s'en lasse..."

Quando se percorre a correspondencia amorosa de quazi todos os grandes homens, verifica-se em geral que é feita de banalidades.

Ha, é certo, exceções. Mas exatamente são exceções.

Alberto Rangel fala, por exemplo, no caso de Gambetta, que escrevia á amante contando-lhe todas as suas preocupações politicas. Podia falar tambem em Victor Hugo. A regra é, porém, que mesmo os homens que tem mais altas preocupações intellectuais limitem-se, quando escrevem ás amantes, a verdadeiras infantilidades.

E, si ha mesmo uma bôa regra nesse assunto, é que, em amor, ninguem deve procurar exhibir orijinalidades. D. Pedro ia talvez lonje de mais na obediencia a esse preceito, porque chegava a dar á amante noticias muito prozaicas sobre molestias intimas e falava-lhe de purgantes e clisteres tomados e dados, com uma clareza muito chocante. Mas é que a partir de certa data, a Marqueza chegara á dôspoetização de espoza, quando o segredo das espozas que se querem fazer amar é o de parecerem sempre amantes.

O livro de Alberto Rangel só tem um defeito. E' o do seu estilo. O autor gosta do que é arrevezado e complicado. Chega a fazer periodos de comprehensão difficil. Sente-se o seu desejo de singularizar-se. Tendo, por exemplo, de escrever "censuras" escreverá de preferencia "dezaplauzos". Faz inversões de correção duvidosa e de (para escrever ao seu modo) induvidosa falta de elegancia: "Faltaria-lhe...", "Estaria-o...", "O casal dezaveio-se, porém".

Atravez de todos esses precalços, o livro se mantem de principio a fim, vivo e interessante.

Nem D. Pedro, nem a Marqueza saem amesquinhadados das suas pajinas. Foram duas pessoas que se amaram. Passaram para isso por cima das convenções sociais, mas tiveram grandes desculpas.

Depois, tendo D. Pedro partido para Portugal, a Marqueza cazou-se com um homem de alto valor e foi uma excelente mãe de familia, morrendo cercada da estima geral. Num romance naturalista, a historia pareceria trivial.



Si um Emilio Zola reproduzisse cartas de amor como as de D. Pedro escritas por um pequeno burguez sem importancia, censura-lo-iam pela inverosimilhança do cazo ou pelo seu dezejo de rebaixar tudo em que tocava.

E' que, como tantas vezes se tem dito, o amor e a morte são as duas couzas que mais nivelam as creaturas humanas.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.



OLIVEIRA LIMA

A PROPOSITO DAS "ANOTAÇÕES" Á HISTORIA DA
REVOLUÇÃO DE 1817

Oliveira Lima é um dos maiores sociologos americanos e uma das melhores mentalidades contemporaneas. Elle é, hoje, inquestionavelmente, o grande historiador brasileiro. A historia, no seu espirito, perde esse caracter mediocre de narração de factos para adquirir a situação interessante de interpretação da vida social do passado. Os factos são-lhe apenas as determinantes indispensaveis para caracterizar a psychologia de uma epoca e elle o faz com a elevação moral de um juiz e o criterio precioso de um philosopho. E' um juiz em quem ha bom humor ao lado de uma justiça irritantemente exacta; e é um philosopho sem caturrices de escolas, mas com a amplitude serena do pensador tolerante e sabio. A sua qualidade de historiador philosopho ha de ser largamente contestada, porque elle não se filia a methodos nem maneiras nem interpretações de nenhum dos considerados mestres da philosophia da historia. E nem tão pouco procura fazer escola sua. Oliveira Lima julga, e estou com elle, que tanto vale a maneira de Momsen; resuscitando a civilização romana através o seu modo de ver as coisas, como a de Ferrero, tentando demolir a obra de seu antecessor, num juizo pessoal. A doutrina de qualquer delles não conseguirá alterar a verdade dos acontecimentos nem a opinião dos homens sob a feição daquella época. Por isso, commentando os fa-



ctos, a sua visão clara das coisas busca-lhes as determinantes politicas e sociaes para descobrir-lhes a razão de ser, a elevação e o criterio. Ha tambem nelle um intenso amor da sua patria e uma prodigiosa consciencia civica, tão grande que se derrama profusamente em toda a sua obra. Já não falo dos seus trabalhos sobre o nosso paiz nem mesmo de obras como as suas conferencias sobre a historia sul-americana, mas deste livro admiravel, como pintura viva de uma sociedade — “Nos Estados Unidos” — onde a intenção da patria, a evocação, a alma do Brasil se descobre, sangrando, por toda a parte. O livro é, pelo titulo, os Estados Unidos, mas, interiormente, para quem é capaz de apprehender a razão de ser das coisas, o livro é o Brasil.

Fazendo historia, como criticando coisas actuaes, Oliveira Lima é um sociologo de vista afeita á investigação tranquilla do passado, consultando archivos, compulsando documentos, mas sempre muito senhor de si mesmo, não perdendo nunca no convivio das edades mortas a consciencia do momento presente. Tem, sobre a maioria dos historiadores, principalmente brasileiros a vantagem de conhecer, por ter vivido nellas, as mais interessantes sociedades modernas. Conhece e interpreta e comprehende desde a China, para nós irremediavelmente empedernida nas épocas confucianas; apesar de Li-Yuan-Hung com a Republica e do Japão (prodigio de adaptação na Asia da civilização do Occidente) — da vertigem americana, da organização alleman, da esthesia franceza, do character inglez, até a Venezuela de Castro — ultimo reducto do mais typico caudilhismo sul-americano. Não é o historiador que narra simplesmente, ou descreve os factos passados com o criterio com que elles foram julgados na sua época ou que os julga apenas arbitrariamente, mas o sociologo contemporaneo, que os estuda á luz da critica e da philosophia contemporaneas. E' historiador e commentador. E, como conhece o homem nas suas multiplas variedades, desde os typos physicos mais dispaes até aos cidadãos mais dissimilhantes, constituindo as civilizações mais diversas, elle se acha apto ao julgamento exacto dos aconte-



cimentos humanos, no espaço e no tempo. Não se póde conseguir um espirito mais apropriado para o historiador moderno, para o homem que faz a critica, faz a philosophia politica e social ao mesmo tempo que faz historia. Se o historiador não viu o mundo em toda a sua amplitude, o sêr humano em toda a sua acção, não comprehendeu, ao menos, as diversas características das diversas civilizações de uma mesma época e dos homens de uma mesma era, em logares differentes, a sua visão será defeituosa, porque estará circumscripta e falha. O espirito que passou a existencia inteira em Roma, ouvindo, na sua preocupação de arte antiga, os rumores do mundo presente através as gazetas e os livros, como o que não sahiu de Nova York, afogando na vertigem yankee de industrialismo as suas rapidas sensações telegraphicas do resto da terra, seria incapaz de um julgamento historico sem o exclusivismo do seu feitio mental. Mas não é assim o que viu e observou o mundo e comprehendeu como factos passados numa sociedade destoariam noutra sociedade, surprehendeu os povos na sua faina intima de formação e desenvolvimento. Este tem a tolerancia de todo o espirito que subiu mais alto para abranger maiores amplitudes.

Oliveira Lima está nesse caso. O que caracteriza o seu senso historico é a tolerancia que é tão real que se dilata em justiça. Nem mesmo o seu ar bellicoso, que é antes uma attitude mental, filha da sua missão de desbravador, e de que elle proprio sorri sadiamente, prevendo o ar de desbarato dos seus oppositores e a intriga dos que o esperavam tranquillo, como a sua intelligencia, alteralhe a tolerancia absoluta com que julga os acontecimentos. A parcialidade aparente dos seus conceitos é a resultante da religiosidade com que o seu espirito acata a justiça. Pode-se discordar da sua interpretação, mas nunca julgal-a insincera ou intolerante. A discordancia é, nesse ponto, muito commum desde que se trate de julgamento tão sujeito aos varios moldes intellectuaes. Por isto mesmo a maior virtude de Oliveira Lima, como historiographo, ha de ser o ponto mais susceptivel de controversia. Elle



vê e interpreta a historia á luz da philosophia contemporanea.

E tudo quanto é actual tem que ser controvertido e julgado com parcialidade pelos homens actuaes.

No entanto esse é o grande criterio historico e o que o faz o mais completo dos nossos sociologos historiadores. Elle descreve a historia com os methodos modernoss vendo-a na sua época, tal qual a época poderia criá-la, mas julgando-a na consciencia do presente. E' a falta desse criterio que faz dos formosos trabalhos de Anthero de Figueiredo, mais uma obra de arte do que uma lição de sociologia ou uma grande pagina de historia. E' mais a belleza do que a realidade historica e social de um facto que o impressiona. D'ahi o perfil suave da sua Ignez de Castro, antes filha poetica de Camões e da renascença do que da época brutal da media idade; ou os traços demasiadamente carregados com que retrata a figura interessante de Leonor Telles, inspirado mais na chronica tendenciosa de Fernão Lopes, do que na justiça, para julgar uma criatura forte, cujo maior desar fôra ser realmente filha da sua época.

Mas em Oliveira Lima, as qualidades de sociologo não prejudicaram o artista. O seu estylo cheio de movimento e de vida presta-se, admiravelmente, para uma pintura incisiva de typos que não morrem. Não conheço, em nossa bibliographia historica, nada mais interessante do que o seu estudo sobre D. João VI, no Brasil. E' a sua maior obra historica e aquella em que as suas virtudes de estylista, como de sociologo, estão melhor definidas e condensadas. A rehabilitação de D. João VI, é uma obra de carinho e de reconhecimento pelo fundador da nacionalidade brasileira, deveras enternecedora. E' antes um grito de gratidão da raça pelo homem que precipitou o advento do Brasil como nação, e, cujo gesto permittiu que a Independencia não nos trouxesse solução de continuidade com a alma heroica dos grandes conquistadores peninsulares, mas nos fizesse venerar as tradições dos nossos maiores portuguezes, como estimulos prodigiosos para uma trajetoria promissora e illustre no planeta.



E ha nesse grande livro typos traçados com um relevo balsaquiano. D. Carlota Joaquina é uma agua-forte admiravel. Palmela, Barca, Linhares, foram individualidades impressionantes daquelle tempo, que a sua penna retratou com uma frescura encantadora.

Nada falta a Oliveira Lima para que elle seja o maior dos nossos sociologos historiadores. A propria formação do seu espirito, começando por um prolongado mergulho no passado, do qual nos trazia, aos vinte annos, "Pernambuco e seu desenvolvimento historico" e, logo em seguida, "Literatura Colonial", para vir chegando até aos seus estudos de critica contemporanea, da-nos a expressão da sua obra. Com o conhecimento do passado elle comprehendeu o presente e com o conhecimento do presente elle penetrou firmemente nas edades preteritas.

E é essa a sua força de historiador que é sociologo e é critico. A sua historia tem que ser narração e commentario, descrição e critica. Historiador, elle enumera os acontecimentos, sociologo, elle os abrange num lanço largo de vista e explica-lhes a psychologia.

E' o que acaba de emprehender magnificamente sobre a revolução pernambucana de 1817. Ahi, não fez propriamente a historia, mas completou-a, retocou-a, illuminou-a. Projectou, sobre os pontos obscuros ou controversos, uma luz nova e fêl-a renascer, com toda a grandiosidade de um acontecimento maravilhoso. Havia o trabalho documentario de Muniz Tavares, prestigiado pelo seu character de testemunha e comparsa. Mas faltavam-lhe não apenas os topicos que só muito depois se encontrariam, para certos esclarecimentos, porém dados esparsos, difficéis de aperceber e, sobretudo, o julgamento repousado, a visão sociologica e politica, que um homem como Oliveira Lima, melhor que ninguem, o poderia fazer. Pode-se talvez acoimal-o de tel-o feito com ternura pelas criaturas imprevistas e sensibilizadoras, que emprehenderam o mais bello e o mais completo dos movimentos pela independencia brasileira. Mas ninguem dirá que não seja justo e magnifico.

“As Anotações”, com as suas duas conferencias, uma em Pernambuco e outra na Parahyba, são, para quem leu Muniz Tavares, a resurreição daquella época e a glorificação mais enthusiastica das nossas aspirações liberaes e dos nossos predicados de generosidade. Pernambuco esteve evidentemente, naquelle momento, á altura do espirito de liberdade que, precipitado dos Estados Unidos, varrera a França e refluira depois com impeto á America do Sul. No seu caracter de idealismo puro, a que não se misturou nunca o menor interesse pessoal; na sua feição de tolerancia, de magnanimidade, de honestidade e de abnegação não conheço um movimento superior na historia das nacionalidades. Póde ter havido mais audacia, mais segurança de propositos e, principalmente, mais felicidade de exito, porém maior desinteresse, maior altruismo e maior grandeza moral não acredito que houvesse em nenhum outro acontecimento americano. Foram talvez, até, esses predicados que se afrouxaram em brandura, essa elevada comprehensão do espirito de humanidade dos patriotas, que mais comprometteram o exito final da causa republicana. Nem uma violencia, nem um acto de injustiça ou de desrespeito ao direito dos adversarios foi commettido ou sancionado, voluntariamente, pelo governo revolucionario. Eram revolucionarios que tinham o culto da dignidade e da honra e o horror ao sangue, á desordem e á anarchia.

Passada a confusão das primeiras horas, em que a) ralé e os criminosos commetteram desatinos, a ordem, a cordura, a justiça imperaram sem descontinuidade até ao fim. E gisaram-se os planos mais adiantados e mais imprevisivelmente concebidos por aquelle punhado de heroes, que eram intelligencias cultas e corações generosos. A tolerancia pelas religiões alheias, os projectos da extincção do trafico de africanos e da emancipação lenta dos escravos, provam a que grau de cultura e a que allitude democratica tinha attingido a consciencia daquelles abnegados espiritos. O arrojo e o alcance dessas medidas só poderia perceber quem considerasse, maduramente, o profundo salto que a nossa sociedade colonial daria no caminho da



justiça e da liberdade. Nem a propria America do Norte ousou tanto.

A republica de Washington conseguiu alliar, por mais de meio seculo, a liberdade de um povo com a escravidão de uma raça.

E para fazer, afinal desaparecer esse conluio esdruxulo foi preciso desencadear a mais terrivel e fratricida lucta que já se conheceu nas edades hodiernas no seio de um mesmo povo.

No Brasil a revolução triumphante teria obtido a emancipação lentamente, como elles queriam fazer, para evitar a crise economica e social que se desencadearia numa libertação instantanea e em massa e teria livrado o Brasil da enxurrada de perto de um milhão de escravos.

Não se cifrava nisso o beneficio para a nossa civilização e a nossa raça, porque a libertação lenta dos pretos, a emancipação dos seus filhos e a não entrada de mais gente de cõr para o eito e para o sangue brasileiro, não só era um triumpho soberbo nos ideaes de libêrdade, mas um golpe politico inestimavel, fomentando a immigração e revigorando a raça.

Uma revolução que traz nos seus designios além de cordura proverbial, de honestidade pasmosa — porque todo o governo provisorio teve por primeiro gesto a renuncia de vencimentos e o zelo supersticioso pelos dinheiros publicos — a extineção immediata do trafico, a libertação lenta da escravidão e a tolerancia religiosa, é irrecusavelmente um acontecimento digno do maior enthusiasmo.

E não merecia o esquecimento absoluto senão a depreciação systematica que lhe votaram os historiadores do Imperio.

Não perdõo a Adolpho Varnhagen o menospreço que, com tão evidente má fé, timbrou em manifestar sempre pelo grande movimento pernambucano senão porque, atravez o testemunho illustre de Pedro Lessa, lhe conheci a anciedade fremente de cingir commendas e titulos de nobreza.

f A revolução de 1817 foi uma explosão luminosa da consciencia democratica do Brasil.



Ella não poderia agradar aos homens do Imperio e ainda menos aos aspirantes de favores imperiaes. Foi por isso que o Brasil deixou que decorresse um seculo numa gelida atmospherá de silencio á memoria dos martyres illustres.

Foram os historiadores, como Varnhagem, os maiores cumplices nessa grande injustiça. Entretanto, todos elles, inclusive o futuro Visconde de Porto Seguro, tiveram para a Inconfidencia Mineira e para a memoria de Tiradentes o melhor dos seus enthusiasmos. Mas, porque julgaram a Inconfidencia um acontecimento inocuo e Tiradentes um louco, cuja memoria era francamente inoffensiva.

E Tiradentes e a Inconfidencia, que o martyrio stoico do filho de Villa Rica crystallizou em data memoravel, bem mereceram a veneração das almas liberaes como um dos mais angelicos sonhos pela liberdade; mas foram apenas isso. O movimento de 17, não, esse foi uma realisação evidente de organização republicana, um acontecimento que pretendeu realisar e realisou por dois mezes, embora, conquistas que sómente a multiplicidade de varias datas heroicas conseguiria, mais tarde, por parcelas.

Foi uma revolução movida pela mais culta intelligencia e pela mais inatacavel moralidade brasileira. Dos seus dirigentes nem um só teve um acto ou um gesto do qual tivesse de corar perante o julgamento imparcial e frio da posteridade. O proprio Domingos José Martins, que foi a acção revolucionaria, sem descontinuidade e sobre quem pesavam, por conta dos seus inimigos, accusações menos nobres, parece ter sido satisfactoriamente defendido por argumentos novos que Oliveira Lima adduzira. Seja qual fôr o seu passado, porém, o seu papel na revolução foi digno e heroico. Bastava a leitura daquelle soneto que, em homenagem da esposa e á patria, fizera momentos antes de subir ao cadafalso, para attestar o desprendimento, a fidalguia e a pureza dos seus intuitos patrioticos: —

Meus ternos pensamentos que sagrados
 Me fostes quasi a par da liberdade!
 Em vós não têm poder a iniquidade:
 A' esposa voae, narrae meus fados.



Dizei-lhe que nos transes apertados,
Ao passar desta vida á eternidade,
Ella n'alma reinava na metade
E com a patria partia-lhe os cuidados.

A patria foi o meu numem primeiro,
A esposa depois o mais querido,
Objecto de desvelo verdadeiro;

E na morte entre ambas repartido
Será de uma o suspiro derradeiro,
Será de outra o ultimo gemido.

Foram absolutamente commovedoras todas a criaturas dirigentes da revolução de Pernambuco.

Desde o Padre João Ribeiro Martins, a grande figura central do movimento — suicidando-se para não sobreviver á morte do seu sonho; de frei Miguelinho, passando a noite inteira da vespera de uma prisão, por elle tida como certa, destruindo freneticamente papeis compromettedores de companheiros de idéaes, até ao Padre Roma, que, depois de ter lançado ao mar, vendo-se perdido, os documentos perigosos para os seus correligionarios bahianos, commandava a propria execução, que a grandeza de alma e o heroismo tocante commovem e enthusiasmam.

Não precisava mais para nos descobirmos com respeito, á evocação da memoria de martyres tão nobres.

Oliveira Lima, com as suas "Anotações", revelou ao espirito brasileiro de hoje, a admiração nacional, os grandes heroes. E esse acto, além do seu valor como justiça teve um merito politico: explicou ao Brasil, a democracia brasileira, a proclamação incruenta de uma Republica, por quem derramara tanto sangue e carpira tantas dores toda uma geração de patricios notaveis.

Foi mistér que o sangue corresse generosamente em 1817 para que a abolição surgisse, com flores, em 88 e a Republica viesse, tranquillamente, sem confusão nem morticínio. Lá estavam no esquecimento, ha 72 annos, ha duas largas gerações, os grandes fiadores da Republica do Brasil. Porque é realmente motivo de orgulho para a alma brasileira que os nossos homens, afastados, até então, da ad-



ministração publica e da politica, exercida pelos portuguezes dominadores, fossem capazes de projectar e emprehender, com tanta serenidade e descortino, actos de tamanha significação social. Foram os grandes precursores da Independencia, senão as forças que a precipitaram com energia. A falta, até certo ponto, de um senso pratico salvador, a confiança excessiva na justiça, somente possivel em almas candidas e bôas, a ingenuidade com que acreditaram na apparencia de um espirito publico consciante, comprometteu-os e arruinou-os. Mas foram elles os unicos attingidos pela desgraça irremediavel. O exemplo ficou e a semente lançada por aquellas mãos generosas haveria de medrar cinco annos depois para crescer lentamente, projectando, já, em 1871, agazalho e conforto aos filhos dos escravos, até frondejar em sombra larga e amiga, para tantos soffredores, no dia da abolição e para toda a nação brasileira um anno mais tarde, apenas.

Pernambuco vae erigir, em bronze, um monumento commemorativo dos grandes martyres, que será a sagração da propria alma heroica e liberal da raça. Nada mais justo nem mais nobre. Antes, porém, desse acto de justiça e magnanimidade, que não vem longe, quero saudar, com entusiasmo, a grande obra de Oliveira Lima, que ha de ser, para sempre o ponto de referencia do maior dos acontecimentos historicos da nacionalidade.

A. CARNEIRO LEÃO.



VIDA OCIOSA

X

Vagabundeei sem rumo pela casa, buscando algo a que me interessasse. Pesado e bamboleante fui ao negocio. Fóra o sol reverberava, dando offuscantes fulgurações de ouro á estrada poeirenta, onde rangia a intoleravel serrazina do guincho de um carro de bois.

Fartamente assoalhados pelo chispante estendal de luz, os campos tambem modorravam somnolentos. Nada ha tão vulgar como as horas d'um dia de sol.

O veneravel astro rei, tenha paciencia, bem podia variar os seus processos de illuminação. São assás estupidas essas reincidentes ondadas de ouro e mormaço, céngantes para a vista e atorporantes para o organismo. Não pensavam assim os altivolantes corvos, cujos remigios serenos banhavam-se voluptuosamente no ar das alturas, refazendo, incansaveis, curvas enormes. Divisados de longe eram pequeninos traços horizontaes, rudimentos de monoplanos, as azas ligeiramente arrebitadas nas pontas. Arranquei-me á sua vista obsidiente e relanceei o commodo. Nas prateleiras, meia duzia de molhos de rapadura, muitos feixinhos de canetas invendiveis, um litro de oleo de capivara, meia duzia de peixes fritos num prato esbeçado, o garrafão de pinga. Um enxame de abelhas zumbia e rezumbia em torno das rapaduras, cujo cheiro enjoativo impregnava o ar. Em attitude correcta, o José copiava em bella vertical, uma historieta do livro de leitura. Perto, o Americo sorria enfiado, julgando-se sem perdão aos meus olhos pela sua grande ousadia de querer leccionar.



— Também ensina estas cousas? — perguntei-lhe mostrando o caderno, — suppuz que fosse apenas sciencia pura.

— O sr. sabe — desculpou-se elle — é preciso começar por essas nonadas. Não faz nem dois mezes que saiu do abe...

— Aprendeu com você? — perguntei, admirado.

Fiz o negrinho ler, dictei algumas palavras, passei-lhe uma conta — era espantoso o como acertava. Maravilhado encarei no Americo. Estava alli um bom córte de professor primario. Revolvi no pensamento uma certa resolução secreta.

— E gosta do ensino? inquiri.

— Oh, sr. doutor! Se não fosse muito topete, eu arranjaría uma escola para leccionar de graça os moleques d'estes lados; mas afinal, como diz o caipira, cada um deve pendurar o chapéo onde a mão alcança — quem tem perna curta não dá passo largo. Isso só para homens como V. Exa.

Sorri com o "V. Exa.", e internei-me de novo para a varanda. Sentia urgente necessidade de espichar-me em meu repouso preferido. No meio d'aquella pasmaceira sossobran-te, a arca antolhava-se-me como logar de eleição. Estendi-me com goso na larga tampa, e, dobrando o cotovello, fiz do punho travesseiro.

— Já deu o ataque de preguiça, Dr. Felix? casquinou da ante-sala siá Marciana, que auxiliava o velho.

— Já... Quantas redes promptas?

— Uma só, por emquanto...

Meu Deus, como era demorado! Aquella paciente tarefa enervava-me, como si estivesse eu proprio a trabalhar. Penosissimo fardo é a ociosidade, algumas vezes!

No meu pouso não pude ainda cair em beatitude. O tedi, é um estado fecundo ás más suggestões. No meu cerebro o sr. Prospero trançava barbantes sem cessar, e regyravam preguiçosas rondas de corvos. Cerrando os olhos eu via estrias e manchas verdes e escarlates, doloroso decalque imprimido na retina pela offuscante visão das estradas e dos campos ensolados. Queria dispersar-me, devanear; puxei pontas de romances heroicos, cujo principal personagem era eu; mas o enredo apagava-se como um rio sem foz que se evapora no deserto, e a dispersão concentrava-se no importuno vinco d'aquellas impressões visuaes.

Uma cousa pulou na arca. Era a gata predilecta de siá Marciana, muito dada, esfregadeira, ronronante. Coçou as pulgas no meu pé. continuou a fricção perna acima, deixando na casimira um rastro de pellos calhidos. Achei adoravel aquella semcerimonia, e, ajuntando paciencia, resolvi commigo:

— “Vamos ver até onde chega o atrevimento”. Fez-me massagem abdominal, coçou-se no cotovello, encostou a bigodeira prunte no meu rosto, ronquejando surdas catarreiras; fez menção de beijar-me, foçou-me no ouvido...

“Vamos ver até onde vae isso!” trocadilhei, fulo de raiva. Foi a dez passos de distancia, pois, sem chamar mais paciencia. appliquei-lhe um tabefe centrifugo: Siá Marciana não estava alli... Perto d'ella é que eu tinha hypocrisias. Amimava o felino, punha-o ao regaço, achava-o bonito e tudo mais que agradasse á dona.

Escafedeu-se a gata aos pinchos e bufos pela janella do terreiro. Fez-me falta, porque então senti-me vazio. O vacuo pesava-me como chumbo.

— Quantas redes? perguntei.

— Quasi duas.

E eram dez, ao todo! Busquei alhear a attenção pensando em cousas da cidade. Evoquei a minha vida de homem civilisado...

O diabinho zombeteiro do tedio fez-me lembrar uma inquirição marcada para aquelle dia. Testemunhas de longe, crime sensacional, com advogados, accusador particular... Pulei na arca. E eu que me havia esquecido! Maldicto azar!

Dias e dias que passo ás moscas em meu gabinete, sem uma petição, um auto a despachar, sem um depoimento, apenas a encabulação da visita do meirinho bexigoso, reverente e correcto, a perguntar-me inutilmente: “Sr. dr., tem alguma cousa para os cartorios?” — tão correcto que ao chegarem as onze já começo a enfesar “Faltam cinco minutos... quatro, tres, dois...” e exaspero-me, apprehensivo, certo de que d'ahi a um minuto bate delicadamente á porta e na curvatura respeitosa do costume me estribilha o quotidiano: “Sr. dr., tem alguma cousa...” — e espero que falte aquelle dia ao menos, que quebre aquelle habito de pontualidade acerbante, novo supplicio de Damocles — e passa o minuto, e as pancadas e a



pergunta e a minha resposta impaciente: “Nada, nada, homem de Deus!” — tantos dias assim vazios, e logo naquelle, destinado a uma excursão de visita aos velhos, aquella encravação de summario, a berrar-me de longe a suggestão de um intoleravel remorso!

Numa crispação raivosa procurei perto a gata para um segundo revez de desabafo. Nada! Havia-se de certo eclipsado para o fundo da horta, suicidara-se no rio ou fugira para o fim do mundo, a evitar segunda aventura. Senti-lhe a falta.

Serzinho inestimavel, um bichano!

— Ora, que se arranjassem! Dar-me-iam como presente á inquirição, ou a deixariam para o dia immediato.

Estendi-me de novo na caixa. Mas já não tinha socego. O aborrecimento moral communicara-se ao physico: revolvia-me, remexia-me, voltava-me “como a porta em sua couceira”.

Só via autos, num rór de papelada com estampilhas, e um desfile interminavel de figuras de partes: este, rabula terrivel, que achava em artigos, tudo que eu fazia, “radicalmente nullo”, por isso, por aquillo; uma rubrica mal gatafunhada, uns minutos de atrazo na audiencia, o porteiro que apregooou só uma vez o requerido, e já se enfileiravam os: Provará...

E era tudo catado, depurado, num esquadrinhar implacavel; outro, figura manhosa e insinuante, a querer em palestras auferir conselhos ou previsões sobre o exito de tal feito; outro, berrador e impulsivo, possesso com um indeferido, a clamar que o juiz é prevaricador e comprado — uma procição irritante de figuras irmanmente hostis, da surda hostilidade instintiva de classe, que separa os julgados e os julgadores, e que os põe, a uns e outros, numa eterna e irritante defensiva.

Via-os a todos gananciosos e rapaces, com as unhas que esfolam o constituinte promptas para agadanharem o juiz.

Enxotava-os da mente e elles tornavam processionalmente, com as suas astucias e exigencias, protestando e recorrendo...

Por fim foi-se esfumando a turba vociferante, deixando apenas enfocados uns gordos autos de embargos por julgar, que estavam ha sessenta dias sobre minha mesa de trabalho.

Incoerciveis, os remorsos continuavam a pungir-me, com pontas aceradas.

Oh, esses malditos autos!



Ter de meditar duzentas folhas ensebadas e arrear a livraria, procurar o caso nos praxistas, quando os praxistas prevêem todos os casos, menos o que nos interessa! Ante a enormidade da tarefa os embargos lá ficavam dormindo sobre a mesa o somno dos prazos intermináveis...

Afogado sob tanta culpa, tive uma reacção de desespero. Não! eu não era um mau juiz. Em mim sentia a massa dos julgamentos imparciais.

Mas, diabo! A justiça, como nós a compreendemos, esse tonto catar de artigos e retalhos de accordãos, era excessivamente implexa.

Em mim não faltava boa vontade para o trabalho nem amor acendrado ao monumento das leis; respeitava-as, admirando-lhes o alto espirito philanthropico.

Respeitava os bons juizes e as sábias sentenças. O diário official, por exemplo, transerevia sempre os julgados do mais sabedor de nossos Papinianos, onde cada paragrapho tinha farta cauda de citação ponderosas. Eram sentenças de peso e de tutano, via-se bem. E com respeito immenso eu as cortava e colleccionava. Póde-se ser mais respeitoso? Não as lia, é verdade, mas, com mil raios! se não me faltava boa vontade para o trabalho, sobejava-me pouca para o começar, e assim ficavam em perpetua esterilidade as minhas boas intenções. Que pena não estarmos na terra dos vizires autonomos e Salomões summarissimos, que numa phrase deslindam uma pendencia, sem inutil esbanjar de tinta e de praxistas!

A culpa não era minha, portanto. E com esta convicção crescente, os gordos autos de embargos foram tambem reduzindo-se e esfumando-se a distancia.

— Tome um travesseiro, dr. Felix.

Agradei a siá Marciana, que vinha de rematar com o velho a segunda rede, e ageitei-o sob a cabeça. Boa e perspicaz velhinha! era de certo aquillo que me faltava para calar a galhofa diabolica dos diabinhos do tédio. A cabeça azoinada achou-se bem naquelle aconchego de paina macia, e a alma dilatou-se satisfeita, predisposta a cair na beatitude de um longo cochillo.

Tudo começou a tornar-se em calma e incomparavel mansuetude. Os escrupulos das obrigações atamancadas e esqueci-



das, a hostilidade das figuras que á desfilada me traziam punitivo anseio, o vinco luminoso do meio-dia ensoado, as repisadas orbitas dos corvos lentos, foram vaporando e dissipando-se no doce diluimento com que se esmaecia e se apagava no azul a nuvemzinha branca que nesse momento meus olhos contemplavam; até o concerto infindavel das redes, em vez de nervosismo, trazia-me a tranquillidade certa d'um dia doce e sem fim. Parava o tempo, o mundo immobilisava-se na ultima postura das mãos e no derradeiro soido de vez, como no castello da princeza adormecida; suspendia-se a vida numa ultima emoção, o rythmo do coração numa diastole final, tudo passava ao estado de irreallidade e de sonho...

Benigna sésta beatificadora! Não era bem dormir, e apenas entreviver, fazer na alma um grande vacuo, dar-lhe uma varredura nas idéas e preocupações, fazel-a uma cousa inerte e vegetativa que se abre ao sol e á vida com a passividade de uma fronde largamente espalmada na altura.

E, assim vazia, penetrava-a com suavidade o ambiente daquella quadra, o odor dos mangericões que viçavam á janella, sob as fuchsias que a emmolduravam. Entrava-me uma sensação de paz, de lar e bucolismo. Era como um retrocesso á infancia: sentia-me recuado vinte annos, tornava-me criança. E áquella hora nada me seria mais doce que uma cantiga materna á cabeceira:

“Dorme, dorme, meu filhinho,
Que o Tutu' vem te pegar...”

Não ter a gente a vida toda quem assim nos embale, dando-nos a caricia de macia mão que nos alisa os cabellos, a dizer-nos historias de fadas e principes encantados e a chamar-nos filho, uma aza immorredoura sob a qual nos pudessemos fazer pequeninos, encolhidos, escondidinhos...

Mal organisada, esta complicação dolorosa da vida!

Mas naquelle momento parecia-me quasi perfeita.

“Viyer é bom!” murmurava somnolenta minh'alma, dissolvendo-se.

Longe, na estrada, rangia ainda o carro, interminavelmente: e era como se o meio-dia se houvesse feito som, e por es

sa voz atorporada e longa dissesse a desmaio voluptuoso dos grandes campos adormecidos ao sol...

XI

— Conte-me uma historia de caça, sr. Prospero.

Ultimado o concerto das redes, o velho viera sentar-se ao pé de mim. Sentei-me tambem; e, ainda estrouvinhado do longo cochillo, observava, um tanto abstrahido do logar e da hora, no alto de um portal negro, pequeninos túneis de barro estendidos lado a lado, povoado rustico de uma colonia de maribondos, que o accrescentavam cada dia. Sahindo do seu profundo torpor, o velho papagaio dignou-se abrir um olho vidrento, com que nos inspeccionou um instante; em seguida remergulhou na sua immobilidade de ave empalhada.

O sr. Prospero pigarreou, sorriu, ageitou-se, e começou a historia reclamada. Era um velho episodio, um tanto desairoso para os seus fóros de caçador feliz. Combinaram uma vez, elle e o capitão Domiciano, passar a noite num barreiro, á espera de caça. Não sabia eu que era um “barreiro”? Ia explicar-me. Nas nascentes de certos corregos, ha nalgumas grotas, uma especie de lama salitrada, que os animaes gostam de lamber. A terra ahi lagrimeja continuamente escassa humidade. Durante o dia e a noite, revesa-se nesse logar toda a sorte de caça. E’ o ponto de encontro das especies mais desirmanadas, e algumas ahi vão mais á cata de pabulo vivo, que attrahidas pelo salgado marejamento do solo. De dia são os animaes menos espantadigos, e as aves de grande porte, até jacutingas: á noite é a assemblea tranzida das pacas e capivaras ariseas, cotias, cachorros do mato, que não raro são surpresos pelos temerosos coutados da mata virgem: antas, onças, queixadas. Calcado por todo o feitio de patas, o terreno é limpo num certo raio; e pela acção erosiva de milhares de bicos e linguas, vae-se solapando em roda. Não ha melhor posto para um caçador que uma das arvores do circuito. E’ preciso, porém, que seja homem de coragem, e use certas prevenções. Ora, para isso, era optimo companheiro o capitão Domiciano, pois mais de uma vez se haviam arriscado em sombrias tocas de feras, e acampados semanas



em serras bravas, á caça de macucos. Durante o dia foram ao ponto escolhido, para os preparativos necessarios Procuraram uma arvore apropriada para a construcção dum estaleiro, e que não fosse obliqua, nem muito grossa, que as onças grimпам de melhor grado nos troncos hartos lançados de viez. Feita a escolha, dois escravos, o Adão e o pae Thomaz, arranjaram o ponto de pouso.

— Sabe o que é um estaleiro ou girau? E' uma especie de prateleira de paus en cruzados armada numa arvore. Estiva-se bem estivado, fazendo-se como um assoalho, e dos lados levantam-se parapeitos. Fazem-se para uma e duas pessoas. Ahi até póde-se dormir. Finalizando os escravos o serviço, fomos para a fazenda, a tratar dos ultimos aprestos. Preparamos matálotagem, verificamos o bom estado e limpeza das armas, entrouxamos cobertas que nos defendessem do frio, e nesses arranjos esperavamos a tardinha para partir. Precisa a gente ir com dia e disposta a passar a noite no girau, porque é perigoso arriscarse com o escuro em lugar rondado por tão perigosas féras. Depois do jantar chegou á fazenda, muito açodado, o Vigilato, parente longe. “Soube que vão ao barreiro?” perguntou. Respondemos que sim. “Pois vim para arrancar á partida”. “Impossivel! o girau dá apenas para dois. Se avisasse mais cedo...” “Não seja essa a duvida! arranjar-me-ei de qualquer modo”. Pensei que fosse gracejo, porque era de genio brincalhão, e pouco dado a aventuras. Mas teimou que ia, que ia... Já vinha armado, e prompto para o pernoite. “Pois então, Vigilato, faça o que quizer. Depois não se arrependa!” E á tardinha partimos os tres, rumo do barreiro...

Aqui o sr Prospero tocou-me o braço:

— Veja, dr. Felix, a atenção do Louro... Está recordando se dos tempos antigos...

De feito o papagaio, com os olhinhos agora vivos e brilhantes, desperto do seu somno de velhice, escutava com immensa atenção.

—São do seu tempo, meu louro, o Vigilato, o capitão Domiciano, o pae Adão...

E o velho proseguiu a narrativa. Foram, pois, rumo da grotta. Chegados ahi, Prospero e o capitão subiram, a experi-



mentar o estaleiro. Pareceu-lhes pouco solido e ahí cabiam estriectamente duas pessoas.

— Pois, Vigilato, arranje-se como puder, que não sobeja espaço para você.

O rapaz tomou em riso a difficuldade. Se ainda estava dia...

— Vou fazer uma estiva melhor que a sua, disse.

Numa arvore perto atravessou uns paus pelas forquilhas dos galhos amarrou e encruzilhou por tudo solido cipó, e pôz-se á turca sobre a armação, gracejando:

— Daqui farei mais proezas que vocês, porque não ha papeito a estorvar-me.

E pilheriava, contava casos, atirava remoques aos compa nheiros.

Quando o negrumé da noite deu de adensar aos poucos, o caso mudou de figura. Vigilato foi-se pondo mudo e de olhos arregalados.

— C'os diabos! rosnou entre dentes. Não avisei a Maricóta, que póde estar inquieta...

Devassou num relance o caminho a desandar; mas seguir um carreiro mal amassado, por brenhas inhospitas, e áquella hora, e só . . .

— Vamos adiar a espera para outra noite? perguntou em voz incerta.

Os companheiros, quietos.

— Que diabo! Não respondem?

— Pouco barulho, ciciou Prospero; é tarde para lembrar se da Maricóta. Se tem medo, trocamos de logar.

— Medo, eu?!

E tentou para mostrar isenção, cochichar novas facecias que lhe sahiram miseravelmente sem sal. Os auditores, tambem, não lhe encorajavam a loquela pois para o bom caçador é grave peccado quebrar o silencio solenne da espera. E os bichos não iam tardar.

Fechou-se de todo a noite. Do barreiro subiam sons mysteriosos, bruscas correrias, estranho amarfanhar de folhagens, guinchos abafados, longos silencios expectantes...

Em forçada inacção passam algumas horas. Felizmente a lua eleva-se, e na clareira esmoitada espalha-se um diffuso albor. Já se póde caçar. E, olhos á espreita, e ouvidos fitos na ca



lada da selva, ao menor rumorejo suspeito comprimem com o pollegar o gatilho das armas, promptos para aperrar.

Raras fórmãs assustadiças sombreavam o chão numa carreira, fazendo, pequeninas que eram, largo rumor. Um focinho minúsculo trabalhava o barranco, na faina de lambar. Nada que valesse uma carga de chumbo, e o alarma de uma detonação.

Vigilato pôz-se a trautear entre dentes uma modinha, affectando desassombro. O focinhito riscou o chão de negro, numa fuga rapida

— Pst! recommendaram os companheiros ao cantador importuno.

Fez-se outra vez o silencio... e, no silencio, muito longe, rouquejou um urro sinistro.

— Nunca ouviu urrar uma onça, dr. Felix? E' uma coisa bonita. E' um miado forte, mas um tanto engasgado, como o dos gatos em sanha. Quando ella urra, parece que tudo se confrange de medo, e até a matta fica mais quieta.

No instante do uivo, entreviu-se no barreiro um confuso debandar de fórmãs antes invisiveis. Um trepidar secco vinha do estaleiro do Vigilato. Elle tremia, e os paus nos seus pés tremiam com elle.

— A bicha ahí vem — murmurou o capitão.

Passou-se um espaço de calada absoluta. No céu sem brisa immobilisaram-se as ramas das arvores, negras e como petrificadas. Apenas longe em longe um lufo manso corria um fremito pelas franças sombrias. E aquillo prolongava-se, sem termo... "Má noite!" pensavam os caçadores.

Mas um segundo indicio, bem proximo, preveniu-os de algo sensacional. Ouviram um tac-tac caracteristico.

— E' pintada, avisou Prospero. Essa qualidade de onça tem o "sotaque" de estralar com as orelhas. Armas engatilhadas e silencio. Vamos atirar todos juntos. Segurem o ponto e esperem o signal.

Do negrume da brenha surge uma grande massa animada que avança lenta e ondulante. E' uma bella fórmula de felino. Ao sahir da orla de sombra, bate-lhe em cheio o luar. Tem o pello mosqueado de negro e ouro. Na pausa solenne dos quadris a deslocarem-se na marcha, ha a segurança da força. Ondulante e lenta atravessa o barreiro, em direitura da arvore onde se



acham os dois... Detem-se em baixo, como buscando sonegar-se-lhe á sombra, á espera, tambem.

Preparam o ponto, cautelosamente.

Os dentes de Vigilato estralejam, entrebatendo-se.

— Pst! faz Prospero a pedir-lhe silencio.

Com o “pst” a onça olha para cima. Domiciano assusta-se, e um seu movimento instinctivo falseia um pau do estaleiro, e o estaleiro, mais os dois caçadores, desabam fragorosamente sobre a onça... A féra, surprehendida, atira-se, de salto, para a arvore onde está Vigilato. Vigilato despenha-se, num berro...

— Ah, sr. dr., nem posso contar-lhe todas as peripecias dessa noite! Cahimos de muito alto — ficamos machucados uma espingarda quebrou e as outras ficaram sob os escombros. E tropeçando no escuro, aos tombos, afflictos, a olhar para traz, fugimos correndo o quanto podiamos, quasi sem rumo, extra viados na escuridão da mata. Felizmente não fomos perseguidos. Então, recobrando alento, pudemos gemer as nossas contusões, e, accendendo pedaços de taquara e palha de pinheiro, conseguimos achar o caminho da fazenda.

E Prospero ria, da velha recordação. Siá Marciana, da cozinha, fez côro com elle. Eu ajudei-os. E, esperto na sua placa, revivendo tambem antiquissimas memorias, na illusão de um retrocesso aos bons tempos, o papagaio quebrou sua obstinada mudez, clamando em falsete e estridente:

— Capitão Domiciano! Vigilato! Pae Thomaz!

XII

Num barreiro — continuou Prospero, a quem escutavamos attentos eu e o papagaio — onde se reúnem especies tão varias, dão-se ás vezes interessantes episodios. Era testemunha, não de vista, mas de ouvido, de uma pendencia entre uma onça e um bando de queixadas.

Mas as queixadas, accrescentou, não são os unicos animaes que podem enfrentar o nosso jaguar; a anta defende-se d'elle perfeitamente, graças á sua rija couraça nativa. E a sua arma de ataque é o arremesso da fuga. Nunca assistira eu á corrida de uma anta? Era um bellissimo espectaculo. Quando foge acos-



sada pelo inimigo, tem o impeto de um obuz; rompe desenca-
brestadamente em linha direita, varando, esmagando, sem en-
contrar obstaculo. E' uma avalanche que despenha. -E não ha
enredica de touça ou tranqueira engrazada que ella, irresistivel,
não force. Mau grado a couraça encorreada, é atacada ás
vezes. A onça, num bote, toma-lhe de assalto o cogóte, onçe se
encarapita: e ahi, adherida como emplastro vivo, forceja por
estroncar-lhe o cachago. Contaram-lhe de uma que, levando
uma féra assim ás cavalleiras, embarafustou matta a dentro
em rompente arremesso, que o peso supplementar não modera-
va, aprofundando um tunnel no intricado da matta. Guiada
pelo instincto, atira-se de raspão sob o primeiro madeiro dei-
tado de través... Com o craneo estalado, a onça desmenta
bruscamente, áquem do obstaculo, onde fica escabujando, no
ralo ultimo. Podia não ser verdade, mas era verosimil. Attes-
tava, porém, a veracidade do que passava a narrar "Palavra
de caçador, dr Felix!"

•Destá vez era seu companheiro um vizinho, bom sujeito, o
Prudencio.

Estavam empoleirados num girau. Noite negra e silencio
grande. Um rastilho prateado no horisonte, annuncia a lua. Já
as ramas mais altas se meneiam alvacentas sobre o bojo atro
da clareira. Podem dormir, ainda é cedo para caçar, pois o luar
tardará a banhar o barreiro emparedado pela grande matta,
num profundo entreseio de serras. E, no estaleiro commoço,
dispõem-se a fazer cama... Subito a attenção aviva-se-lhes.
Ouvem um rumor longinquo, um vago crepitar que se torna
cada vez mais nitido. Porfim é um vasto estrepito que se avi-
zinha, tomando monte e valle, em convergencia para um só pon-
to — o barreiro. A' chegada, o rumor sinistro torna-se o for-
midavel estralejar das presas de um cento de queixadas, cujo
entrechocar é mais sonoro que estalos de espoleta. De mistura,
roncos, grunhidos, acachoado farfalhar de folhagens destroça-
das. E o terreno apisoado pela horda invasora é foçado e furio-
samente revolvido, arado pelo cento de focinhos, que avidos
se cevam na salobra infiltração do solo.

No entanto, os caçadores nada vêem. A treva homogenea,
compacta, espessa como pixe, enche o ambito da clareira. A
vida alli é apenas o confuso rumor da bandeira invasora — um



grulhar multiplo, e um amortecido estrincar de presas. Aquella vida mysteriosa no negror da noite, coa-lhes pelos nervos arrepios de pavor. Arriscar passos, áquella hora, sob as soturnas abobadas da matta, seria buscar o perigo. Em cada ponto das pesadas trevas póde haver uma emboscada. A elasticidade do salto está prompta para o bote, as orelhas applicam-se adivinhando a presa, as unguilas crispam-se nervosas no antegosto da posse... Mesmo protegidos pela altura, os caçadores estão emocionados e trementes. Oh, a forte sensação, eternamente renovada, da montaria ás feras!

Em baixo, a bulha amortece. E' agora um resfolgar exasperado de focinhos lavrando a terra molle, num grande raio Improviso, celeuma terrivel. Entrebatem-se as presas entre roncões ferozes, bufos assanhados e confuso revolvimento da horda. Era uma onda infernal a investir contra um ponto e a recuar, como rôlos encapellados abalroando um rochedo e refugindo com fragor. E a mysteriosa investida arrancava para um mesmo ponto, sempre o mesmo... Para os caçadores só havia em baixo a homogeneidade do negrume; nem chispas, phosphorescencia, ou pallido delinear de contornos: a treva unida, igual.

— Sabe que significa esse rebate? perguntou Prospero a Prudencio.

— Não.

— E' um inimigo. As queixadas defendem-se.

— De que?

— Escute, escute!

Não tardou partiu de baixo um rugido fortissimo, prolongado, que dominou a alarida dos porcos, enchendo a matta e a noite com um rebôo de trovão; e embuzinado pelo valle, desconforme trompa, o rebramar da féra foi despertar até longe os écos adormecidos dos rincões selvaticos.

Aos caçadores, azoïnaram-lhes os ouvidos.

— E' onça! exclamou abafadamente Prudencio. Atire! atire!

— Atirar como! objectou Prospero. Nada vejo! Mas soe gue, que, occupada a caçar as queixadas, não dará pela nossa presença.

Com o urro espalhou-se o panico no bando dos suínos, seguindo-se precipitada bulha de numerosa abalada. E entre



bufos, guinchos e matraquear de dentes, e um farfalhar encachoeirado, a esparramada turba desgalgou pelo valle, tornando-se prestes uma crepitação longinqua. E então, já remoto, um segundo urro estrugiu no silencio e na treva. O inimigo tambem distanciava-se, na esteira da prêa recalcitrante.

Esse incidente foi um azar. Subiu serena a lua, dealbando as entranhas do valle, um luar tão claro, que se desenhava no barreiro a sombra carregada do menor caule de herva. Era uma riqueza de minucias no chão calcado e aberto, que mais claramente mostrava a falta de caça. Nem uma paca, nem um rato montez!

Pela madrugada desceram, com as cargas inexplodidas nos canos das armas. Viram em cada palmo do solo os vestigios da passagem do bando; e num grosso tronco, para onde se concentrara a investida da bandeira, a casea, nalguns logares escodeada de fresco e agatanhada de garras mostrava a cautela da onça em frente das queixadas, não se aventurando ao duvidoso desenlace de uma lucta rosto a rosto com a desaçaimada horda estrepitosa.

(Continua).

GODOFREDO RANGEL.



RESENHA DO MEZ

UM POETA

E' sempre agradavel fazer justiça ao merito real, quando desdenhado ou mal comprehendido. Agradabilissimo é fazer justiça ao merito encoberto, revelando-o á admiração dos espiritos ainda capazes de admirar. Esse prazer tão fino e tão raro nos toca hoje. A "Revista do Brasil", com um pouco de explicavel ufanía, desvenda, no presente numero, aos olhos dos seus leitores, um talento poetico de primeira agua: o do sr. Lindolpho Esteves.

O sr. Esteves é um joven sacerdote catholico, vive, na Igreja, sob uma doce penumbra, desempenhando recatadamente e gravemente as suas funções de ministro. Na republica das letras, como na igreja, cultua em silencio e em socego a sua segunda, augusta religião da arte. Crente da revelação e crente da poesia, é, como padre, um poeta embebido de corpo e alma na contemplação da suprema belleza e no encanto sereno do seu ministerio; como poeta, é um sacerdote todo entregue á sua religião, sem curar de espectadores nem de applausos.

Foi por acaso que o descobrimos. Os versos que vão em outras paginas, vimol-os em mãos de um intimo do autor. Lemol-os, sem esperar nada de mais. Ao cabo da leitura, estavamos convencidos de que temos em S. Paulo, e no Brasil, e talvez na lingua portugueza, mais "um poeta".

Vejam os leitores esses versos, e julguem por si. Permittam-nos, porém, que lhes chamemos a attenção para o seguinte:

O sr. Lindolpho Esteves assigna algumas traducções de Leconte de Lisle. Quem quer que conheça Leconte e conheça, ainda que por alto, a arte da versificação, ficará encantado com essas traducções. Nellas não está apenas o pensamento e a composição do parnasiano francez: está tambem o "espirito" da poesia lecontiana, a sua serenidade grave e magestosa, e está a arte sóbria e justa do autor dos "Poemas barbaros", na qual todas as bellezas de rithmo, de vocabulos, de rimas, de pinturas e de imagens se fundem harmoniosamente em conjuntos modelarmente homogeneos, onde nenhum daqueles elementos predomina e todos se equilibram. Ninguem traduziu ainda melhor do que este poeta, no Brasil, versos de Leconte.

Mas o sr. Esteves dá-nos tambem alguns sonetos seus. São todos bem feitos; todos são "sonetos", na verdadeira accepção das regras classicas. Isto é: não o vão apenas pelo accidente material de só constarem de quatorze versos. E' que, dentro desses quatorze versos, desenvolvem completamente um thema, sem deixar nada que accrescentar, e sem encher o limite prescripto á custa de accessorios dispensaveis. Eis ahi, antes de tudo, o que elles têm de notavel. Depois, observe-se como a factura é sempre correcta e acabada: a boa linguagem, o jogo das vogaes,

a bella sonoridade, os rithmos largos e adequados, a justeza dos epithetos. Por fim, note-se a nobreza da inspiração e a elevação do pensamento...

Dir-se-á que elogiamos de mais. Talvez. Mas não de desculpar-nos esse calor. E' tão agradável descobrir um talento que o seja ás déveras! Sobretudo nestes tempos em que a faculdade de pensar e o fino dom do bom gosto não parecem pesar mais nada na avaliação dos talentos...

QUESTÕES DE ENSINO PUBLICO

A medicina pedagógica e sua acção no lar e na escola. — Gabinetes de anthropometria escolar.

Está muito na ordem do dia, nos paizes civilizados, a acção do medico sobre as crianças que frequentam escolas.

Com um papel mais ou menos amplo, funcionario publico ou representante de algum movimento philanthropico individual ou social, ou ainda investigando por conta propria, agindo com maior ou menor liberdade, o medico é considerado, nos tempos que correm, indispensavel collaborador á boa marcha do aparelhamento escolar.

Não causa surpresa, porisso, o facto de aguns tratadistas, embora eminentes, considerarem, como questões de pedagogia, numerosos pontos de pura hygiene, dando a confusão margem para alguns desvios como, por exemplo, o do professor que, nos seus planos de estudo de pedagogia, apenas encargar o lado prophylactico e o therapeutico das molestias communs no meio escolar, proprias desse meio ou da idade infantil.

De tal pecha não estão isentos alguns cientistas italianos que, entusiasmados talvez pelos estudos sobre anthropologia criminal dos quaes nasceu o renome de Cesar Lombroso e outros, enveredaram francamente pela trilha anthropologica, em cujo termino vêem o ideal da pe-

dagogia do futuro, a pedagogia scientifica que, na verdade, apenas ensaia hoje os seus primeiros balbuécios.

Para esses pseudo-pedagogistas a pedagogia não pode ainda existir como *sciencia* do ensino, por faltar-lhe conteúdo proprio, sendo uma *arte* sómente, formada de preceitos tirados daqui, dalli, conforme costuma succeder com as demais artes.

Como quer que seja, e deixando de lado numerosas questões interessantes que a proposito se poderiam referir, passo a tratar da medicina escolar e da sua benefica influencia para o individuo e para a sociedade.

Organisada na Hollanda, em 1865; na Inglaterra, em 1870; na Russia, em 1871; na Belgica, em 1878; na França, em 1879; na Suissa, em 1883; na Hungria, em 1887; na Noruega, em 1889; estabelecida depois na Allemanha, Austria, nos Estados Unidos, na Turquia, Bulgaria e no Japão (onde por 1910, havia 9.000 medicos escolares), conforme noticia o sr. prof. dr. Alexandre Lustig, no seu livro "Igiene della Scuola"; tambem fundada na Argentina e em mais um outro paiz americano, conforme o voto do Congresso Internacional de Hygiene de Bruxellas, em 1903; e criada entre nós, no Rio de Janeiro e em São Paulo, tal instituição ganha terreno em toda a parte e constantemente vê augmentado o seu já respeitavel prestigio.

Em S. Paulo, onde recente reforma deu origem ao serviço de medicina escolar subordinado á Directoria Geral do Ensino, está elle sob a chefia do abalisado sr. dr. Vieira de Mello, especialista na materia e autor de trabalhos sobre o assumpto, entre os quaes o optimo livrinho "A hygiene na escola", merecedor de farta leitura e cuja nova edição ha pouco sahida, porventura mais interessante, ainda não tenho o prazer de conhecer.

O corpo medico escolar paulista foi instituido para operar exclusivamente na Capital; no interior ficou o serviço a cargo das Municipalidades que, ou contam com recursos

bastantes e pagam um funcionario idoneo, ou então deixam a inspecção em abandono, a não ser que algum dedicado patriota se apresse em iniciar ou proseguir obra de tanta monta.

Não é, entretanto, a primeira vez que se tenta organizar a inspecção medico-escolar em S. Paulo. O Decreto 2,141 de 14 de Novembro de 1911, nos seus artigos 66, 67 e paragrafos, 135 até 158, trata de questões referentes a escolas; a letra *g* do artigo 556 do mesmo Decreto criou o serviço de inspecção medico-pedagogica no interior do Estado, a cargo dos srs. medicos do serviço contra o trachoma. Os resultados, porém, dessa tentativa creio foram inteiramente falhos. E como o não serem?

"O officio de medico escolar é um officio muito complexo e delicado para o qual sómente podem ser chamadas pessoas de grande tacto, de nobres sentimentos, que demonstrem especiaes vocações para semelhantes occupaões e taes estudos, que sintam amor e ternura pelas crianças; mas de nenhum modo um tal officio deve ser o de um medico clinico, nem estar em antagonismo com a direcção didactica".

Eis umas sabias palavras do sr. prof. dr. Lustig, no seu livro supra-citado. Nem é outro o modo de dizer dos tratadistas da materia e, parece, tudo quanto não esteja afirmando por esse padrão está mais ou menos errado.

Entre nós, qual devêra ser a acção da medicina pedagogica? Evidentemente o papel do medico-escolar, no Brasil, ha de ter amplitude e importancia maiores do que as que se notam nos paizes mais adiantados, cujas normas administrativas costumam servir de modelo para a orientação dos nossos homens publicos.

A influencia do medico-escolar, no nosso paiz, deve se exercer desde a escolha do local onde tenha de ser construido o predio da escola (e só assim serão evitados certos erros nas construcções escolares), até á assistencia domiciliaria ao alumno que della precise, manifestando-se por-

tanto durante o cyclo escolar e procurando criar um ambiente de saúde, de conforto, de bem-estar, que ainda não existe nas nossas terras. Nem é razoavel limitar, entre nós, a inspecção medica a um rapido exame otorrhino-laryngologico e ao exame ophthalmologico, com o accessorio dos cinco dispensarios da Capital, annexos a Grupos e nos quaes se faz um tratamento odontologico.

O trachoma, a opilação, o paludismo, a syphilis, a tuberculose, o mal de Carlos Chagas, o alcool e toda uma negra lista de agentes morbidos eriam, para a quasi totalidade das crianças brasileiras, maximé no interior do Estado e da Republica, uma desoladora situação.

Paiz sem cultura physica, lavrando neste sentido uma ignorancia bem maior do que a que se suppõe, nelle o olho do medico-pedagogico precisa abranger casos de que muitos povos não cogitam. Que não seja o trabalho de inspecção predeterminado num regulamento minucioso e... falho; em havendo aquelle amor de que fala o sr. dr. Lustig, a consciencia do medico e a sua fé scientifica serão a melhor garantia de trabalho util e proveitoso. Mas é um apostolado! dirão, e tudo quanto se aproxima desse estado de coisas é tido como idealismo, como utopia; o magisterio, porém, e sua imman gemea, medicina-pedagogica, são funcções pesadas, encargos trabalhosos, e não sinecuras condemnaveis como as ha tantas, no Brasil. Tenhamos todos, professores e medicos-escolares, grande energia na acção e demonstremos aos mais incredulos o que valem o esforço continuado e confiança na propria obra.

Não seja jámais esquecido que o paiz é vasto, de população pouco densa; que não ha recursos medicos suficientes e, em numerosos lugares, nem meios de obtel-os; que o povo se alimenta mal e a mulher brasileira no geral é franzina e tantas vezes incapaz de amamentar os filhos que, criados no regime de alimentação artificial, crescem com deficiencias organicas mais tarde insuperaveis; nunca olvidemos que nós, brasileiros,



somos fracos, afeados, doentios e tristonhos e que as gerações futuras tem de herdar as taras dos antepassados quasi sempre as aggravando. Lembrem-se todos de que a robustez physica é condição indispensavel para a excellencia das funções mentaes, e dellas, por sua vez, depende a fortaleza do character. Não saia da nossa memoria de bons patriotas que, logo no primeiro sorteio de moços para o serviço militar, cerca de mil rapazes foram recusados por incapacidade physica, o que todavia não os inibirá de, pelo casamento, gerarem degenerada prole.

As investigações feitas nos estabelecimentos de ensino dos paizes da vanguarda da civilisação vieram indicar, entre outras coisas dignas de interesse, que as classes favorecidas da fortuna gozam de melhores condições de saúde e robustez que as classes pobres. Reflecta-se agora que o nosso paiz é de gente mais pobre do que rica e que das classes humildes da sociedade tem de sahir os que vão auxiliar as verdadeiras fontes da riqueza — agricultura, industria e commercio.

Escola brasileira e familia brasileira, ambas superiormente orientadas pelo medico-escolar, são afinal o meio com que a Patria conta para, melhorando-se cada dia as condições sanitarias entre nós, apresentar dentro de algumas dezenas de annos, uma população cujo grau de fortaleza physica possa rivalizar com a que existe nos povos que gozam de uma vida hygienizada.

Para a determinação das características do typo brasileiro normal, para se organisarem quadros pelos quaes seja possível conhecer claramente a evolução somática do nacional, desde as mais tenras edades; afim de se tornarem conhecidas e vulgarisadas as mais frequentes anomalias na primeira infancia e na segunda, nas tres phases da adolescencia (pre-puberdade, puberdade e post-puberdade), e na juventude, bem como, se possível fôr, as causas efficientes de taes anomalias, um auxiliar magnifico da escola e da medi-

cina-pedagogica pode ser encontrado nos gabinetes de anthropometria escolar.

Entendo por *gabinetes de anthropometria escolar* as repartições annexas ás escolas e encarregadas de uma investigação minuciosa e profunda da parte physica da nossa gente, para os fins que a sciencia tem em vista: fins anthropologicos, physiologicos, pedagogicos, sociaes, e politico-administrativos.

Aos "encarregados dos gabinetes de psychologia experimental" das escolas normaes secundarias (S. Paulo, Itapetininga, S. Carlos) caberia muito naturalmente, por estar dentro da attribuição que lhes compete á vista da competencia, boa vontade, espirito de iniciativa, patriotismo e outros predicados proprios dos que devem ser encarregados desses gabinetes, caberia, repito, promover investigações dessa natureza qual a de determinar as referidas características do typo brasileiro normal, indagações aliás muito difficeis entre nós em virtude da necessidade de analysar-se a massa da população e serem attendidas suas partes constitutivas — elemento nacional propriamente, elemento negro e mestiços delle, elemento indigena e suas combinações, elemento estrangeiro de varias origens e suas misturas. Tomar medidas de conjuncto, deixando de lado esses factores, é empresa inutil por não permittir conclusões mesmo approximadas, e perigosa por induzir em erro.

Não foram mesmo outros os intuitos da lei que eriou os impropriamente chamados "gabinete de psychologia experimental", nas Escolas Normaes Secundarias; basta que se examinem as *fichas* adoptadas entre nós para se verificar desde logo a grande superioridade dos dados puramente somaticos, sobre as indicações de natureza psychologica.

Além disso, quando o M. D. Governo de S. Paulo entendeu convinha orientar a acção dos professores paulistas para uma pedagogia melhor, mais efficiente pelas suas bases psychicas experimentaes, adoptou as normas da tendencia italiana e con-

tractou o sr. prof. dr. Ugo Pizzoli, autor de muitos trabalhos já conhecidos, para dirigir um curso de "Pedagogia Scientifica" a mestres primarios e secundarios, directores de escolas, *et coetera*, curso esse com chamada diaria, programma, exames finais obrigatorios, notas e diplomas, official portanto.

Ora os que acompanharam as lições do entusiasta scientista de Milão puderam vêr que elle dava um desenvolvimento enorme ao estudo da parte physica e da parte physiologica da eriança, — pontos de vista estes que dominavam as aulas —, denominando "psychologia" apenas as questões referentes á educação dos orgãos dos sentidos e a pouco mais do que isso, facto aliás já notado pelo eminente psychologo italiano dr. Morselli, conforme se lê em Gaston Richard "Pédagogie Expérimentale" — 1.a edição — 1911, pag. 2 e 3.

S. Carlos, agosto de 1917.

CARLOS DA SILVEIRA.

NOTAS DE SCIENCIA

A REEDUCAÇÃO DOS SURDOS DA GUERRA

Que poderão fazer a medicina e a pedagogia em beneficio dos surdos da guerra? E' o que se trata de ver hoje nos varios centros de reeducação dos surdos mudos, que ha um anno se vêm fundando em França, e nos quaes professores especialistas da materia seguem dia a dia o gráu da enfermidade e o progresso da cura sobre soldados surdos de todas as categorias. Os methodos que hoje se adoptam para a cura pedagogia da surdez — lemos na *Révue Scientifique* — são tres: reeducação auditiva vocal; leitura sobre os labios e orthophonia.

A reeducação auditiva pôde prestar serviços consideraveis na maior parte dos casos em que a audição não se enfraqueceu muito, mas não poderá nunca realisar o prodigio de fazer com que um ouvido mais ou menos affectado chegue a ouvir como

antes da surdez. A acuidade da audição não depende sómente do poder de percepção do ouvido, mas tambem da facultade de comprehender certas sensações, que antes eram do dominio do inconsciente, e que supprem a deficiencia do individuo sujeito agora a novas condições. Essa facultade pôde ser desenvolvida como pôde ser aperfeiçoado o estado moral; e taes são, justamente, os objectivos a que se propõe chegar a reeducação auditiva vocal. O surdo reeducado pôde chegar a tirar o melhor proveito da sua facultade auditiva enfraquecida. E' assim, por exemplo, que um soldado meio surdo após tres mezes de tratamento dizia: "Não creio que ouça mais do que antes, mas sei valer-me melhor da audição que me resta." Em poucas semanas havia readquirido a orientação auditiva, a qual, se elle estivesse abandonado a si mesmo, sómente readquiriria após muitos mezes. O que parece mais provavel é que a reeducação não é mais do que uma arte de adaptação a sensações que restam no individuo. Ha, porém, outro methodo, que emprega não mais a palavra, mas instrumentos. Tal é o methodo do dr. Marage, que inventou uma sereia para reeducar os surdos. Os resultados obtidos por elle são, porém, muito discutíveis. A leitura pelos labios presta grandes serviços a todos os surdos da guerra, porque lhes proporciona um meio pratico de se subtrahirem ao isolamento, sempre funesto aos surdos, por causa da depressão moral que occasionam. Muitos surdos, quando chegam aos centros de reeducação, confessam ter tido já a idéia do suicidio. Após algumas semanas de cura, porém, vendo que lhes restava ainda um ultimo recurso que não conheciam até então, sentem-se completamente transformados. E esses homens ainda jovens, na maior parte, aprendem a arte subtil de ler as palavras nos labios com facilidade tal, a surprender todos quantos antes da guerra se dedicavam a esse ensino. O dr. Marage não nega a utilidade da leitura nos labios, mas faz a respeito algumas reservas. Para elle,

esse tratamento não é senão um paliativo comparavel ao methodo Braille da escripta para os cegos, o qual substitue o tacto á vista, como a leitura labial substituiria a vista ao ouvido. Isso, porém, não impede reconhecer que o methodo Braille tenha prestado aos cegos mais serviços que a sciencia medica, como a leitura labial prestará aos surdos, enquanto a othologia não encontre remedios para a surdez. O dr. Marage preferiria limitar essa leitura aos affectados da surdez completa, entendendo que ella é nociva aos outros, pois, impedindo-os de escutar, lhes occasiona a atrophia de um organo que poderia ter um resto de actividade. E acrescenta que poderia citar exemplos typicos. E' preciso, porém, observar-se que os exemplos não podem ser convincentes, porque na surdez a aggravação do mal é um facto commum. Os surdos, com o andar do tempo, se tornam mais surdos ainda, faça o que fizer o medico; como affirmar, pois, que essa aggravação depende unicamente da leitura nos labios? Além disso, esta não é, nem deve ser praticada de modo exclusivo, antes, com os surdos incompletos se deve ter a precaução de fazer todos os dias exercicios de audição pura, afim de se manter o ouvido em estado de actividade funcional. E' conveniente falar sempre que seja possível, de maneira que o ouvido possa perceber os sons. A' opinião do dr. Marage não se associam os drs. Lannois e Chavanne, os quaes dizem que os surdos lêem nos labios instinctivamente. Esses dois especialistas chegam ás conclusões seguintes: as lições de leitura nos labios são as unicas verdadeiramente uteis aos surdos incuraveis. Este methodo, que promette menos do que o dos exercicios acusticos, mantem, porém, as suas promessas e basta para poupar aos mutilados do ouvido o silencio da surdez." Do mesmo parecer é o dr. Moutet. O dr. Lubet Barbon, no seu relatório sobre o funcionamento do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Paris, distingue duas categorias de mutilados do ouvido: a) — os surdos completos, aos

quaes foi ensinada sómente a leitura nos labios; b) — os surdos incompletos, que seguiram, além desse, outros methodos de reeducação auditiva. Quanto á primeira categoria, os resultados têm sido absolutamente satisfactorios: em tres mezes esses infelizes puderam entrar em contacto com os seus semelhantes, com o que lucrou muito o seu moral. Não são, entretanto, comparaveis a esses, os resultados obtidos por meio da reeducação auricular, tendo os proprios professores declarado que essa reeducação exige mais tempo. Nas suas conclusões, o dr. Lubet Barbon affirma que é preciso insistir sobretudo sobre a leitura labial, por causa das necessidades presentes, e do grande numero de doentes, o que impõe a obrigação de procurar os mais rapidos resultados.

O methodo da orthophonia tem sido seguido só excepcionalmente, com os surdos da guerra. A surdez destes, embora completa, é muito recente ainda para que possam ter-se produzido deformações importantes na sua palavra, phenomeno que sobrevem geralmente sómente alguns annos depois. Mas se a orthophonia não tem podido ser utilizada com grande numero de soldados surdos, ella presta entretanto reaes serviços aos mudos, e aos surdos-mudos da guerra, e tambem a uma categoria inteira de mutilados, os mutilados da face, mais numerosos do que era licito suppôr no principio das hostilidades. Existem ainda os surdos-mudos e cegos.

A todos esses infelizes podem ser applicados os processos adoptados nas escolas dos surdos-mudos, onde o methodo oral é empregado. Sobre alguns delles se obtem, com o auxilio da natureza, do repouso e dos curativos medicos, resultados muito satisfactorios.

A PREPARAÇÃO SCIENTIFICA

A preparação de um paiz não consiste sómente na possibilidade de repellir invasões inimigas nem em possuir formidaveis exercitos e marinha fortissima. Tudo isto são ele-



mentos necessarios e de primeira importancia, mas em ultima analyse não passam de instrumentos que, embora collossaes, podem afinal ser inuteis se não forem perfeitos. O que importa verdadeiramente — diz um collaborador da *Yale Review*, — é que estes instrumentos tenham uma efficacia e um grau de perfeição superiores aos das outras nações. Essa superioridade não pôde ser devida senão ao trabalho intellectual dos homens cultos que organisam e fazem agir o complicado mechanismo bellico, e' neste campo, no desenvolvimento dos preciosissimos dotes intellectuaes, que a preparação de um paiz devia intensificar-se e alargar-se. Sem menoscabar as sublimes qualidades do patriotismo e da coragem individual, é preciso comtudo reconhecer que salvo poucas exceções, todos os cidadãos as possuem em maior ou menor grau. Ha, porém, qualidades que existem desenvolvissimas em poucos individuos, ao passo que escasseiam na collectividade. Se existem nos individuos, é logico suppôr que taes qualidades poderiam cultivar-se e diffundir-se tambem nas massas. Assim, cultivar-as e diffundil-as deveria ser um dos objectivos principaes da preparação nacional.

Os dotes intellectuaes, que se manifestam por trabalhos materiaes, mas que em conjuncto se chamam organização, contribuem mais para o successo do que as qualidades puramente espirituaes, como o heroismo. E' assim, por exemplo, que as estatisticas demonstram que, para cada soldado que combate na linha de batalha, houve cinco trabalhadores que o puzeram em estado de combater. Sem esta collaboração o heroismo do combatente seria inutil, redundando num sacrificio sem resultado. Isso demonstra a importancia da cooperação industrial que seria impossivel sem uma adequada preparação scientifica. De resto, o enorme valor pratico desta tem sido demonstrado justamente pela Alemanha, a qual deve ao trabalho scientifico a força que a mantem ainda de pé.

Para elevar o nivel da educação nacional, é essencial antes de tudo que se reconheça a sua importancia e o seu valor pratico, mesmo do ponto de vista militar. Da intensificação da escola, especialmente da escola technica e profissional, poderão brotar invenções e descobertas taes a dar uma notavel superioridade militar sobre os outros povos. No campo da aeronautica, da navegação submarina, da radiotelegraphia, ha muito ainda a descobrir e a aperfeiçoar. As applicações praticas destas modernissimas invenções estão ainda na sua infancia. O aeroplano, futuro meio de transporte e locomoção, está ainda, relativamente, no mesmo estado em que se encontrava o primeiro transatlantico ideado por Fuller. Pode-se dizer o mesmo de todos os outros ramos do progresso, nos quaes jovens estudiosos, educados segundo methodos scientificos modernos, desbastados de preconceito e animados de sagrada chamma de um patriotismo bem entendido, poderão prestar serviços preciosissimos, não só ao proprio paiz mas a toda a humanidade.

E' de lembrar-se que as experiencias de laboratorio realisadas por alguns scientists allemães com um puro objectivo de investigação scientifica, sobre a liquefação dos gases, sobre a synthese do ammoniaco, do hydrogenio e do azoto, deram em resultado tornar a Allemanha absolutamente independente do estrangeiro no que concerne aos adubos chimicos e aos explosivos, na composição dos quaes, como é sabido, o ammoniaco e o acido nitrico desempenham papel importante. E é de notar-se ainda que numerosas descobertas scientificas, mais tarde utilizadas e valorisadas pela industria, foram devidas a estudiosos que se propunham exclusivamente a uma investigação de laboratorio, sem nenhum pensamento de ganho, e sem mesmo suspeitar que a sua descoberta teria o desenvolvimento e as applicações praticas posteriores. A liquefação do ar foi por muito tempo considerada como um divertimento de gabinete de physica, sem nenhum valor pratico, e mesmo a

oxydação do ammoniaco para produzir ácido nítrico no início não ultrapassou o limiar do laboratorio chimico, porque o ácido nítrico resultante da combinação valia menos commercialmente do que o ammoniaco. Entretanto, essas descobertas iniciaes aperfeiçoadas e genialmente applicadas á industria têm agora uma importancia preponderante na economia das nações.

Estes exemplos poderiam multiplicar-se ao infinito, demonstrando todos a grande importancia que têm as investigações scientificas, na preparação pratica dos povos que almejam o progresso e a felicidade.

M. P.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

COTEGIPE

Celebrou-se em 1915 o centenario do nascimento do barão de Cotegipe, um dos estadistas de maior nomeada do Brasil imperial e aquelle, depois de Rio Branco pae, cujo nome se acha vinculado á extincção do captivoiro, de quem a memoria melhor se conserva entre as classes menos esclarecidas, mercê da funda e geral impressão causada pelo seu vaticínio do desaparecimento do regimen monarchico, motivado pelo modo por que o throno levou a cabo, sem respeito aos interesses conservadores, a grande reforma economica e social da abolição do elemento servil. Cotegipe foi de facto um homem de Estado dotado de argucia, de descortino e de previsão, e foi especialmente um diplomata no sentido mais largo da palavra, não no de mero executor com mais ou menos geito de ordens recebidas, mas no de inspirador de actos e gestos de que se avoca a responsabilidade.

Seu campo de acção foi naturalmente o Rio da Prata, onde nossos interesses são mais directos, e mais importantes eram então, quando o

Brasil, grande potencia comparativamente á porção das chamadas "republichetas" que o rodeavam, fazia e que costumam fazer todas as grandes potencias — desejava conservar essas nações menores numa condição de relativa inferioridade que lhe assegurasse para sempre o primado internacional na America do Sul. Dahi a defesa estrenua da soberania do Paraguay e do Uruguay contra as tentativas e pretensões de absorpção argentina, fundadas, como é sabido, numa tradição de governo colonial. Se o Brasil, cujo vice-reinado não comprehendia o Pará-Maranhão, englobou a Amazonia, não parecia fóra de proposito que Buenos Aires continuasse a ser capital de todo o vice-reinado do Prata, tornado independente.

Não era o amor ás pequenas nações que ditava tal proceder. Cotegipe perguntava num dos seus discursos do Senado se seria "uma especie de cavalheirismo, de don-qui-xotismo politico, sustentarmos o principio da integridade do Uruguay e do Paraguay?"

E elle proprio respondia que não, "que era o nosso interesse nacional immediato: aquelles Estados são dois parachoques; impedem o dos dois outros paizes." Era portanto a preocupação da propria grandeza, que não comportava ou antes não supportava a grandeza alheia.

Tiveram afinal as duas grandezas que se harmonizar sob pena de chocarem, do que resultou o estado actual de equilibrio que não ha razão para que se não prolongue indefinidamente, porque cada um dos dois paizes, Brasil e Argentina, possui um campo vasto de expansão onde se exercerem suas actividades. A Argentina, senhora de si, isto é, dos seus destinos, já não tem motivos para desconfianças e receios, e o Brasil já não dispõe com relação a ella dos mesmos meios efficazes de intervenção e do mesmo efficiente prestigio. Approximaram-se portanto os dois, e da approximação proveu logicamente a concordia. Cotegipe teve porém de arcar com a má vontade aguda anterior a esse periodo de acalmção, numa occasião em que

a expansão argentina visou o Chaco paraguayo.

Foi o peor momento das nossas relações, e da habilidade e vigor com que se houve o negociador brasileiro ficou uma impressão duradoura. O momento parecia aliás unico para as ambições argentinas: a Republica do Paraguay sem elementos de resistencia; a do Uruguay enfraquecida pela guerra civil; a Bolivia fraca e allegando os argentinos direitos seus incontestaveis a duas de suas provincias." Com o seu natural scepticismo consolidado pela longa experiencia dos negocios publicos, Cotegipe não se fazia illusões sobre aquellas ambições, que reputava ingenuas em todos os argentinos. "Eu respondo, dizia elle, áquelles que affirmam que Mitre e seu partido pensam diversamente que são "nuances". Uns querem ver se conseguem por jeito o que outros pretendem pela força." Para garantir de algum modo o futuro do Paraguay, incapaz de defender por si sua independencia, é que o visconde do Rio Branco tinha aventado sua neutralisação; mesmo para justificar com ella a prohibição de poder o Paraguay levantar fortificações á margem do rio, prohibição que se pensava tornar extensiva á ilha argentina de Martin Garcia.

Este episodio da vida diplomatica de Cotegipe — sua missão ao Prata e ao Paraguay — acha-se tratado com maior desenvolvimento do que qualquer outro na conferencia que sobre o estadista do Imperio pronunciou no Instituto Historico da Bahia, em sessão commemorativa, seu genro e antigo governador do Estado, dr. Araujo Pinho. A conferencia, redigida em bem estylo academico, poz em contribuição, muito menos, contudo do que seria para desejar, o archivo particular deixado pelo eminente homem publico.

As cartas privadas dão immenso valor a qualquer estudo historico; não porque ellas revelem tudo, mas porque o deixam perceber, e a verdade nellas transparece mais facilmente do que nos papeis officiaes. São, portanto, indispensaveis para a comprehensão exacta de uma época e

das suas personagens, comtanto, bem entendido, que as utilize o interprete com o necessario criterio. E' por isso lastimavel que tantos archivos de homens publicos do Brasil se tenham extraviado sem delles poder o estudioso colher informações interessantes sobre o passado nacional. Joaquim Nabuco não teria podido escrever a excellente biographia paterna que é antes a historia do segundo reinado, se o velho senador Nabuco não tivesse sido um optimo archivista dos seus proprios papeis.

Faltam igualmente a quem quer escrever sobre historia no Brasil os subsidios representados pelas "memorias" dos contemporaneos, que tão viva podem tornar a evocação de um dado periodo e dos seus typos representativos. Cotegipe, por exemplo, tem que ser localizado nos salões fluminense de 1850 a 1890; não porque elle houvesse sido um "dandy" como Maciel Monteiro, mas porque foi um homem de sociedade, e o "mundo" que dahi derivou deu-lhe incontestavel superioridade sobre a raça de politicos bisonhos e cambestros de que o Brasil é prodigo. — Oliveira Lima — *O Estado de São Paulo* — S. Paulo).

OS HERÓES DO SERTÃO

Já é tempo de darmos a sua categoria hierarchica na série e seu papel na época em que vieram, aos grandes vultos de bandeirantes nossos que principalmente e mais fundo penetraram, picando, devastando, desbravando o coração do alto Brasil, quando outros, com exagero de gloria em nossos dias, então pouco se distanciavam da linha de contorno o littoral, arranhando as immedições das praias como carangueijos, na bem conhecida mas sempre suggestiva e pittoresca phrase de frei Vicente Salvador.

Imbuidos da leitura dos nossos se-dições chronistas coloniaes, mais em destaque, de mais facil aquisição, quasi todos os ensaistas historiadores, philosophos e poetas contemporan os se fizeram ou fazem pregoeiros de insignificantes interpezas sertanis-



tas que nem de longe se podem comparar, quanto mais igualarem ou excederem em audácia e grandeza, ás de esquecidos ou desdenhados sertanistas que linhas adiante, com justiça envidaremos tirar de um como que systematico ostracismo historico, neste momento precisamente de tão pronunciada tendencia para o estudo das nossas cousas nacionalistas, dos páramos do interior, particularmente.

Goyaz e Mato Grosso possuem terras que precisam ser novamente descobertas — e antes que isto succeda, não esqueçamos, por justiça e gratidão, os nomes dos seus primeiros desbravadores.

E' justo, é preciso destacar hieraticamente as figuras legendarias dos primeiros descobridores, melhor dito, restaurar o culto a um genero de heróes que floresceram nos primeiros dias de expansão da nacionalidade brasileira, dando-nos o espectáculo dessa epopéa que nos enche de asombro: a descoberta dos sertões do interior — Goyaz e Mato Grosso.

Não menos injusto é dar-se a uns, exageros de gloria que outros maiores, desconheceraem nos annaes da historia.

As decantadas façanhas de Parc Lopes, Adorno, F. Chaves e mais outros, que apenas penetraram poucas leguas dos sertões proximos á costa, e só por isso ficaram famanazes nas chronicas da época, carecem de importancia, comparadas ás de uma dezena de bandeirantes paulistanos, como, por exemplo, Antonio Pires de Campos, Antonio Pedroso de Alvarenga, Manuel Corrêa, Paschoal Paes, Amaro Leite, para não falar dos dous *Anhanguéras*, pae e filho que, como se sabe, foram dos mais antigos sertanistas de Goyaz.

Sob o ponto de vista da civilização, como do económico, a entrada de Fernão Dias Paes Leme em busca das Esmeraldas ao norte de Minas Geraes, resulta menos importante do que qualquer uma das empreendidas pelos sertanistas, cujos nomes tão olvidados, alludimos acima.

No emtanto, o nome do "Caçador de Esmeraldas", que aliás não merecemos, por justiça e equidade,

ahi está consagrado como typo masculino de bandeirante paulista, chegou ao apogéo da gloria — foi decantado em magnificos alexandrinos na lyra inspirada de ardor patriotico de um dos nossos maiores poetas contemporaneos.

Chronologicamente os sertões de Goyaz e Mato Grosso foram devassados antes dos de Minas Geraes — e este asserto aqui segue escripto por um historiador de ineontestavel merito e reconhecido sabedor das cousas antigas do Brasil Central:

"Posto inverosimil, certissimo é que as terras de Mato Grosso e Goyaz foram conhecidas muitos annos antes que esta nossa, em que se erigiu mais tarde a Capitania das Minas Geraes.

Em communicções francas desde o principio do seculo 17.o já Buenos Aires commerciava com o Perú; e as casas ricas de S. Paulo ornavam-se de cópas de prata assim como as capellas de alfaias importadas de Potosi.

Os paulistas, pois, suppondo com razão que taes minérios deveriam existir nas regiões limitrophes do velho Imperio dos Incas, cujo acervo de metaes preciosos foi o que mais rico se achou neste mundo, deitaram para lá suas esperanças, e abriram caminho até aos mais remotos confins da terra devoluta, da qual não retrocederam, senão a força de ameaças, tendentes a se não turbar a posse do Rei de Castella e de não se provocar com isto a guerra entre vizinhos, já tão indispostos por outros motivos.

Por outras razões, os aventureiros que andavam á busca de Indios, não mediam distancias, e não paravam diante de obstaculos; pelo que, paizes remotos, ficaram conhecidos bem antes que outros mais approximados." (Diogo de Vasconcellos — *Historia Antiga de Minas-Geraes*).

Estas primeiras jornadas para o nosso *Far-West*, devemol-as e a ninguém é licito ignorar, aos heroicos filhos dos Campos de Piratininga — os pro-homens do sertão — pertence ao genio paulista, que no dizer de Sylvio Romero é o filho mais velho da civilização e da organização bra-



sileira, adiantou-se mais de um século ao Brasil inteiro.

“O rythmo da civilisação nacional — accrescenta o notavel publicista — é avançar para o oeste e dominar o grande corpo do paiz.

S. Paulo antecedeu a todos nessa direcção: foi o primeiro que pizou o sertão e delle se apoderou.

Nesse oeste maravilhoso, onde estão as terras roxas, que lhe dão a riqueza, elle plantou tenda antes dos mais.

Chegou até a funcionar como agentes, descobridor, como devastador de terras, dando-as a outros, terras que vieram desenvolver — Minas Geraes, Goyaz e Mato Grosso.”

Entre os archi-bandeirantes paulistas, um ha para o qual os nossos ensaistas recentes não lhe fizeram ainda mais ligeira menção ás innumeradas proezas praticadas nos sertões bravios de Goyaz e Mato Grosso.

Referimo-nos ao capitão-mór de bandeira, Antonio Pires de Campos, que ainda menino acompanhava já uma bandeira aos Martyrios de Araés, em companhia de seu pae, que o levava para o industriar e habilitar-o ás rudezas do sertão, onde com o seu companheiro da meninice Bartholomeu Bueno, o *Anhangüera*, de 12 annos de idade brincava jogando dados, cujos tentos vermelhos eram pedacinhos de ouro, que colhiam nas areias do Rio das Mortes, entre os mais bem figurados... (Henrique Silva — *A Informação Goyana*, Rio de Janeiro).

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

A AUTORIÁ DA “ARTE DE FURTAR”

A *Arte de furtar* é um livro de autoria desconhecida, e um dos melhores exemplares da prosa portugueza. De leitura amena e facil (coisa rara entre os rigidos classicos da lingua), é uma alegre satyra dos costumes inconcessos e sordidos do tempo. Só podia ser escripta por um homem de espirito, jovial e chisto-

so e, provavelmente, *má lingua* e desbocado.

Quando o livro appareceu foi attribuido ao padre Vieira, pelas qualidades de elegancia e primores de linguagem. A attribuição era falsa; e, depois de vigorosa polemica bem documentada e instruida dos melhores informes, ficou demonstrada a van e estulta conjectura.

Não se conformaram, naturalmente, com este julgado, os editores, que viam naquella fraude, desde então até hoje, um immenso e inextinguivel reclamo e chamariz ás especulações de livraria.

Ninguem, todavia, acredita, agora, na autoria do padre Vieira.

Ficou a questão aberta a desafiar a curiosidade de eruditos e bibliophilos que sempre andam á cata desses problemas. Quando editei, ha onze annos, em 1906, uma reimpressão da *Arte de furtar* para a casa Garnier, expuz toda essa questão até o ponto em que jazia, duvidosa e insolúvel.

Apreciando as opiniões dos meus predecessores, e pesando-as sem intuitos de revelar a verdadeira incognita, inclinei-me ao parecer de Cunha Rivara, bibliothecario de Evora, que attribuia a Thomé Pinheiro da Veiga, a autoria do famoso livro.

Na época, era este Thomé Pinheiro um deslenguado, espirito *fino*, *arguto* e *ironico*. E essas qualidades concorriam no autor (quem quer que elle fosse), da *Arte de furtar*.

Parecia, pois, que um e outro, tal vez, fossem o mesmo. Nada mais.

De Thomé Pinheiro da Veiga, só se conhecia uma obra manuscripta, multiplicada em varias cópias, e nenhuma dellas autographica; e eis por que eu escrevia:

“A publicação da *Fastigimia* (de Thomé Pinheiro) provavelmente contribuirá para resolver este problema ou para nos approximar cada vez mais da solução verdadeira.

A *Fastigimia* foi realmente publicada alguns annos depois por Bruno, um dos bons serviços deste escriptor douto e muito lido, mas embaraçado e confuso, sem lucidez e sem ordem. A *Fastigimia* veio confirmar a cri-



tica de Rivara, quanto a *elegancia*, a *critica fina*, a *ironia* e ás vezes a *satyra*.

Assim, no meu conceito, a opinião de Rivara ganhou novo alento e se eu tivesse de reimprimir a *Arte de furtar* acerescentaria esse juizo, formado a *posteriori*, fortalecido pela leitura da *Fastigimia*. Os dois livros são semelhantes por todos os aspectos, pelo estylo, pela graça, pelo chiste e por terrivel maledicencia.

Ha tempos, e antes disso, Camillo Castello Branco contestava a auctoridade de Thomé Pinheiro, fundando-se numa amphibologia grammatical que demonstrei sem cabida, á vista do texto e da chronologia; e fundava-se ainda Camillo na seguinte phrase que ocorre na *Arte de furtar*:

"Disse muito bem o doutor Thomé Pinheiro da Veiga, que em tudo é discreto, respondendo a uma petição!!!"

Camillo disse que seria *insolita vaidade* falar um autor de si mesmo naquelles termos. Não m'o pareceu, e escrevi que o homem provavelmente falava por ironia, sendo tido, como o era, por maldizente e leviano.

Tive o prazer de achar confirmada mais tarde essa conjectura quando Bruno editou a *Fastigimia*. Lá se depara a mesma coisa: Thomé da Veiga fala de si nos mesmos termos, a paginas 250:

"Para que é mais? Eu que sou *discretissimo* nunca trouxe mantéos abertos."

Não é a igualdade ou semelhança de textos que prova coisa alguma; é a preocupação do sujeito tido por indiscreto que tem sempre o cuidado de rebater a offensa *dizendo-se discretissimo*.

Isto parece indicar que a presumpção de Rivara, que tornei minha, tem fundamentos valiosos (João Ribeiro — *O Imparcial*, Rio de Janeiro).

GOMES LEAL

Em uma varanda alta de um primeiro andar, uma figura se destaca em plena luz, banhada pelos raios de ouro do sol que vae alternando as

violencias do seu colorido magnifico e orgulhoso. E' um homem. E' um velho. Reconheço-o. E' um poeta. Porventura o maior que Portugal tem tido ha meio seculo. O seu perfil recorta-se em negro sobre a fachada de azulejos brancos. Uma velha e comprida sobrecasaca parece envolvel-o, amarrotada e larga, mais como uma mortalha negra que como o traje de um homem vivo. Na cabeça um chapéu preto, de abas largas. Só a sua face resplandecia. O sol concentrou-se nella. Dir-se-hia o rosto amarelo de um idolo. Elle olha para o sol que além se vae escondendo; o seu olhar é fixo; percebe-se que nada mais o interessa, que a nada mais attende. Em baixo, um bando de rapazes fita-o de vez em quando com pasmo. Ha na sua attitude a apparencia de um louco? Não sei. O que ha certamente é alguma coisa que nos subjuga, que nos emociona. Quantos são aquelles que, em Lisboa, das frestas das trapeiras ou das janellas dos palacios olham assim para o sol, como para um amigo que lhes diz adeus?

Reconheço-o. E' um poeta. E' um amigo. Saúdo-o. Mas elle não me vê. E eu desisto de o perturbar na sua contemplação muda do sol que declina. Talvez encontre nesse declinio do sol uma analogia com a sua propria existencia. Porque esse poeta, que foi um grande poeta, esse poeta é Gomes Leal. Ruína de si mesmo, ha muito que o seu juizo entrou na phase crepuscular. Elle olha para o sol. Vê-o abaixar, enfraquecer, dentro em pouco desaparecerá. E' o que succede a esse altissimo artista em rimas, e a sua figura que tanto parece a de um velho reitor de aldeia, empenhado em espalhar consolações sobre as almas, como a de um Zorrilla, cantando os castellos que desabam nas lendas, a sua figura toma proporções de um symbolo. Elle já veste de negro, como a noite; elle já está meio coberto das sombras escuras que ainda não suffocaram o rei dos astros. De mãos apoiadas na grade da varanda, dir-se-hia que assiste á viva representação do seu drama pessoal. O sol

apaga-se. O seu juizo tambem se apagou.

Porventura uma saudade o pungirá, ao pensar que o sol renascera amanhã dos abysmos em que se subverteu, e o seu genio não pode resurgir como elle. Mas esse genio permanece, illuminando consciencias, em perenne devoção perante elle. Quem conhece Gomes Leal? Quem sabe mesmo já que elle vive? A sua actividade cessou. Ficaram, porém, os seus admiraveis poemas. Ficou a *Historia de Jesus*, ficaram as *Claridades do Sul*, a recordação das satyras sublimes da *Traição* e do *Hereje*; certos trechos inimitaveis da "Mulher de Luto" — do *Anti-Christo*. Felix Arvers teve uma estatua por um soneto. Gomes Leal poderia ter uma avenida em que a sua estatua se reproduzisse, esculpida no marmore ou no bronze. Elle vive, ignorado, ruina de si proprio, arrasando uma existencia crepuscular. Mas o Gomes Leal dos bellos tempos do estro vigoroso, ardente, que não cederia ante a inspiração de um Musset; da imagem bizarra e fulgurante que não desmerecia perante as impressões extranhas de Baudelaire; da fantasia original e viva que podia figurar ao lado da de Hoffman, ou da de Poe, ou da de Gerard de Nerval, esse Gomes Leal não perdeu o brilho da sua gloria. A sua juventude é constante, não enfraqueceu, não envelhece. E' como o sol. A noite occulta-o; prende-o nas suas gehennas; mas elle vae na mente dos mortaes, onde os seus raios eternamente flammejam.

Curiosa figura de que não posso arredar os olhos! Ella é realmente a figura de um poeta. Entre nós, ha muito que nenhuma assim realisou a concepção que do vate fórma a imaginação dos que admiram e amam, através da arte, a imagem visionada do artista. Quasi todos os poetas em Portugal — refiro-me aos consagrados, refiro-me aos que deixam, não apenas um lampejo, mas viva uma constellação de formosos raios do espirito — quasi todos os poetas em Portugal não são unicamente poetas. Embora tomando esses recursos como uma mecanica de garantir ou

illustrar a vida, uns têm fortuna pessoal que lhes garante a existencia burgueza, outros pedem á politica os hafejos de uma outra aura, outros ainda resignam-se ás situações proletarias dos assalariados do Estado ou das empresas particulares, e devo tambem mencionar os que em outras profissões liberaes procuram os meios indispensaveis á vida. Guerra Junqueiro é rico, Thomaz Ribeiro foi um vulto politico, Bulhão Pato vivia de um pequeno emprego publico, Gomes Leal, não. Nunca foi outra coisa senão um poeta. Nunca pensou senão em fazer versos. Crianca ainda, seu pae collocou-o no cartorio de um tabellião. Foi expulso porque escrevia versos no papel selado. Houve um tempo em que roçou de leve a politica. Não o tentou. Auxiliou as idéas da liberdade com os seus cantos. Nada mais. No jornalismo, muito embora nos seus cartões de vista sempre se designasse como jornalista, a sua passagem foi fugaz.

Poeta, só poeta, sempre poeta! Mesmo a sua actual phase religiosa é devida, estou certo disto, não só á dôr da perda da mãe estremecida, que o deixou só no mundo, mas ainda ás tendencias da sua poesia. Como Huysmans, de resto, bem o denuncia nos seus livros, o mysticismo de Gomes Leal é feito de belleza esthetica. Sobretudo o que elle vê na religião é a figura purissima, idealissima, da Virgem. Não podia haver concepção mais poetica. Nada podia a imaginação humana de mais casto, de mais puro, de mais bello. Para Gomes Leal a religião é a Virgem. Deprehende-se bem da sua *Senhora da Melancholia*. Como nos admiraremos da sua quêda no mysticismo absorvente, quando a razão bruxoleou nelle grande e sensível espirito, ao peso de uma dor inarravel? Até atheus têm cantado a Virgem. Não a cantou Theophilo Braga? Não cahiram de joelhos, diante da formosura sem par do seu symbolo, robustas consciencias como a de Anthero de Quental? Diante da Virgem, as palavras irreverentes, se chegam a sahir dos labios, já não representam uma convicção forte do

espírito, mas uma especie de fanfarronada sacrilega. Ella não chega, com os passos tragicos do commendador, para castigar a impiedade de d. João. Chega com um sorriso, e não seria um sorriso que levou Richopin a renegar as *Blasphemias*?

Tudo isto eu pensava em frente da janella onde Gomes Leal, immovel, com a sua sobrecasaca de velho padre e o seu chapéu de *quaker*, olhava fixamente para o sol. Tudo isto eu pensei em um minuto. O crepusculo descia cada vez mais. Os seus ultimos raios de ouro tornaram a face branca daquelle velho dourada como a de um deus. Tristeza, paz, uma agonia doce e tranquillã, tudo isso dizia a hora mysteriosa e formidavel. Segui. Consolava-me agora a idéa de que, finalmente, Portugal não deixava morrer na miseria um grande poeta. Tanta vez eu clamara que era preciso deixar á porta de Gomes Leal o seu pão, coberto das flores da homenagem e amor da sua patria agradecida. Outro grande poeta fôra o iniciador dessa campanha glorificadora para o paiz: Guerra Junqueiro, cuja luminosa alma jámais se cegou com o pensamento de qualquer rivalidade. Fica na sua varanda, junto dos vasos de flores, poeta singular, consolador das nossas almas, nosso guia para ideaes inatingiveis! A nossa consciencia está tão louca como a tua. Vive em paz. Morre em paz — (Mayer Garção — *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro).

ANTONIO FEIJÓ

Ao tempo em que Antonio Feijó frequentava a Faculdade de Direito, na Universidade de Coimbra, havia na rua do Rego d'Agua, que ligava o largo de S. João ao da Feira, um barbeiro, mestre Ignacio Barradas, se a memoria me não falla, homem de pouco mais de meia idade, palrador infatigavel e profissional "emerito nas duas artes concomitantes, como elle dizia, da esthetica pilosa humana: o córte

de cabellos e a escanhoação das barbas..."

Emquanto movia e repinicava por musica a tesoura que herdara de sua veneranda mãe, a Parca fria, ou emquanto rapava a primor a queixada de uma victima imbelles, mestre Ignacio contava anecdotas, dava novidades em primeira e segunda mão, expunha as suas impressões literarias e defendia as suas convicções politicas: mestre Ignacio era miguelistã da pá virada.

A casa de mestre Ignacio Barradas, não era um salão de luxo; ao contrario, tinha um aspecto medievall, tanto ou quanto rebarbativo, sendo, como era, o Figaro predilecto da rapaziada de poucos haveres, dos bohemios incorrigiveis, que antes do dia 12 já tinham sacrificado todo o patrimonio mensal no panno verde do Salvador, uma espelunca de tavolagem que demorava ali pela rua das Covas, á esquerda de quem desee para a Sé Velha.

Não era rico de bolsa, o Figaro da rua do Rego d'Agua, mas, como era da raça de Harpagão, emprestava dinheiro aos rapazes, do dia 15 em diante, a juro barato: dez tostões de cada vez para receber quinze no fim do mez, com fiador idoneo, ou dezoito, sem fiador.

E tinha freguezia...

Em um terceiro andar do predio fronteiro ao salão de mestre Ignacio Barradas, moravam, em companhia de sua velha mãe, senhora pobre, mas virtuosa e boa, tres meninas encantadoras, loiras, muito brancas, muitos delgadas de corpo, mas elegantes e extremamente sympathicas na modestia attrahente que as distinguia e na formosura simples, delicada e morbida.

Chamava-se a mãe: D. Maria Ana da Silva, e desse apellido vieram as pequenas a ser conhecidas dos estudantes pela antonomasia de — meninas Silvinhas.

Viviam aquellas quatro creaturas, no seu terceiro andar, na trapeira do predio, com frente para o largo de S. João e entrada pela rua do Rego d'Agua, no trabalho constante e indefesso da costura p'r'amor de ganhar a vida, como é cos-

tume dizer, mas perdendo-a lentamente, como parece mais certo.

Toda a gente conhecia as Silvínhas e lhes tributava o maximo respeito: não houve jámais quem se atrevesse a erguer para aquellas suavissimas creaturas um olhar, sequer, de tentação.

E não era raro ver nas ruas de Coimbra, quando ellas iam a passeio ao Jardim Botânico ou para as bandas da Estrada da Beira, a mais velha com a mamã e as duas mais novas á frente, não era raro ver um estudante destracçar respeitosamente a capa num gesto de galanteio, num cumprimento attencioso e fidalgo, á virtude e á belleza que passavam.

Adoeceu uma dellas, a mais velha; e tal doença foi que, ao cahir das folhas, entraram as faces a empallidecer, os olhos a encovar, a tosse secca a rebentar-lhe o peito e a febre a accender todos os dias, por volta do sol-posto, duas roseatas vermelhas nas faces muito brancas, ao mesmo tempo que lhe crestava os labios, reduzindo as carnes daquelle corpo, em que lentamente se estiolava uma alma de eleição.

Vendo-a um dia passar, em pleno viço de mocidade e de saúde, Joaquim Araujo disse daquelle encantadora creatura:

“Possue as cousas mais bellas,
mais puras e mais formosas:
um corpo feito d'estrellas
e uma alma feita de rosas”.

Outro poeta, brasileiro, por signal, ao vel-a no Jardim Botânico, á sombra da Avenida das Tílias, quando já lhe começava a fugir a vida, escreveu:

“Na frente pura e maguada
tinha a triste morbidez
de uma rosa amortalhada
em rendas de pallidez.
No seu purissimo olhar,
havia aquella doçura
qua a morna luz do luar
projecta sobre a verdura.

Tinha tão loiro o cabello
e de tal fôrma annellado
que o rosto puro e nevado
mais correcto que um modelo,
parecia um busto de gelo
de fios d'ouro cercado”.

Quasi ao fim do outomno, poucos dias depois de recomeçados os trabalhos escolares na Universidade, quando já se fazia ouvir a voz monotona e somnolenta da “Cabra”, correu pela “Alta” a dolorosa noticia: havia morrido, ao entardecer, a mais velha das Silvínhas, uma das graças encantadoras daquelle grupo que a rapaziada irrequieta e turbulenta, mas sempre fidalga e gentil, se acostumara a ver passar pelas tardes maravilhosas de outubro, a caminho do Penedo da Saudade, do Choupal ou da Riba de Santa Clara, á busca de ar lavado e puro, que os seus pulmões, já traçoceiramente feridos, pudessem respirar.

Sumira-se lentamente aquella vida de flor, estiolara-se aos poucos aquella encantadora figurinha de marfim e ouro, como se fôra uma vela de cera que a chamma houvesse devorado vagarosamente, numa tristeza prolongada e bruxoleante.

No dia seguinte, lá foi o corpo a descansar para sempre na solidão do Pio, entre os cyprestes e as casuarinas, ao alto da encosta de Mont'Arroyo, naquelle cemiterio tão cheio de recordações, de poesia, de flores e de mocidades desfeitas na terra amiga, e a evolvarem-se depois em perfumes e seiva.

Acompanhando o feretro da morta encantadora, iam os estudantes, de capas negras pendentes dos hombros, homenagem das almas bohemias, áquelle alma de rosa que emigrara.

E Antonio Feijó, poeta de um suave lyrismo, repassado de um largo sopro de inspiração por vezes subindo a irmanar-se com Banville e Gauthier, escreveu o soneto — “Pallida e loira” — que dedicou á memoria da morta angelical, que todos os rapazes sabiam

de côr, que se fez celebre em Coimbra, que toda a imprensa de Portugal reproduziu, que teve traductores em varios idiomas e que ha de ficar na poesia portugueza como joia das mais apreciadas:

“Morreu. Deitada no caixão estreito,
[treito,
pallida e loira, muito loira e fria,
o seu labio tristissimo sorria
como num sonho virginal desfeito.

Lyrrio que murcha ao despontar do
[dia,
foi descancar no derradeiro leito,
as mãos de neve erguidas sobre o
[peito,
pallida e loira, muito loira e fria.

Tinha a côr da rainha das balladas
e das monjas antigas, maceradas,
no pequenoo esquite em que dormia.

Levou-a a Morte eem sua garra
[adunca!
E eu nunca mais pude esquecel-a,
[nunca:
pallida e loira, muito loira e fria!”

No dia seguinte, mestre Ignacio Barradas leu o soneto que um jornal da cidade publicara ao descrever a solennidade funebre do enterro.

Mestre Ignacio não se conteve e criticou os decasylabos de Antonio Feijó.

Estes poetas, dizia elle entre indignado e piedoso, estes poetas não tomam tento na bola; andam sempre no mundo da lua e mentem por quantos póros têm. Eu bem sei que a familia é pobre, que a Sra. D. Maria vive do seu trabalho e da costura das filhas, mas não é tanta a pobreza como o Dr. Antonio Feijó quer inculcar neste soneto...

— Mas onde viu você isso ó mestre Ignacio? — perguntou-lhe o Santos Mello.

— Aqui está no soneto...

— Deixe ver, pediu-lhe o Santos Mello, erguendo a cabeça e voltando a cara ensaboada...

E mestre Ignacio Barradas retorquin-lhe:

— Ora essa! Cá está:

“Morreu deitada num caixão estreito,
[treito”,

E' falso: a pequena morreu na cama em que sempre dormio, e não em um caixão estreito, como diz o Feijó.

Eu conheço bem a familia e quando a pobresita morreu, fui lá levar os meus sentimentos á Sra. D. Maria, mais ás duas irmãs da fallecida e ainda vi o corpo da pequena deitado na mesma cama em que tinha dado a alma a Deus...

— Mas, mestre Ignacio... — quiz atalhar o Santos Mello...

— Não tem mas, nem porém, contrarestou mestre Ignacio; eu bem sei que os poetas têm certas licenças, mas assim também é demais porque a verdade é que a pequena morreu na cama e não no caixão estreito.

Eu fui testemunha.

Quando o Santos Mello relatou ao poeta a critica de mestre Ignacio, Antonio Feijó sorriu e no mesmo instante escreveu esta quadra com que o barbeiro miguelista corecoveo:

Ignacio, quando morreres,
irás direito ao enxurro
que o Pio não come carne
de mula, cavallo e burro”.

Hoje 33 annos depois, folheando o velho compendio de Direito Ecclesiastico Portuguez, do Dr. Paiva Pitta, lente da cadeira, encontrei, em uma pagina, aquelle epigramma de Antonio Feijó, escripto a lapis pelo punho do Santos Mello.

Mortos ambos!

Como o tempo foge e a saudade envelhece! — (Pinto da Rocha — *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro).

O IMPOSTO TERRITORIAL

A necessidade de uma reforma radical dos systemas tributarios vigentes tem sido reconhecida em todo o mundo. Em toda a parte os grandes estadistas e os estudiosos de questões economicas apontam essa necessidade como primordial. E já varios paizes se resolveram a atacal-a de frente, sem mais se deterem em discussões byzantinas.

E' certo que na Europa qualquer reforma profunda é mais difficil do que nos paizes novos. O mecanismo das instituições é mais amplo, mais velho, mais complicado, mais lento. Entretanto, lá mesmo o imposto uni-co faz proselytos. Deve saber que, ha annos já, o primeiro ministro inglez, Lloyd George, é partidario dessa reforma, e bem antes da guerra lutava por implantal-a na Gran Bretanha. A resistencia dos lords, grandes possuidores de terras, foi, como era natural, terrivel. Mas Lloyd George venceu-os. Venceu-os, é claro, porque a causa era boa. Lloyd George conseguiu que a Camara autorisasse uma avaliação geral dos bens de raiz — trabalho que foi interrompido pela guerra.

Lloyd George é um dos paladinos deste movimento, como o foi esse outro grande estadista, já morto, Henry Campbell-Bannerman.

Foi este que, depois da guerra sul-africana, deu aos "boers" a autonomia politica e a independencia economica — o direito de resolverem os seus problemas nacionaes por si mesmos e o direito de arrecadarem as sua rendas pela fórmula que mais conviesse aos habitantes, collocando-os assim nas mesmas condições das demais partes autonomas do Império Britannico, Canadá, Australia e Nova Zelandia.

Estas colonias são, na verdade, paizes autonomos. O governo da metropole não intervem de modo algum nas respectivas administrações. Todas ellas têm camaras que fazem as leis que julgam necessarias e nenhuma contribuição pagam ao governo do Imperio. Gosando da maxima liberdade, e longe dos mercados da Europa, os habitantes da Nova Zelandia foram os primeiros a reconhecer a irrationalidade dos systemas tributarios que equivalem a verdadeiras multas sobre a produção de riqueza, os melhoramentos dos campos e os surtos da iniciativa particular. Lá, como em todos os paizes, existiam grandes proprietarios de terra, que as conservavam incultas, como objecto de mera especulação commercial. Os impostos recahiam sobre os que trabalhavam; os im-

postos castigavam a actividade dos que produziam. Quando Henry George, visitando a Australia, fez conferencias de propaganda em Sydney, produziu uma impressão enorme nos seus ouvintes, que eram multidão. O resultado foi uma lei gravando o valor da terra sem melhorias, e desonerando de impostos os productos... Quem possuia terras cultivadas nada pagava pelos productos que obtinha. Quem tinha terras pagava uma taxa sobre o respectivo valor venal. Era uma redistribuição das contribuições ao Estado e aos municipios. Qual foi o effeito? O effeito immediato foi um augmento de produção. Ninguém mais teve medo de plantar os seus campos ou os seus terrenos nas cidades e povoações, ao passo que aquelles que possuíam terras ~~em~~ repousou se viram forçados a fazel-as produzir, ou a pagar uma multa em fórmula de imposto territorial.

Vendo o progresso que entrou a desenvolver-se no Nova Zelandia, os vizinhos trataram logo de a imitar. Dentro de poucos annos os legisladores provinciales de Queensland reformaram o seu systema tributario; depois, os da Australia do Oeste, os da Australia do Sul e os de Nova Galles do Sul. Quer melhor prova? E não é tudo. O Canadá, em estreito contacto commercial com a Nova Zelandia mediante as linhas de vapores que viajam de Melbourne a Sydney (Australia) e de Washington a Auckland (Nova Zelandia) a Vancouver, impressionou-se com o desenvolvimento dos paizes que haviam adoptado a reforma e começou a estudar o assumpto. Hoje, o imposto territorial é praticamente a unica fonte de renda nas provincias da Columbia Britannica e Alberta, quer para o governo geral de cada uma, quer para os dos seus municipios.

A prova mais eloquente de que os contribuintes se conformam é a seguinte: como resultado de uma reunião de grande numero de agricultores e criadores do noroeste canadense, 14.244 delles firmaram uma representação ao governo federal do Canadá pedindo a suppressão das al-

fandegas e apontando a terra como fonte de toda a renda necessaria aos serviços publicos. O governo federal tinha em estudos a materia dessa representação, quando, em 1914, reventou a guerra, e toda legislação de ordem social ficou paralyzada, a espera da paz. Não ha duvidas, porém, quanto ao resultado da campanha reformadora. Os Estados do Oeste, onde vigora o imposto territorial, têm na propria população a maior partidaria da reforma. Essa população cresce rapidamente, e em breve terá grande peso nas votações para a legislatura federal do Dominion.

Mas as provas dos effeitos beneficos da reforma não se limitam aos paizes de lingua ingleza. Aqui tem um exemplo interessante: ha annos, quando os allemães tomaram Kiau-Chau, o governador nomeado adoptou como base das contribuições o valor da terra. O effeito foi immediato e maravilhoso. Dentro de pouco tempo Kiau-Chau passou, na escala da importancia, entre as terras do Imperio, do 17.º ao 5.º lugar!

Ora, vejamos o que se podia fazer em S. Paulo.

A produção de S. Paulo é de café, cereaes, assucar, algodão, carne, além de outros generos de menor importancia. Mas a economia e o bem estar do Estado repousam principalmente sobre o café. O café é o grande sustentaculo da fortuna publica e da particular, e é o centro em torno do qual tudo gravita. Conheço as estatisticas. Ora, em face disto, seria de esperar-se que o poder publico tratasse, com o maximo empenho, de augmentar o consumo do café. Todo commerciante sabe que o melhor meio de propaganda, para qualquer artigo, é collocar-o ao alcance do maior numero possivel de consumidores. Para isso é essencial que o preço seja modico. Parece, porém, que os homens publicos de S. Paulo têm outras idéas, porque por intermedio dos impostos se encarece o producto em cerca de 30 por cento! Ha uma taxa de 5 francos por sacca exportada; ha 9 p. c. sobre uma pauta arbitraria até 38-40 p. c. acima do valor actual; ha um

gravame por meio do imposto sobre o frete ferroviario, que, incidindo sobre tudo quanto o lavrador consome, tende a encarecer ainda mais a mão de obra, e ha os impostos sobre o material das estradas, — o que tudo redundo em prejuizo do produtor; e ha ainda um augmento de 33 % sobre cada sacca, por intermedio do proteccionismo a uma industria completamente ficticia, a ponto de utilizar materia prima importada. Mercê de tudo isso, quando o café, como hoje, vale 5\$ ou 5\$100 por 10 kilos, que é que fica para os productores?...

Pois bem. Esses impostos todos são pagos pelos que trabalham. Os que possuem terras incultas não pagam nada. São protegidos na sua inação, enquanto os que dispendem energias, capitaes, trabalho, sangue e suor, ainda carregam com as despesas da communhão. A propaganda mais efficaz que se poderia fazer em favor do café seria tirar-lhe de cima os impostos que o encarecem e pô-lo assim ao alcance dos milhões de trabalhadores de todo o mundo, não como artigo de luxo, que é hoje, mas como artigo de primeira necessidade.

As difficuldades da substituição dos impostos actuaes pelo territorial reduzem-se a bem pouco. Ha quem diga que é necessario um cadastro; mas não ha tal. Na Australia implantou-se a reforma sem cadastro — pela simples declaração do proprietario. O dono de um immovel deve saber o valor do mesmo, e ao declarar-o ao fisco deve submeter-se á condição de vêr a sua propriedade expropriada por utilidade publica a um preço, por exemplo, 15 a 20 p. c. acima daquelle valor. Não ha melhor avaliador no mundo que o proprietario mesmo, e não ha meio melhor de conseguir uma avaliação justa e veridica do que collocar o proprietario entre a obrigação de pagar um imposto e o direito do Estado de expropriar o immovel por utilidade publica, por um preço superior á avaliação.

As avaliações seriam fixadas mediante documento publico, e a cada contribuinte ficaria sempre a oppor-

tunidade de verificar quanto pagou o seu vizinho. Ninguém poderia proteger o proprietário de um terreno que tivesse de avaliar-se pelo seu valor venal; o publico e especialmente os vizinhos se encarregariam de velar pela equidade da avaliação, exigindo a expropriação no caso de essa ter sido feita visivelmente mais baixa do que devia. Quanto a perseguições, não me parece possível que as haja. Desde que o proprietario declare o justo valor do seu terreno, que lhe poderá acontecer? Note que esse proprietario, sendo-o de terrenos com melhoramentos, virá a pagar menos, pelo imposto territorial, do que paga actualmente pela penca de impostos que o affligem. O valor do imposto, para a municipalidade, não poderá exceder de 10 a 12 POR MIL.

Em Montevidéu, quando se construíram os caminhos macadamizados que alli existem entre a cidade e as praias de Pocitos e Ramirez, o governo adoptou para esse serviço uma contribuição territorial. Procedeu á avaliação dos terrenos e começou as obras conservando o direito de expropriar com 10 p. e. de augmento e concedendo aos donos o de corrigir as avaliações por meio de declarações juradas. O resultado foi magnifico para o erario. Os donos, com receio do fisco, deram aos seus terrenos tal valor que o erario percebeu 300 p. e. mais do que a somma calculada pelos engenheiros.

A municipalidade de Montevidéu colhe hoje uma renda muitissimo maior do que a calculada e dispõe de fundos para enfrentar os seus compromissos e ainda augmentar os beneficios ao conforto da população. O exemplo de Montevidéu é outra comprovação das vantagens do imposto territorial — "sobre o valor da terra livre de melhorias."

A julgar pela experiencia de outros paizes, seria melhor começar pelos municipios, munindo-se estes de capacidade para arrecadarem a sua renda por meio de um imposto sobre o valor da terra. Em seguida, procederiam elles desde logo ao "empadronamento" das propriedades existentes no seu territorio, e quando esse trabalho fosse concluido, ao

cabo de seis mezes ou de um anno, principiariam a cobrar o novo imposto, eliminando os indirectos.

Dahi adviriam duas vantagens: a primeira é que a todos se patentearia a conveniencia da eliminação dos multiplos impostos actuaes e sua substituição pelo territorial, — conveniencia para as finanças da municipalidade, para o desenvolvimento dos serviços publicos a seu cargo, para o progresso economico da cidade e para o bem estar da população; a segunda é que, uma vez adoptado pelos municipios o novo imposto, e eliminados os outros, o Estado poderia sem o menor sobresalto imitá-los, aproveitando o trabalho de avaliação já feito pelas camaras. — (Charles N. Macintosh, da Liga Argentina do Imposto Unico — entrevista com o *Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

A CONFEDERAÇÃO LUSO-BRASILEIRA

A solidarisação de Portugal com o Brasil é hoje mais do que nunca uma questão de ordem do dia. Não é uma ideia inteiramente nova a confederação luso-brasileira, visto que já Sylvio Romero a formulara. Consiglieri Pedroso, por exemplo, propunha em 1909, um accôrdo que se baseava nos laços de sangue, de raça, em aspirações communs, em interesses de ordem economica, etc. Para effectivar o seu projecto, Pedroso propunha a realisação de congressos periodicos luso-brasileiros, alternadamente em Lisboa e no Rio, tratados de commercio e arbitragem, linhas de navegação, entrepostos nas capitães dos dois paizes, unificação, ou, pelo menos, harmonisação da legislação civil e commercial dos dois paizes, equivalencia de diplomas scientificos, etc. Quasi na mesma data em que Consiglieri Pedroso propunha o seu accôrdo, mas pouco antes, em 1908, o dr. Coelho de Carvalho, numa sessão da Academia das Sciencias de Lisboa, lia a copia de uma carta que D. Luiz da Cunha, embaixador de Portugal em França no reinado

de D. João V, dirigira a Marco Antonio de Azevedo Coutinho, pedindo-lhe que o aconselhasse ao rei a que mudasse a côrte para o Brasil, e preconizando o Rio de Janeiro para a capital do Imperio Portuguez.

Infelizmente, porém, com a prematura morte de Consiglieri Pedroso succedeu ao projectado accôrdo o que não raras vezes succede mesmo ás mais promissoras iniciativas. Faltando-lhe quem pelo seu prestigio e cultura e pela sua esforçada propaganda mais fecundamente a encarnava, a ideia foi aos poucos esquecendo para só agora ser de novo agitada como um dos problemas que mais interessam, não só á nossa vida economica e ás relações commerciaes entre as duas republicas — Portugal e Brasil, — mas aos proprios destinos da nossa raça no velho e novo continente. A ideia de um simples accôrdo ou alliança tem entretanto, deixado o Brasil e Portugal um pouco indifferentes. E' vemos o succedido ás varias tentativas para um tratado de commercio e ás projectadas linhas de navegação. Nada se tem conseguido e nem vale a pena insistir sobre as razões desse insuccesso. A ideia de uma confederação, essa sim, não poderá deixar de impor-se á attenção de brasileiros e portuguezes, mormente nesta occasião e que se jogam nos campos de batalha os destinos das nações ou para melhor dizermos, das differentes raças que procuram alicerçar em novas bases os seus respectivos agrupamentos. São innegaveis as vantagens.

Basta olhar o mappa para que dellas nós certifiquemos. De um lado e de outro do Atlantico, que vemos? Numa extensissima margem da America austral, o Brasil; quasi em frente, na costa africana, a vasta colonia portugueza de Angola; e entre as duas, como um mar lusitano, o Atlantico-Sul. Numa zona de navegação commum ao Brasil e á Africa Occidental, o archipelago de Cabo Verde. E mais ao norte, como pontos de escala em rotas differentes — os Açores e a Madeira. E, no ponto de convergencia de innumeradas linhas de navega-

ção, como vasto entreposto commercial dos productos de Portugal e Brasil, o amplo e magnifico porto de Lisboa! E não é tudo porque, sobre esses simples dados de ordem geographica, quantas outras considerações de ordem economica, politica e social, em defesa da minha ideia? E depois, pela parte que nos toca, a nós outros portuguezes, cumpre-nos hoje, mais do que nunca, velar pelo futuro da nossa raça. Perante as incertezas da hora presente, é-nos licito perguntar o que succederá, depois da guerra, na sua vida economica, nas suas relações internacionaes e nas suas condições de existencia, ás pequenas nacionalidades? Não sei; mas o que vejo e o que mais se accentúa desde o ultimo quartel do seculo passado, com a expansão colonial da Inglaterra e da França, com o despertar do Japão para a civilização moderna e o seu latente imperialismo, com a hegemonia que os Estados Unidos se propõem exercer sobre o continente americano, adoptando como lemma o celebre principio de Monróe — a America para os americanos — com o pan-germanismo da Alemanha, o pan-slavismo da Russia, o pan-iberismo da Hespanha, ainda ha pouco formulado por Romañones, o que mais se accentúa e recentes factos ainda mais confirmam, é a tendencia para os grandes agrupamentos de povos, Estados e nacionalidades sob uma só bandeira, e tendo como base, ou o territorio, ou a raça, ou interesses de ordem economica.

Não ha um só imperialismo, mas imperialismo de varia especie — imperialismo colonial, imperialismo geographico e imperialismo de ordem ethnica, implicando cada um delles uma solução differente. Ora, se ha um imperialismo de ordem ethnica, que não é bem o imperialismo inglez, como tambem não é o imperialismo americano, mas sim aquelles a que aspiram germanos, slavos e iberos, porque se não ha-de tambem, e com melhores razões, levantar, em Portugal e no Brasil, o problema do lusitanismo? Que outro agrupamento ethnico apresenta, como o que é constituido por portu-

guezes e brasileiros, uma maior unidade de pensar e sentir, mais intimas affinidades de ordem affectiva e mais ajustaveis superficies de cohesão? Ligados no passado por glorias e tradições communs, porque não hão-de, portuguezes e brasileiros, unindo os seus destinos, constituir uma nova e grande Lusitania? Portugal seria, na Europa, o centro de irradiação, a *fons gentium* da raça lusitana, e o Brasil, onde o seu esforço e o seu genio tão intensamente se vivificam e florecem, seria na America o seu vasto e fecundo corpo de expansão... E assim constituido, com solidos pontos de apoio, em todos os vastos territorios onde se fala a lingua portugueza, o grande Imperio Lusitano, estendendo a sua influencia e a sua acção a todos os continentes, pedia, enfim, sobre os destinos da humanidade, como uma grande força civilisadora. E' certo que para a solução do problema muitas são as difficuldades e a maior de todas é a de encontrar a formula constitucional e juridica que, sem susceptibilisar os justificados brios dos dois povos, consiga enfim resolver o problema da sua completa unificação. E' um problema para estudo e que se não pôde levantar, convenio, de uma maneira definitiva, sem previamente se saber como esta ideia será acolhida no Brasil, onde aliás já conta um grande numero de valiosos elementos, como os conta tambem em Portugal, em differetes classes e *élites*. E' certo tambem que, para definitiva solução do problema, se terá de attender não só á sua viabilidade, quanto aos dois paizes, Portugal e Brasil, como ainda á sua acceitação pelas outras nações do mundo. (Dr. Bettencourt Rodrigues, entrevista com J. de B. — *Atlantida*, Lisboa).

A INSTRUÇÃO TECHNICA EM PORTUGAL

A guerra actual veio evidenciar os perigos a que estão sujeitos os paizes que descuram o aproveitamento de suas riquezas e as facultades

de trabalho dos seus filhos, conformando-se com a modesta situação de consumidores dos productos da industria alheia. Exhaurem-se economicamente em favor das nações que os alimentam, transformando-se pouco a pouco em collectividades parasytarias, cuja vida economica é feita de expedientes que mais e mais as depauperam e degradam material e moralmente. Se paizes industriaes como a Inglaterra e a França se preocupam com afan com a maior expansão a dar ás suas industrias, terminada que seja a guerra, não será descabido discutir os meios a empregar para que a nossa diminuta actividade industrial se desenvolva. E' evidente que para o realizar se torna necessaria a collaboração de dois factores indispensaveis: uma politica economica que permita o desenvolvimento e a introdução de industrias viaveis no nosso paiz, e uma boa organização das escolas especiaes para produzirem os technicos que á sombra de uma sabia legislação possam impulsionar o desenvolvimento industrial. A conveniente legislação economica é evidentemente assumpto complexo que deve ser estudado pelos economistas interessados em que o paiz progrida, traduzido em leis pelos politicos patriotas, que deveriam ser postas em execução sem os mil byantinismos habituaes da nossa burocracia.

Os principios a que deve obedecer a organização do nosso ensino são intuitivos e banaes, embora nem sempre observados entre nós: nem todos são bastante patriotas para comprehender, por exemplo, que a escola deve existir para bem do paiz e não ser a instrucção pretexto para albergar afilhados. Na formação do engenheiro, entram dois elementos distinctos: a instrucção scientifica e a educação technica. O primeiro elemento é constituido pelas multiplas noções scientificas que servem de base á technica e cujo conhecimento é indispensavel para a resolução dos problemas profissionaes. O ensino deve ser acompanhado de exercicios dos methodos pelos quaes se attingiu o conhecimento das verdades fundamentaes da sciencia e se descobrem

diariamente novas verdades. O ensino racional das sciencias mathematicas e physicas e dos seus methodos vale não só por si mas pelo desenvolvimento que dá ás faculdades e á disciplina mental do alumno. E' muito essencial entre nós prestar a maior attenção ao ensino do desenho, elemento educativo de primeira importancia, mas tão deploravelmente descurado nos programmas da instrução primaria e secundaria. O saber tirar o maior partido dos conhecimentos adquiridos é, em todas as profissões, condição essencial de successo na vida; por isso a educação pela aquisição de habitos salutarres deveria preoccupar o corpo docente de todas as escolas. A educação pratica de laboratorio e officinas na escola technica tem um duplo fim: levar o alumno a *toucher du doigt* os phenomenos scientificos em que se baseia a sua profissão para desenvolver as faculdades de observação, a autonomia mental e o interesse pela sciencia, que não dão o ensino verbalista; e adquirir habitos que reagindo sobre o seu ser o eduquem, isto é o modifiquem no sentido que mais convem ao exercicio da sua profissão. A escola technica deve preparar o alumno de tal modo que ao abandonal-a para entrar na vida pratica este se não sinta um momento sequer deslocado. E' essa, em linhas geraes, a orientação a que obedecem a instrução e a educação technicas fornecidas pelo Instituto Superior Technico. Muito ha a fazer ainda para que essa escola tenha attingido a perfeição compativel com as nossas circumstancias. No emtanto, os alumnos que concluíram os seus cursos têm encontrado facil collocação na industria particular, que não dá empregos de favor a ninguem.

A collaboração do Instituto Superior Technico no desenvolvimento da nossa industria pode muito bem ir além da missão de fornecer-lhe alumnos com uma preparação escolar cuidada. Devia comprehender a de estudar em casos especiaes os problemas de natureza scientifica, a que o labor corrente dos estabelecimentos indus-

trias não permite geralmente prestar muita attenção.

Assim o Instituto collaboraria na medida das suas forças no levantamento da industria nacional, não só fornecendo-lhe technicos com uma preparação cuidada, mas tambem resolvendo-lhe problemas de que depende o seu desenvolvimento indicados pela propria industria, criando ao mesmo tempo engenheiros especializados para os diversos ramos da actividade profissional que nós faltam quasi por completo. (Alfredo Bensaúde — *A Aguiá*, Porto).

A COOPERAÇÃO AGRICOLA NA ALLEMANHA

Uma semana justamente depois de rebenatar a guerra europea, decretou-se na Allemanha uma lei, afim de estabelecer o preço maximo dos generos de primeira necessidade, isto é, os alimentos, as forragens e materias primas. Isso queria dizer que a Allemanha comprehendia duas coisas: ser possivel uma longa duração da guerra, e ser inutil regulamentar os preços dos objectos trabalhados sem regulamentar antes o preço das materias primas. Quando os inglezes se convenceram da prolongação da guerra, trataram de encurtal-a com o bloqueio maritimo, mas ficaram surpresos com a resistencia allemã. Ha motivo para crêr que o governo allemão tenha exaggerado a gravidade do bloqueio, em parte para alimentar o odio particular contra a Inglaterra e para tornar mais evidente a necessidade das limitações dos consumos, em parte tambem para attrahir a sympathia dos neutros. "Os nossos inimigos saberão, disse von Westarp num relatorio, que o seu desejo de dominar pela fome uma nação de setenta milhões de homens, mulheres e creanças, foi frustrado graças á habilidade das nossas providencias." Que podemos saber, por emquanto, recorrendo ao passado agricola da Allemanha, aos decretos hodiernos e aos artigos dos principaes periodicos.

Durante quasi quarenta annos a agricultura allemã tem tido progresso continuo. Deve-se esse progresso em grande parte aos aperfeiçoamentos technicos introduzidos no trabalho agricola. Esses aperfeiçoamentos seriam tambem conseguidos na Inglaterra, mas o que nos falta é um meio de communicacão entre os centros scientificos experimentaes e o agricultor. Este lê pouco, e se lê ou ouve lições e conferencias, não fica por isso persuadido do que lhe dizem, supondo-o mais pura theoria. Por essa razão é que os folhetos de propaganda e os cursos instructivos se tornam inuteis ou quasi. Ha necessidade de um methodo intensivo de organisação, dos quaes podemos ter um exemplo nos systemas allemães.

Existem na Allemanha dois typos de entidades que são intermediarias entre o camponez e quem o instrue ou tem negocio com elle: as Camaras de Agricultura, semi-officiaes, situadas em quasi todas as provincias, e as sociedades cooperativas de credito ou de commercio, inteiramente voluntarias, espalhadas aos milhares em todo o Imperio. Das primeiras, fala extensamente J. R. Cahill, no seu Relatório ao "Board of Agriculture" de 1913. Foram fundadas pelo Parlamento prussiano em 1894 para encorajar os agricultores durante a depressão agricola de então; rapidamente se espalharam pelo Imperio, e em 1914 se encontravam em todas as provincias. O objectivo dellas é o progresso technico e economico da zona em que se acham, progresso que se póde attingir por meio da organisação, da educação agricola e da cooperação; tomam parte na fiscalisação dos mercados de cereaes, annotam os preços, dirigem as estações experimentaes e a criação de gado, occupam-se das permutas de trabalho agricola, distribuem os terrenos concedidos pelo Estado, afim de serem utilizados pela agricultura. Instituições activissimas, as Camaras de Agricultura mantêm um pessoal technico viajante, escriptorios de infirmação, agencias de venda de gado, e formaram, congregan-

do-se, o Escriptorio Central para Vendas de Gado e o Mercado de Gado, de Berlim. O dinheiro com que se mantêm as Camaras de Agricultura provém das taxas applicadas a todos os agricultores que têm uma certa renda, attingindo algumas entradas á somma de vinte mil ilbras esterlinas. Fazem parte della sómente agricultores independentes ou pessoas de segura experiencia agricola, sendo os seus representantes nomeados pelos conselhos das provincias. Assim se acha ligado o governo com as sociedades cooperativas locais e consequentemente com os pequenos proprietarios. As Camaras de Agricultura mostraram quanto são uteis recebendo durante a guerra as communicacões governamentaes, propondo modificações necessarias, transmittindo as ordens ao paiz e fiscalizando a execução dellas.

Vejamos agora o desenvolvimento e a importancia das sociedades cooperativas, a maior parte das quaes são filiadas á União Imperial ou *Reichsverband*. São estas as informacões interessantes, que se encontram no *Berliner Tageblatt* de 26 de Outubro de 1916: a União comprehendia, a 1 de Junho de 1916, 28,752 sociedades cooperativas, das quaes 97 eram sociedades centraes ou federações, 17,825 bancos de economia e de credito, 2,867 sociedades de fornecimento, 3,594 leiterias e 4,369 sociedades de varias especies. O total dos socios é de cerca de 2.600.000.

Segundo o *Vossische Zeitung*, as compras de coisas necessarias á agricultura por parte das sociedades cooperativas attingiram, em 1916, á somma de 259.000.000 de marcos, as vendas a 459.000.000 de marcos, ao passo que no anno antecedente tinham estas attingido sómente a 303.000.000 de marcos.

Quatro problemas principaes se apresentaram á Allemanha com o prolongamento da guerra: a distribuição dos alimentos, as providencias a respeito das provisões de batatas, os emprestimos de guerra, e a politica alimentar relativa especialmente ao trigo, á carne, ao lei-

te e lacticínios. Na solução destes problemas tomaram parte de maneira notável as sociedades cooperativas guiadas pelas camaras de agricultura. No principio da guerra, e antes que o governo allemão recorresse ás sociedades, erros graves foram commettidos. Quando, por exemplo, começaram a escassear os generos alimentícios, foram mortos todos os suínos, com grave prejuizo para o paiz, e tal foi o descontentamento occasionado pelas providencias relativas ás batatas, que o governo foi obrigado a crear o lugar de Dietador dos viveres. Mas esses inconvenientes se eliminaram quando o governo recorreu ás sociedades cooperativas: para as forragens, o governo confiou a sua distribuição e commercio á *Bezugsvereinigung*, fundada em 1901, a qual, segundo parece, desempenha bem a sua commissão; quanto ás batatas, foi instituida uma repartição central, subordinada ao chanceller do Imperio, que realisa o seu trabalho mediante auxilio das cooperativas. O paiz foi dividido em districtos de duas especies: districtos onde o producto excedia ás procuras e districtos onde succedia o contrario. Os primeiros deviam, depois de ter provido ás necessidades do exercito, pôr de parte o excedente, que era destinado aos segundos. Se tal systema devesse ser implantado *ex-novo* com a guerra, as queixas da população seriam grandes; mas assim não foi, graças á organização das sociedades cooperativas.

Além de tudo isso, as sociedades cooperativas tiveram papel importante quando se tratou de regular a distribuição e os preços dos generos de consumo. As autoridades governamentaes haviam confiado muito no systema de estabelecer preços máximos e mínimos, mas logo se viu que essa providencia resultava illusoria, por causa da vastidão e das diversidades de condições das varias regiões do Imperio. Quando depois se fixou o preço segundo as localidades, os productos emigravam logo para o lugar onde os preços eram mais altos, occasionando

então abusos e descontentamento entre os agricultores e os habitantes das cidades. Recorreu então o governo ás agencias cooperativas, as quaes se animaram a trabalhar de accordo com as autoridades municipaes. Instituiram-se padarias cooperativas e leiterias cooperativas, e tal foi o resultado do novo systema, que já se projecta continual-b depois da guerra — (Smith-Gordon — *Quarterly Review*, Londres).

MEDICINA E MEDICOS

Falar mal dos medicos e da medicina tornou-se desde os tempos mais antigos um dos lugares mais communs do humorismo, e um habito que se devia tornar inveterato até crear, sobretudo em França, uma especial tradição literaria. Do medico se chegou a fazer mesmo um typo da Comedia da Arte, e os doutores francezes Rondibilis, Diafoirus, Macrotou, Purgon, etc., são ao lado do doutor hespanhol, Sangrado, e do italiano Balanzone, outros tantos illustrissimos medicos, laureados todos na mesma Universidade do humorismo. Na realidade, a escola de Bolonha, como a de Montpellier e a de Tubingen, como a de Saragossa, applicavam na cura dos enfermos doutrinas e methodos tão extranhos, com um apparatus tão pedantesco, e tamanha pompa de sciencia pharmaco-peica, bastante a fazer rir a todos... fora os enfermos.

Se fossemos compendiar todo o mal que se tem dito dos medicos e da medicina, creio que seriam precisos varios volumes de não menor tomo do que aquelles em que fosse recolhido todo o mal que se tem dito das mulheres. Mas da mesma maneira que estas, apesar dos milhares de satyras e de epigrammas compostos contra ellas, continuaram a ser cortejadas pelos homens com o mesmo ardor, assim os medicos e a medicina, apesar de todas as diatribes, continuaram sempre a ser reclamados pelos doentes. E do mesmo modo que as mais ferozes ac-



cusações contra as mulheres foram pronunciadas por mulheres mesmo, as quaes são as primeiras a não quererem ser tratadas por medicas, assim as mais ferinas flechas contra a medicina foram lançadas precisamente por medicos. O illustre clinico lombardo Bucellatti, no seu trabalho *Sulla gotta, la sciatica*, etc., chega a chamar a medicina "uma chimera", cuja base não é menor do que a da astrologia judiciaria, e tratando uma vez da dôr de cabeça, disse: "Tudo quanto temos sabido fazer contra esse mal, foi dar-lhe o nome de *cephaléa*". Muito antes delle, Cornelio Celso tinha escripto: "Summa medicina est non uti medicamentis"; e um outro luminar da sciencia medica, Hofmann, não duvidou acolher na sua "Dissertatio septem leges sanitatis exhibens" o seguinte preceito: "Fuge medicos et medicamenta, si vis esse sanus". O grande Boerhaave, fundador do ensino clinico, chega a pronunciar o grave apophtegma: "Teria sido muito mais util á humanidade que nunca houvesse existido medico algum." Elle fundava essa sua convicção neste dilemma: "Ou a medicina não conseguiu nunca curar as doencas, e nesse caso, se não foi prejudicial, tem sido pelo menos inutil; ou então a medicina tem servido e serve para prolongar a vida aos enfermos, e neste caso, em regra não tem servido nem serve para melhoramento da especie, e portanto, do progresso humano, porque impede a selecção natural da parte mais fraca da humanidade".

As satyras contra os medicos referem-se em sua maioria á medicina de outros tempos, cuja tolícea não é necessario pôr em evidencia. A este respeito basta ver nas Memorias Historicas de Amelot de la Housaye quaes os sapientes curativos que o dr. Bouvard, medico assistente do rei de França Luiz XIII, e provavelmente, portanto, um dos medicos mais acreditados do seu tempo, proporcionava ao seu augusto cliente: só no espaço de um anno, o dr. Bouvard fez ingerir ao desgra-

çado soberano nada menos de 215 medicamentos, ministrando-lhe ainda 212 clysteres! Na verdade devia ser bem robusto Luiz XIII para resistir assim a semelhantes curativos, até os 42 annos, idade em que finalmente... capitulou!

O que ha de verdadeiramente maravilhoso na historia da medicina é que uma "sciencia" desse genero tenha podido ser durante tantos seculos tolerada, razão pela qual não é de surprehender o numero immenso dos epigrammas que lhe foram lançados, e que podem todos ser resumidos na celebre phrase de Montaigne: "Le soleil éclaire les succes des médecins, et la terre couvre leurs fautes!" Aos epigrammas se associa ainda o "folk-lore", por meio do qual se sabe que em muitos paizes ha a crendice de que quando se vê em sonho um medico é preciso logo fazer testamento. Esta crendice é mesmo muito antiga, pois o facto de Andragora, que depois de ter ceiado alegremente com uns amigos, na manha seguinte foi encontrado morto no seu leito, Marcial o explicava com grande simplicidade: "Bastou-lhe ter sonhado durante a noite com o medico Hermocrates!" *In somnis medicum videtur Hermocratem!* Os proverbios populares contém tambem pontas satyricas innumeraveis contra os medicos. Ha, por exemplo, este, inventado pelos hespanhoes: "Para todo hay remedio, si no para el medico", o que, livremente, se pôde traduzir assim: "De todo o perigo a gente se pode salvar; mas quem nos salva do medico?".

Frederico, o Grande, rei da Prussia, falando um dia dos erros da arte medica, em conversa com o dr. Zimmermann, lhe perguntou brevemente:

— Quantas pessoas tereis matado, doutor, em toda a vossa vida?

E o medico, promptamente lhe respondeu:

— Não tantas, como Vossa Magestade... e com muito menor gloria! — (Americo Scarlatti — *Minnerva*, Roma).



AS CARICATURAS DO MEZ

A NOVA RUSSIA



Kerenski — Eu acabo abdicando também.

(*J. Carlos* — "Caretta", Rio de Janeiro)

LEGIÃO FEMININA DA MORTE

"As mulheres russas resolveram partir para a guerra"

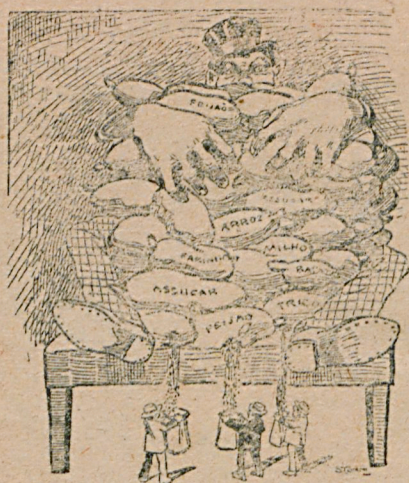
(*Dos Jornaes*)



Os *alemães* — Kamarade!... Kamarade!...

(*J. Carlos* — "Caretta", Rio de Janeiro)

O AÇAMBARCAMENTO DOS GENEROS



Os varejistas — A freguezia fem que pagar as migalhas a peso de ouro ;
nós é que não vamos no prejuizo.

(Storni — "D. Quixote", Rio de Janeiro)

A PAZ



Desta vez ella apresenta-se com as angelicas vestes papaes, mas...
esqueceu-se de tirar o capacete.

(Aryosto — "A Noite", Rio de Janeiro)

O TUTOR



— Vocês podem gritar á vontade. Não irão para a companhia de sua mãe porque a bisavó de sua tataravó era alleman.

(J. Carlos — "Caretá", Rio de Janeiro)

A PAZ HONROSA



Elle — Desde que eu não seja obrigado a "descer da minha dignidade", acceito.

(Calisto — "D. Quixote", Rio de Janeiro)

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

"The London Tailor-Made"

A elegancia suprema do "tailleur" de Londres, a sua simplicidade de linha, e a sua adaptabilidade em todas as occasões é reconhecida por toda senhora conhecedora da arte de se vestir. Nós temos sempre os ultimos modelos em exposiçao, importados directamente de Londres. Convidamos as exmas. sras. paulistas para inspeccional-os sem compromisso de compra.

ARTIGOS FINOS A
PREÇOS MODICOS



MAPPIN STORES

English Tea Room

5 ó clock Tea diariamente,
das 15 $\frac{1}{2}$ ás 17 $\frac{1}{2}$ horas.

— ORCHESTRA —

Rua Quinze de
Novembro, 26

S. PAULO

Wilson Sons & Co. Limited

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Teleg. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES:

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke, etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres
Segudos maritimos e contra fogo

J. B. White & Brothers, Londres
Cimento Portland "J. B. W."

Aberthaw & Rhoose Portland Cement &
Lime Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"

Read Brothers Limited, Londres
Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"

Curtis's & Harvey Ltd., Londres
Dynamite marca "Dragão"

Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres
Chá preto e verde marca "Bond"

William Pearson Ltd., Hull
Creolina, Pacolol e Pacofluido

Andrew Usher & Co., Edinburgo
Whisky "Liqueur"

J. Bollinger, Ay Champagne
Champagne "Bollinger"

P. Virabian & Cie., Marselha
Ladrilhos e Cimento

Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne
Tintas preparadas "Lagoline"

Accetam pedidos para importação directa mediante
modica commissão





AMIDON



ESPLENDOR

Este é o verdadeiro amidon
brilhante, porque brilha como
:: nenhum outro ::

○○○

Industrias Reunidas

F. MATARAZZO

SÃO PAULO

○○○

N. B. — As engommadeiras, quando não quizerem dar brilho aos engommados, não devem empregar o “AMIDON ESPLENDOR”, porque este amido é muito brilhante, e, por isso, proprio para os engommados que requerem brilho. Devem, nesse caso, usar outros amidos, de diversas fabricas do paiz, que se encontram no mercado com a denominação de AMIDO BRILHANTE, — porque estes amidos são brilhantes só no nome, e, aos engommados não communicam o menor brilho.

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os julzes, promotores e delegados de policia. 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373



REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA

A maior, a mais completa, a mais util, a mais lida e a mais interessante revista commercial, economica financeira do Brasil. Collaborada pelos mais eminentes economistas, jurisconsultos e contabilistas brasileiros. Unica publicação nacional que traz os seus leitores ao corrente dos progressos, das necessidades e da situação do commercio, da industria e das finanças do paiz. Já está no seu 3.º anno de publicidade. Responde gratuitamente a quaesquer consultas dos seus assignantes.

Assignatura Annual 10\$000

Envia-se um numero GRATIS a quem o pedir aos

EDITORES: OLEGARIO RIBEIRO & Co.

CAIXA POSTAL, 1172 - SÃO PAULO

Redac.: R. Direita, 27 - Offic.: R. Dr. Abranches, 43

A CAMISARIA PROGRESSO

*É a primeira casa
de roupas brancas.*



*Executa sob me-
dida e com ama-
xima perfeição,
qualquer en-
commenda. :*

*Grande secção
de perfumarias
finas. :: :: ::*



2 - PRAÇA TIRADENTES - 4
TELEPHONE, 1880 - C
RIO DE JANEIRO

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para **CAFÉ** **MANDIOCA**
ARROZ **MILHO**
ASSUCAR **FUBÁ, etc.**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-6

SÃO PAULO

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"

